ALBERTO DE OLIVEIRA

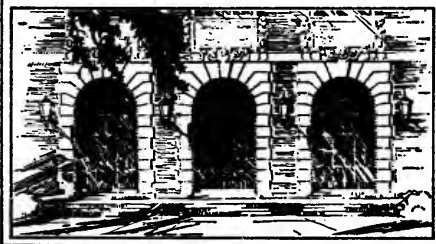
PAGINAS de OURO

DA

Poesia Brasileira

H. GARNIER, EDITOR

PAGINAS DE OURO

DA

POESIA BRASILEIRA

ALBERTO DE OLIVEIRA

PAGINAS DE OURO

DA

POESIA BRASILEIRA

H. GARNIER, LIVREIRO-EDITOR

109, RUA DO OUVIDOR, 109 | 6, RUE DES SAINTS-PÈRES, 6
RIO DE JANEIRO | PARIS

1911

Pensei em fazer um livro ou entretecer de varias especies um florilegio, com que pudesse o professor, ao tratar da literatura brasileira, informar os alumnos, por alguns de seus exemplares mais caracteristicos, do valor dos nossos poetas. As paginas escolhidas sêl-o-iam em ordem a por sua meditação e estudo incutir nos discipulos gosto literario, prestando-se, demais, aos exercicios de leitura expressiva e recitação. Esta parte do apprendizado das boas-letras, é intuitivo, deve prevalecer no ensino ao extravagar theorico ou arida exposição de nomes, datas e miudezas biographicas, cujo resultado as mais vezes é confusão e sobrecarga da memoria, quando não, dada a obrigatoriedade do curso, antipathia e até aversão á materia pelo reiterado esforço de guardal-a de cór.

Relanceando os olhos ás nossas letras, achei desde logo não convir ao ramilhete nenhum specimen da poesia anterior á da chamada escola mineira, ou quanto vegeta no horto classico dos dois primeiros seculos, — poesia onde, excepta a musa irreve-

rente de Gregorio de Mattos, e esta ainda assim só a longe enflorada de graças genuinamente lyricas, não ha quasi onde acertar com a mão na colheita.

Pareceu-me tambem dever adoptar a regra de não incluir na anthologia poetas vivos; sobre natural embaraço na selecção, teria assim de dar maiores dimensões ao presente trabalho.

E com estes intuitos formei pouco a pouco o livro imaginado, que não é meu, senão de muitos poetas, todos concorrendo aqui ao objectivo que me propuz : fazel-os devidamente comprehender e amar.

A. O.

Fr. José de Santa Rita Durão

1717... 1720-1784

CARAMURU

A MORTE DE MOEMA

(Canto VI)

E' fama então que a multidão formosa
Das damas, que Diogo pretendiam,
Vendo avançar-se a náo na via undosa,
E que a esperança de o alcançar perdiam:
Entre as ondas com ancia furiosa
Nadando, o esposo pelo mar seguiam,
E nem tanta agua que fluctua vaga,
O ardor que o peito tem, banhando, apaga.

Copiosa multidão da náo franceza
Corre a ver o espectaculo assombrada;
E ignorando a occasião da estranha empreza,
Pasma da turba feminil, que nada;
Uma, que ás mais precede em gentileza,
Não vinha menos bella, do que irada:
Era Moema, que de inveja geme,
E já visinha á náo, se apega ao leme.

Barbaro (a bella diz) tigre, e não homem...
Porém o tigre por cruel que brame,
Acha forças amor, que emfim o domem;
Só a ti não domou, por mais que eu te ame :
Furias, raios, coriscos, que o ar consomem,
Como não consumis aquelle infame?
Mas pagar tanto amor com tedio, e asco...
Ah ! que o corisco és tu... raio... penhasco.

Bem puderas, cruel, ter sido esquivo,
Quando eu a fé rendia ao teu engano;
Nem me offenderas a escutar-me altivo,
Que é favor, dado a tempo, um desengano :
Porém deixando o coração captivo
Com fazer-te a meus rogos sempre humano,
Fugiste-me, traidor, e desta sorte
Paga meu fino amor tão crua morte?

Tão dura ingratidão menos sentira,
E esse fado cruel doce me fôra,
Se a meu despeito triumphar não vira
Essa indigna, essa infame, essa traidora
Por serva, por escrava te seguira,
Se não temera de chamar senhora
A vil Paraguaçú, que sem que o creia,
Sobre ser-me inferior, é nescia, e feia.

Emfim, tens coração de ver-me afflicta,
Fluctuar moribunda entre estas ondas;
Nem o passado amor teu peito incita
A um ai sómente, com que aos meus respondas !

Barbaro, se esta fé teu peito irrita,
(Disse, vendo-o fugir) ah! não te escondas;
Dispara sobre mim teu cruel raio...
E indo a dizer o mais, cae n'um desmaio.

Perde o lume dos olhos, pasma, e treme,
Pallida a côr, o aspecto moribundo,
Com mão já sem vigor, soltando o leme,
Entre as salsas escumas desce ao fundo,
Mas na onda do mar, que irado freme,
Tornando a apparecer desde o profundo,
Ah! Diogo cruel! disse com magua,
E sem mais vista ser, sorveu-se n'agua.

Claudio Manoel da Costa

1729-1789

SONETOS

Onde estou! Este sitio desconheço;
Quem fez tão differente aquelle prado!
Tudo outra natureza tem tomado;
E em contemplal-o timido esmoreço.

Uma fonte aqui houve; eu não me esqueço
De estar a ella um dia reclinado:
Alli em valle um monte está mudado:
Quanto póde dos annos o progresso!

Arvores aqui vi tão florescentes,
Que faziam perpetua a primavera:
Nem troncos vejo agora decadentes.

Eu me engano: a região esta não era:
Mas que venho a estranhar, se estão presentes
Meus males, com que tudo degenera!

Quem deixa o trato pastoril, amado
Pela ingrata, civil correspondencia,
Ou desconhece o rosto da violencia,
Ou do retiro a paz não tem provado.

Que bem é ver nos campos trasladado
No genio do pastor, o da innocencia!
E que mal é no trato, e na apparencia
Ver sempre o cortezão dissimulado!

Alli respira Amor sinceridade;
Aqui sempre a traição seu rosto encobre;
Um só trata a mentira, outro a verdade.

Alli não ha fortuna, que sossobre;
Aqui quanto se observa, é variedade:
Oh! ventura do rico! Oh! bem do pobre!

Nize? Nize? onde estás? Aonde espera
Achar-te uma alma, que por ti suspira;
Se quanto a vista se dilata, e gira,
Tanto mais de encontrar-te desespera!

Ah! se ao menos teu nome ouvir pudéra
Entre esta aura suave, que respira!
Nize, cuido que diz; mas é mentira.
Nize, cuidei que ouvia; e tal não era.

Grutas, troncos, penhascos da espessura,
Se o meu bem, se a minh'alma em vós se esconde,
Mostrae, mostrae-me a sua formosura.

Nem ao menos o écho me responde!
Ah! como é certa a minha desventura!
Nize? Nize? onde estás? aonde? aonde?

❀

Não vês, Nize, este vento desabrido,
Que arranca os duros troncos? Não vês esta,
Que vem cobrindo o céo, sombra funesta,
Entre o horror de um relampago incendido?

Não vês a cada instante o ar partido
Dessas linhas de fogo? Tudo cresta,
Tudo consome, tudo arraza, e infesta
O raio a cada instante despedido.

Ah! não temas o estrago, que ameaça,
A tormenta fatal; que o céo destina
Vejas mais feia, mais cruel desgraça:

Rasga o meu peito, já que és tão ferina;
Verás a tempestade, que em mim passa;
Conhecerás então o que é ruina.

❀

Ai! Nize amada! se este meu tormento,
Se estes meus sentidissimos gemidos
Lá no teu peito, lá nos teus ouvidos
Achar pudessem brando acolhimento;

Como alegre em servir-te, como attento,
Meus votos tributára agradecidos!
Por seculos de males bem soffridos
Trocára todo o meu contentamento.

Mas se na incontrastavel pedra dura
De teu rigor não ha correspondencia
Para os doces affectos de ternura;

Cesse de meus suspiros a vehemencia;
Que é fazer mais soberba a formosura
Adorar o rigor da resistencia.

Não se passa, meu bem, na noite e dia
Uma hora só, que a misera lembrança
Te não tenha presente na mudança,
Que fez, para meu mal, minha alegria.

Mil imagens debuxa a fantasia,
Com que mais me atormenta e mais me cansa:
Pois se tão longe estou de uma esperança,
Que allivio póde dar-me esta porfia!

Tyranno foi commigo o fado ingrato;
Que crendo, em te roubar, pouca victoria,
Me deixou para sempre o teu retrato:

Eu me alegrara da passada gloria,
Se quando me faltou teu doce trato,
Me faltara tambem delle a memoria.

Campos, que ao respirar meu triste peito,
Murcha e sêcca tornaes vossa verdura,
Não vos assuste a pallida figura,
Com que o meu rosto vêdes tão desfeito.

Vós me vistes um dia o doce effeito
Cantár do Deus de Amor e da ventura;
Isso já se acabou; nada já dura;
Que tudo á vil desgraça está sujeito.

Tudo se muda emfim : nada ha, que seja
De tão nobre, tão firme segurança,
Que não encontre o fado, o tempo, a inveja.

Esta ordem natural a tudo alcança;
E se alguem um prodigio vêr deseja,
Veja meu mal, que só não tem mudança.

José Basilio da Gama

1740-1795

O URAGUAY

(Canto I)

Fumam ainda nas desertas praias
Lagos de sangue tepidos, e impuros,
Em que ondeam cadaveres despidos,
Pasto de corvos. Dura inda nos valles
O rouco som da irada artilheria.
Musa, honremos o Heroe, que o povo rude
Subjugou do Uraguay, e no seu sangue
Dos decretos reaes lavou a affronta.
Ai! tanto custas, ambição de imperio!
E Vós, por quem o Maranhão pendura
Rotas cadeias, e grilhões pesados,
Heroe, e irmão de Heroes, saudosa, e triste,
Se ao longe a vossa America vos lembra,
Protegei os meus versos. Possa em tanto
Acostumar ao vôo as novas azas,
Em que um dia vos leve. Desta sorte
Medrosa deixa o ninho a vez primeira
Aguia, que depois foge á humilde terra,
E vae ver de mais perto no ar vasio
O espaço azul, onde não chega o raio.

. . . .

A ALJAVA DE CEPÉ

(Canto II)

. . . .

O indio, um pouco pensativo, o braço,
E a mão retira; e suspirando, disse :
« Gentes de Europa, nunca vos trouxera
O mar, e o vento a nós. Ah ! não debalde
Estendeu entre nós a natureza
Todo esse plano espaço immenso de aguas ! »
Proseguia talvez; mas o interrompe
Cepé, que entra no meio, e diz : « Cacambo
Fez mais do que devia; e todos sabem
Que estas terras, que pizas, o Céo livres
Deu aos nossos avós; nós tambem livres
As recebemos dos antepassados.
Livres as hão de herdar os nossos filhos.
Desconhecemos, detestamos jugo,
Que não seja o do Céo, por mão dos padres.
As frechas partirão nossas contendas
Dentro de pouco tempo; e o vosso mundo,
Se nelle um resto houver de humanidade,
Julgará entre nós se defendemos
Tu a injustiça, e nós o Deus, e a Patria. »

« Em fim quereis a guerra, e tereis guerra,
Lhe torna o general — podeis partir-vos,
Que tendes livre o passo. » Assim dizendo,
Manda dar a Cacambo rica espada
De tortas guarnições de prata, e ouro,
A que inda mais valor dera o trabalho;
Um bordado chapéo, e larga cinta
Verde e capa de verde e fino panno,
Com bandas amarellas, e encarnadas.
E mandou que a Cepé se désse um arco
De pontas de marfim, e ornada, e cheia
De novas settas a famosa aljava,
A mesma aljava, que deixara uma dia,
Quando envolto em seu sangue, e vivo apenas,
Sem arco e sem cavallo, foi trazido
Prisioneiro de guerra ao nosso campo.
Lembrou-se o indio da passada injuria,
E sobraçando a conhecida aljava,
Lhe disse : — « O'general, eu te agradeço
As settas, que me dás, e te prometto
Mandar-t'as bem de pressa uma por uma
Entre nuvens de pó, no ardor da guerra;
Tu as conhecerás pelas feridas,
Ou porque rompem com mais força os ares. »

AO LONGO DO RIO

(Canto III)

. . . .
. . . . Um dia
Fizeram alto, e se acamparam onde
Incultas vargeas, por espaço immenso,
Enfadonhas e estereis, acompanham
Ambas as margens de um profundo rio.
Todas estas vastissimas campinas
Cobrem palustres e tecidas cannas,
E leves juncos do calor tostados,
Prompta materia de voraz incendio.
O indio habitador de quando em quando
Com estranha cultura entrega ao fogo
Muitas leguas de campo : o incendio dura,
Emquanto dura e o favorece o vento.
Da herva, que renasce, se apascenta
O immenso gado, que dos montes desce;
E renovando incendios desta sorte
A Arte emenda a Natureza, e pódem
Ter sempre nedio o gado, e o campo verde.
Mas agora sabendo por espias

As nossas marchas, conservavam sempre
Seccas as torradissimas campinas,
Nem consentiam, por fazer-nos guerra,
Que a chamma bemfeitora, e a cinza fria
Fertilizasse o arido terreno.
O cavallo até li forte e brioso,
E costumado a não ter mais sustento,
Naquelles climas, do que a verde relva
Da mimosa campina, desfallece.
Nem mais, se o seu senhor, o afaga, encurva
Os pés, e cava o chão com as mãos, e o valle
Rinchando atroa, e açouta o ar com as clinas.

A MORTE DE LINDOYA

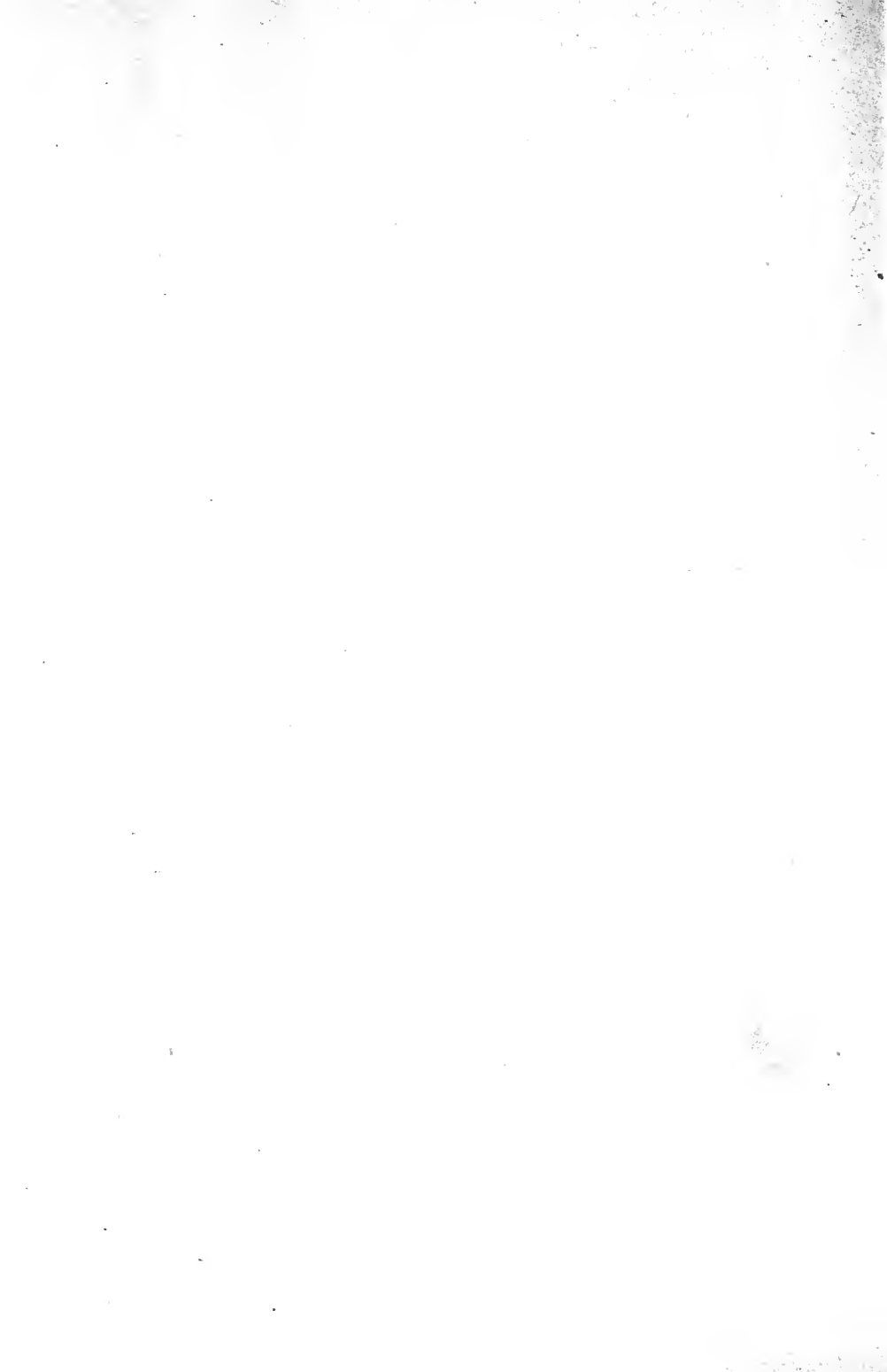
(Canto IV)

. . . .
. . . . Não faltava,
Para se dar principio á estranha festa,
Mais que Lindoya. Ha muito lhe preparam
Todas de brancas pennas revestidas
Festões de flores as gentis donzellas.
Cansados de esperar, ao seu retiro
Vão muitos impacientes a buscal-a.
Estes de crespa Tanajura aprendem
Que entrara no jardim triste, e chorosa,
Sem consentir que alguem a acompanhasse.
Um frio susto corre pelas veias
De Caitutú, que deixa os seus no campo,
E a irmã por entre as sombras do arvoredo
Busca com a vista, e teme de encontral-a.
Entram em fim na mais remota, e interna
Parte de antigo bosque, escuro, e negro,
Onde ao pé de uma lapa cavernosa
Cobre uma rouca fonte, que murmura,
Curva latada de jasmins, e rosas.
Este lugar delicioso, e triste,

Cansada de viver, tinha escolhido
Para morrer a misera Lindoya.
Lá reclinada, como que dormia,
Na branda relva, e nas mimosas flores;
Tinha a face na mão, e a mão no tronco
De um funebre cypreste, que espalhava
Melancolica sombra. Mais de perto
Descobrem que se enrola no seu corpo
Verde serpente, lhe passeia, e cinge
Pescoço e braços, e lhe lambe o seio.
Fogem de a ver assim sobresaltados,
E param cheios de temor ao longe;
E nem se atrevem a chamal-a, e temem
Que desperte assustada, e irrite o monstro,
E fuja, e apresse no fugir a morte.
Porém o destro Caitutú, que treme
Do perigo da irmã, sem mais demora
Dobrou as pontas do arco, e quiz tres vezes
Soltar o tiro, e vacillou tres vezes
Entre a ira, e o temor. Emfim sacode
O arco, e faz voar aguda setta,
Que toca o peito de Lindoya, e fere
A serpente na testa, e a bocca, e os dentes
Deixou cravados no visinho tronco.
Açouta o campo com a ligeira cauda
O irado monstro, e em tortuosos gyros
Se enrosca no cypreste, e verte envolto
Em negro sangue o livido veneno.
Leva nos braços a infeliz Lindoya
O desgraçado irmão, que ao despertal-a
Conhece, com que dôr! no frio rosto
Os signaes do veneno, e vê ferido

Pelo dente subtil o brando peito.
Os olhos, em que amor reinava, um dia,
Cheios de morte; e muda aquella lingua,
Que ao surdo vento e aos échos tantas vezes
Contou a larga historia de seus males.
Nos olhos Caitutú não soffre o pranto,
E rompe em profundissimos suspiros,
Lendo na testa da fronteira gruta
De sua mão já tremula gravado
O alheio crime, e a voluntaria morte,
E por todas as partes repetido
O suspirado nome de Cacambo.
Inda conserva o pallido semblante
Um não sei que de magoado, e triste,
Que os corações mais duros enternece.
Tanto era bella no seu rosto a morte!

Thomaz Antonio Gonzaga

1744-1807

LYRA XXVI

(Parte I)

Tu não verás, Marilia, cem captivos
Tirarem o cascalho, e a rica terra,
Ou dos cercos dos rios caudalosos,
Ou da minada serra.

Não verás separar ao habil negro
Do pesado esmeril a grossa areia,
E já brilharem os granetes de ouro
No fundo da batêa.

Não verás derrubar os virgens mattos,
Queimar as capoeiras ainda novas,
Servir de adubo á terra a fertil cinza,
Lançar os grãos nas covas.

Não verás enrolar negros pacotes
Das seccas folhas do cheiroso fumo,
Nem espremer entre as dentadas rodas
Da doce canna o sumo.

Verás em cima da espaçosa mesa
Altos volumes de enredados feitos,
Ver-me-ás folhear os grandes livros
E decidir os pleitos.

Emquanto revolver os meus consultos,
Tu me farás gostosa companhia,
Lendo os factos da sábia mestra historia,
E os cantos da poesia.

Lerás em alta voz a imagem bella;
Eu vendo que lhe dás o justo apreço,
Gostoso tornarei a ler de novo
O cansado processo.

Se encontrares louvada uma belleza,
Marilia, não lhe invejes a ventura,
Que tens quem leve á mais remota idade
A tua formosura.

LYRA XXXII

(Parte I)

Junto a uma clara fonte
A mãe de Amor se assentou,
Encostou na mão o rosto,
No leve somno pegou.

Cupido, que a viu de longe,
Contente ao lugar correu;
Cuidando que era Marilia,
Na face um beijo lhe deu.

Accorda Venus irada :
Amor a conhece; e então
Da ousadia, que teve,
Assim lhe pede o perdão :

— Foi facil, ó mãe formosa,
Foi facil o engano meu;
Que o semblante de Marilia
E'todo o semblante teu.

LYRA V

(Parte II)

Já, já me vae, Marilia, branquejando
Louro cabello que circula a testa;
Este mesmo, que alveja, vae caindo,
E pouco já me resta.

As faces vão perdendo as vivas côres,
E vão-se sobre os ossos enrugando,
Vae fugindo a viveza dos meus olhos...
Tudo se vae mudando.

Se quero levantar-me, as costas vergam;
As forças dos meus membros já se gastam;
Vou a dar pela casa uns curtos passos,
Pesam-me os pés e arrastam.

Se algum dia me vires desta sorte,
Vê que assim me não pôz a mão dos annos:
Os trabalhos, Marilia, os sentimentos
Fazem os mesmos damnos.

Mal te vir, me dará em poucos dias
A minha mocidade o doce gôsto;
Verás burnir-se a pelle, o corpo encher-se,
Voltar a côr ao rosto.

No calmoso verão as plantas seccam;
Na primavera, que os mortaes encanta,
Apenas cae do céo o fresco orvalho,
Verdeja logo a planta.

A doença deforma a quem padece,
Mas, logo que a doença faz seu termo,
Torna, Marilia, a ser quem era dantes
O definhado enfermo.

Suppõe-me qual doente ou qual a planta,
No meio da desgraça que me altera:
Eu tambem te supponho qual saude,
Ou qual a primavera.

Se dão esses teus meigos, vivos olhos
Aos mesmos astros luz e vida ás flôres,
Que effeitos não farão em quem por elles
Sempre morreu de amores?

Ignacio José de Alvarenga Peixoto

1744-1793

ESTELLA E NIZE

Eu vi a linda Estella, e namorado
Fiz logo eterno voto de querel-a;
Mas vi depois a Nize, e a achei tão bella,
Que merece igualmente o meu cuidado.

A qual escolherei, se neste estado
Não posso distinguir Nize de Estella?
Se Nize vir aqui, morro por ella;
Se Estella agora vir, fico abrasado.

Mas, ah! que aquella me despreza amante,
Pois sabe que estou preso em outros braços,
E esta não me quer por inconstante.

Vem, Cupido, soltar-me destes laços;
Ou faz de dois semblantes um semblante,
Ou divide o meu peito em dois pedaços!

CANTO GENETHLIACO

. . . .

Esses partidos morros e escalvados,
Que enchem de horror a vista delicada
Em soberbos palacios levantados
Desde os primeiros annos empregada,
Negros e extensos bosques tão fechados,
Que até ao mesmo sol negão a entrada,
E do agreste paiz habitadores
Barbaros homens de diversas côres;

Isto, que Europa barbaria chama,
Do seio de delicias tão diverso,
Quão differente é para quem ama
Os ternos laços do seu patrio berço!
O pastor louro, que meu peito inflamma,
Dará novos alentos ao meu verso,
Para mostrar do nosso heróe na bôcca
Como em grandezas tanto horror se troca.

Aquellas serras na apparencia feias,
Dirá José: « Oh! quanto são formosas!
Ellas conservam nas occultas veias
A força das potencias majestosas;

Têm as ricas entranhas todas cheias
De prata e ouro, e pedras preciosas;
Aquellas brutas escalvadas serras
Fazem as pazes, dão calor ás guerras.

Aquelles morros negros e fechados,
Que occupam quasi a região dos ares,
São os que em edificios respeitados
Repartem raios pelos crespos mares,
Os corinthios palacios levantados,
Doricos templos, jonicos altares,
São obras feitas desses lenhos duros,
Filhos desses sertões feios e escuros.

A c'roa de ouro, que na testa brilha,
E o sceptro, que empunha na mão justa
Do augusto José a heroica filha,
Nossa rainha soberana augusta,
E Lisboa, de Europa maravilha,
Cuja riqueza a todo o mundo assusta,
Estas terras a fazem respeitada,
Barbara terra, mas abençoada.

Esses homens de varios accidentes,
Pardos e pretos, tintos e tostados,
São os escravos duros e valentes,
Aos penosos serviços costumados;
Elles mudam aos rios as correntes,
Rasgam as serras, tendo sempre armados
Da pesada alavanca e duro malho
Os fortes braços feitos ao trabalho.

. . . .

LYRAS

A Barbara Heleodora, sua esposa,
remettidas do carcere da Ilha das Cobras.

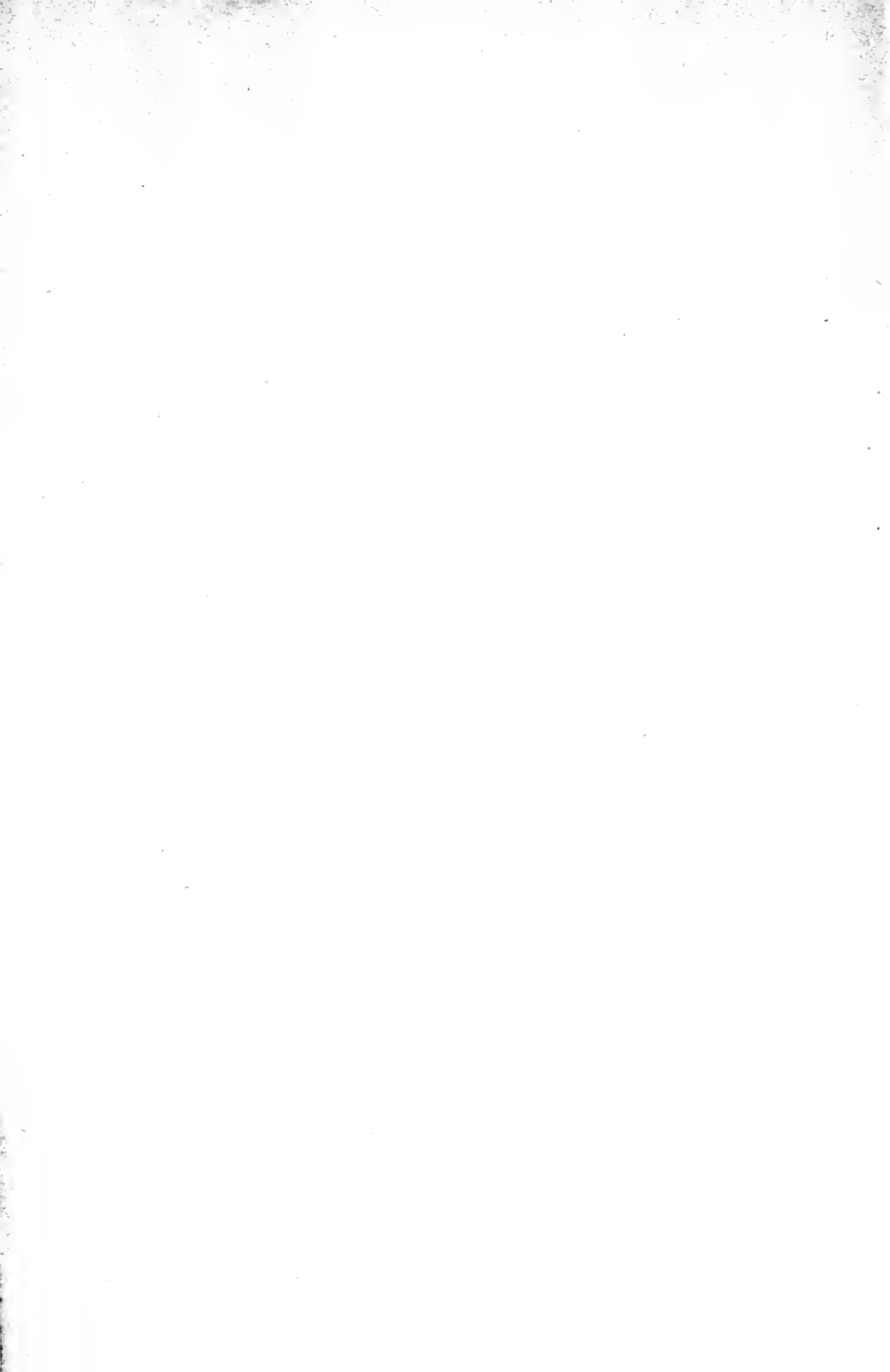
Barbara bella,
Do Norte estrella,
Que o meu destino
Sabes guiar,
De ti ausente,
Triste, sómente
As horas passo
A suspirar.

Por entre as penhas
De incultas brenhas,
Cansa-me a vista
De te buscar;
Porém não vejo
Mais que o desejo,
Sem esperança
De te encontrar.

Eu bem queria
A noite e o dia
Sempre comtigo
Poder passar;
Mas orgulhosa
Sorte invejosa,
Desta fortuna
Me quer privar.

Tu, entre os braços,
Ternos abraços
Da filha amada
Pódes gosar;
Priva-me a estrella
De ti e della,
Busca dois modos
De me matar!

Manoel Ignacio da Silva Alvarenga

1749-1814

GLAURA DORMINDO

(Rondó XXVII)

Voae, zefiros mimosos,
Vagarosos, com cautela;
Glaura bella está dormindo;
Quanto é lindo o meu amor!

Mais me elevam sobre o feno
Suas faces encarnadas,
Do que as rosas orvalhadas,
Ao pequeno beija-flor.
O descanço, a paz contente
Só respiram nestes montes:
Sombras, penhas, troncos, fontes,
Tudo sente um puro ardor.

Voae, zefiros mimosos,
Vagarosos, com cautela;
Glaura bella está dormindo;
Quanto é lindo o meu amor!

O silencio, que nem ousa
Bocejar e só me escuta,
Mal se move nesta gruta,
E repousa sem rumor.
Leve somno, por piedade,
Ah! derrama em tuas flores
O pesar, a magoa, as dores,
E a saudade do pastor!

Voae, zefiros mimosos,
Vagarosos, com cautela;
Glaura bella está dormindo;
Quanto é lindo o meu amor!

Se nos mares apparece
Venus terna e melindrosa,
Glaura, Glaura mais formosa
Lhe escurece o seu valor.
No vestido azul e nobre
E' sem oiro e sem diamante,
Qual a filha de Thaumante,
Que se cobre de esplendor.

Voae, zefiros mimosos,
Vagarosos, com cautela;
Glaura bella está dormindo;
Quanto é lindo o meu amor!

E' suave o seu agrado
A meus olhos nunca enxutos,
Como são os doces fructos
Ao cançado lavrador.

Mas bem longe da ventura,
A's mudanças vivo affeito,
Encontrando no teu peito
Já brandura e já rigor!

Voae, zefiros mimosos,
Vagarosos, com cautela;
Glaura bella está dormindo;
Quanto é lindo o meu amor!

(Madrigal I)

Suave fonte pura,
Que desces murmurando sobre a areia,
Eu sei que a linda Glaura se recreia
Vendo em ti de seus olhos a ternura;
Ella já te procura;
Ah ! como vem formosa e sem desgosto !
Não lhe pintes o rosto :
Pinta-lhe, ó clara fonte, por piedade,
Meu terno amor, minha infeliz saudade.

(Madrigal XLVI)

O' garça voadora,
Se além do golfo inclinas os teus giros,
Ah! leva os meus suspiros
A' mais gentil pastora destes montes!
Não temo que te enganes; prados, fontes,
Tudo se ri com ella;
Não é, não é tão bella,
Quando surge no céo, purpurea aurora;
O' garça voadora,
Se além do golfo inclinas os teus giros,
Ah! leva por piedade os meus suspiros.

José Bonifacio de Andrada e Silva

(Americo Elysio)

1765-1838

ODE AOS BAHIANOS

Altiva musa, ó tu, que nunca incenso
Queimaste em nobre altar ao despotismo;
Nem insanos encomios proferiste
De crueis demagogos;

Ambição de poder, orgulho e fausto,
Que os servis amam tanto, nunca, ó musa,
Accenderam teu estro; a só virtude
Soube inspirar louvores.

Na abobada do templo da memoria
Nunca comprados cantos retumbaram;
Ah! vem, ó musa, vem! na lyra de oiro
Não cantarei horrores.

Arbitraria fortuna, despresivel
Mais que essas almas vis, que a ti se humilham,
Prosterne-se a teus pés o Brasil todo;
Eu nem curvo o joelho.

Beijem o pé que esmaga, a mão que açoita
Escravos nados, sem saber, sem brio;
Que o barbaro Tapuya, deslumbrado,
O deus do mal adora.

Não ! reduzir-me a pó, roubar-me tudo,
Porém nunca aviltar-me, póde o fado;
Quem a morte não teme, nada teme;
Eu nisto só confio.

Inchado de poder, de orgulho e sanha,
Treme o vizir, se o grão-senhor carrega,
Porque mal digeriu, sobrolho iroso,
Ou mal dormiu a sésta.

Embora nos degráos de excelso throno
Rasteje a lesma, para ver se abate
A virtude, que odeia — a mim me alenta
Do que valho a certeza.

E vós tambem, Bahianos, desprezastes
Ameaças, carinhos — desfizestes
As cabalas, que perfidos urdiram,
Inda no meu desterro.

Duas vezes, Bahianos, me escolhestes
Para a voz levantar a pró da patria,
Na assembléa geral; mas duas vezes
Foram baldados votos.

Porém emquanto me animar o peito
Este sopro de vida, que inda dura,

O nome da Bahia, agradecido,
Repetirei com jubilo.

Amei a liberdade, e a independencia
Da doce cara patria, a quem o Luso
Opprimia sem dó, com riso e mofa;
Eis o meu crime todo.

Cingida a fronte de sanguentos loiros,
Horror jámais inspirará meu nome;
Nunca a viuva ha de pedir-me o esposo,
Nem seu pai a criança.

Nunca aspirei a flagellar humanos;
Meu nome acabe, para sempre acabe,
Se para o libertar do eterno olvido
Forem precisos crimes.

Morrerei no desterro em terra estranha,
Que no Brasil só vis escravos medram;
Para mim o Brasil não é mais patria,
Pois faltou a justiça.

Valles e serras, altas mattas, rios,
Nunca mais vos verei! Sonhei outrora
Poderia entre vós morrer contente;
Mas não! monstros o vedam.

Não verei mais a viração suave
Parar o aereo vôo, e de mil flôres
Roubar aromas, e brincar travêssa
Com o tremulo raminho.

O' paiz sem igual, paiz mimoso!
Se habitassem em ti sabedoria,
Justiça, altivo brio, que ennobrecem
Dos homens a existencia...

De estranha emulação acceso o peito,
Lá me ia formando a fantasia
Projectos mil para vencer vil ocio,
Para crear prodigios!

Jardins, vergeis, umbrosas alamedas,
Frescas grutas então, piscosos lagos,
E pingues campos, sempre verdes prados
Um novo Eden fariam.

Doces visões, fugi! Ferinas almas
Querem que em França um desterrado morra:
Já vejo o genio da certeira morte
Ir afiando a foice.

Gallicana donzella, lacrimosa,
Trajando roupas luctuosas, longas,
Do meu pobre sepulcro a tosca loisa
Só cobrirá de flôres.

Que o Brasil inclemente, ingrato ou fraco,
As' minhas cinzas um buraco nega:
Talvez tempo virá que inda pranteie
Por mim com dôr pungente.

Exulta, velha Europa: o novo imperio,
Obra prima do céo, por fado impio

Não será mais o teu rival activo
Em commercio e marinha.

Aquelle que gigante inda no berço
Se mostrava ás nações, no berço mesmo
E' já cadaver de crueis harpias,
De malfazejas furias.

Como, oh ! Deos ! que portento ! a Urania Venus
Ante mim se apresenta? Riso meigo
Banha-lhe a linda bocca, que escurece
Fino coral nas côres.

« Eu consultei os fados, que não mentem
(Assim me fala piedosa a deusa)
Das trévas surgirá sereno dia
Para ti, para a patria.

O constante varão, que ama a virtude,
Com os berros da borrasca não se assusta;
Nem como folha de alamo fremente,
Treme á face dos males.

Escapaste a cachopos mil occultos,
Em que ha de naufragar, como até agora,
Tanto aulico perverso. Em França, amigo,
Foi teu desterro um porto.

Os teus Bahianos, nobres e briosos,
Gratos serão a quem lhes deu soccorro
Contra o barbaro Luso, e a liberdade
Metteu no solo escravo.

Ha de emfim essa gente generosa
As trévas dissipar, salvar o imperio;
Por elles liberdade, paz, justiça,
Serão nervos do Estado.

Qual a palmeira que domina ufana
Os altos topos da floresta espessa,
Tal bem presto ha de ser no mundo novo
O Brasil bem fadado.

Em vão de paixões vis cruzados ramos
Tentarão impedir do sol os raios :
A luz vae penetrando a copa opaca;
O chão brotará flores. »

Calou-se, então — voou. E as soltas tranças
Em torno espalham mil sabéos perfumes,
E os zefiros, as azas adejando,
Vasam dos ares rosas.

Bento de Figueiredo Tenreiro Aranha

1769-1811

X

(*A' Maria Barbara, assassinada, porque preferiu a morte á mancha de adultera*)

Se acaso aqui topares, caminhante,
Meu frio corpo já cadaver feito,
Leva piedoso com sentido aspeito
Esta nova ao esposo afflicto, errante...

Diz-lhe como de ferro penetrante
Me viste, por fiel, cravado o peito,
Lacerado, insepulto, e já sujeito
O tronco feio ao corvo altivolante;

Que dum monstro inhumano, lhe declara,
A mão cruel me trata desta sorte;
Porém que allivio busque á dôr amara,

Lembrando-se que teve uma consorte,
Que, por honra da fé que lhe jurara,
A' mancha conjugal prefere a morte.

Domingos Borges de Barros

(Visconde da Pedra Branca)

1779-1855

4

O BEIJO

Não ha quem dizer-me possa
Qual o sabor de teus beijos;
Se houvesse, a inveja matara
Meus freneticos desejos.

E se um beijo de Marilia
Já me fez esmorecer,
Como provarei teu beijo,
Sem que me sinta morrer !?

Mas se teu beijo é gostoso,
Como certifica amor,
Expire a vida no beijo,
Deixando na alma o sabor.

Nunca te pedi um beijo;
Pedido, que gosto tem?
Do amor o que não é dado,
E' frio, não sabe bem.

O coração leve aos olhos
A expressão do desejo;
Os labios aos labios levem
Toda a delicia do beijo.

E' nessa muda linguagem
De intelligencia amorosa,
Que de amor vive escondida
A parte mais saborosa.

Esconder o que mais quero,
Fôra enganar mesmo a mim;
Se eu te pedir beijo occulto,
Nunca me digas que sim.

O beijo, dado escondido,
Dasacredita a que o dá;
E se é doce ao que recebe,
E' uma doçura má.

Se o beijo é signal de paz,
Como póde ser de amor?
Amar é viver em guerra,
Entre delirios e dôr.

O que pudér, em teus labios,
O beijo saborear,
Contra amor, e a sorte pécca,
Se a mais quizer aspirar.

O beijo ,dado escondido,
Toma do crime a feição;

Póde fartar o desejo,
Mas não farta o coração.

Beijo, que deixa remorso,
E' veneno em taça de ouro;
E' na pureza de amor
Deixar cair um desdouro.

Amor é franco; e se affecta
Gostar do mysterioso,
São diaphanos mysterios
Velando o mais deleitoso.

Não são disfarces de Venus,
Nem seu modo encantador,
O que ao puro amor contenta;
E' a delicia de amor.

Consulta teu coração;
Se elle póde amar assim,
Sou todo teu... Se não póde,
Não queiras nada de mim.

Candido José de Araujo Vianna

(Marquez de Sapucahy)

1793-1875

VIOLETAS

Da planta que mais presavas,
Que era, filha, os teus amores
Venho de pranto orvalhadas
Trazer-te as primeiras flores.

Em vez de afagar-te o seio,
De enfeitar-te as lindas tranças,
Perfumarão esta lousa
Do jazigo em que descanças.

Já lhes falta aquelle viço,
Que o teu desvelo lhes dava...
Gelou-se a mão protectora
Que tão fagueira as regava.

Desgraçadas violetas,
A fim prematuro correm...
Pobres flores ! tambem sentem !
Tambem de saudade morrem !

Antonio Peregrino Maciel Monteiro

1804-1868

Formosa, qual pincel em téla fina
Debuxar jámais pôde, ou nunca ousara;
Formosa, qual jámais desabrochara
Na primavera a rosa purpurina...

Formosa, qual se a propria mão divina
Lhe alinhara o contorno e a fórma rara;
Formosa, qual no céo jámais brilhara
Astro gentil, estrella peregrina;

Formosa, qual se a natureza, e a arte,
Dando as mãos em seus dons e em seus lavores,
Jámais pôde imitar no todo ou parte;

Mulher celeste, ó anjo de primores!
Quem póde ver-te, sem querer amar-te?
Quem póde amar-te, sem morrer de amores?!

Manoel de Araujo Porto-Alegre

1806-1879

A DESTRUIÇÃO DAS FLORESTAS

(Canto II)

A QUEIMADA

Quebrou-se a mola ao mechanismo excelso
Do secreto artificio da Natura!
O sol que outrora vida diffundia
Sobre a panda alcatifa da floresta,
Hoje resecca as monstruosas ruinas
Desse templo sagrado, onde mil flores
Nas perfumadas aras entretinham,
Como vestaes, a sacrosanta essencia.

E' hora do labor, fumega a terra
Mephitico vapor, que o rosto innunda
De suor, e no peito ancias revolve,
E ao afro escravo dá vigor aos membros
Que outrora em descampados embalara
Igneo suão da Lybia abrasadora.

Como moimentos que elevara em montes
Guerreira prole a seus valentes mortos,
Ou de insulanos, barbaros pagodes

Talhados postes, monstruosos hermes,
Que em renque affinca oriental idolatra:
Taes se afiguram os troncados toros
Que em pé deixara o cauteloso ferro.

E' hora do labor, sôa a busina;
E a leda turma, que abatera a selva,
Preliba gosos na hecatombe immensa,
Que em breve as serras cobrirá de fumo,
Como se dó vestisse a Natureza!

E' hora do labor, sôa a busina;
No corneo isqueiro a pederneira encosta
O guapo capataz, e alçando a dextra
Move o fuzil; rebentam as faiscas,
E no amago da mecha comburente
Se embebe o fogo, e bafejado augmenta.
Nas reliquias de putridos madeiros
Derrama a isca, cuidadoso sopra,
Activa a flamma que espadanas brota,
E de grossas vergonteas a robora;
Divide os fachos, repartindo a gente,
E com um brado commanda o holocausto.

Por cem partes da terra nuvens se erguem
De brancos fios, que simulam plumas,
Como os pennachos do crinito tyrso,
Que a palma extremam dos ubás farpados.
Estridente soido o espaço enchendo,
Dá signal ás descargas incessantes,
Que rolam, como em fogo de alegria
Nos faustos dias que a nação consagra.

Como um bosque encantado e fluctuante,
O fumo de improviso se modela;
Vivas linguetas, trisulcadas, varias,
Surgem do centro, como troncos igneos;
E ao som das salvas, do estampido estranho,
Dos madeiros que estalam, se ergue o incendio;
E o intenso gaz dos calidos vapores
No céo tremúla, e nas visinhas plagas,
Qual vaga crespa ao respirar dos Euros.

Na bocca agita o dedo, e trina um grito
O ledo escravo, que africana crença
Na patria lhe ensinou para desta arte
Chamar os ventos a engrossar o incendio!

Cresce e se alarga um nevoeiro espesso
De açafroada côr, que em largas curvas
Anovellado sóbe, e tinge o limbo
De cambiantes perolas; na terra
Lavra a fogueira, calcinando os troncos;
E aqui e alli, em ramalhetes igneos,
As seccas folhas pelo ar volteam.
Por entre a turva massa que se encopa
Em negros turbilhões, se expande o fogo;
Abre-se em antros de sulphureo aspecto,
Retalha-se, agglomera-se, enrolando-se,
Em porfiados globos. Sopra o vento,
Descortina através da ardente fragoa,
Dançando alegres com brandões medonhos,
Em tripudio satanico os escravos!
Como Brontes, em rija vozeria,
Pelo bafo do inferno ennegrecidos.

Como um combate de travadas furias,
Em que a morte vomita por cem boccas
Cerrada chuva de inflammadas bombas,
De cruzados pelouros que se esmagam,
E no choque reciproco se annullam;
E além, nos muros de possante alcaçar
Arde e rebenta o armazem da polvora,
Toldando o ar, e estremecendo a terra:
Tal se afigura o pavoroso incendio,
Que se alacga, progressa, trovejando,
Como se um genio do infernal abysmo
Abrisse os antros em que habita a noite,
E de horridos phantasmas povoasse
Os céos e a terra, com medonho estrondo.

Que estranha confusão, que accento horrivel
A' voz da ruina inopinada mescla
A Natura, e redobra o quadro hediondo,
No conflicto mostrando scena insolita!

Na escura lapa de embrenhadas furnas,
Nesses invios covis de soltas rochas
Que rorantes cascatas desabaram,
Desperta o fumo as monstruosas serpes,
Que eterna guerra ao fogo decretaram!
Em amplas roscas como raios surgem
Atras surucucús varando os bosques,
Fendem os brejos, nas campinas voam,
E á queimada arremettem furibundas!
Como montantes que manobram Cides,
A cauda vibram que na terra rufa,
Como rufa o tambor em campo armado;

Arfando irosas tres medonhos roncos,
Erguem o collo, fuzilando furias,
E á chamma investem com damnado arrojo!

Nem as roqueiras que os bambús ribombam
E o fremente estridor que o vento engrossa,
Nem o bafo da morte a furia abalam
Desses monstros raivosos! Implacaveis
Umas com a cauda batalhando, cegas,
Os braseiros espalham destemidas;
Outras se enroscam nos tostados postes,
E do alto de novo um bote atiram;
Aqui e alli com tresloucados golpes
O ar atroa a serpentina sanha.
Ora enroscando o chamuscado corpo
Na cinza ardente, que lhes cresta a pelle,
Jazem vencidas, e um nó gordio enlaçam;
Ora convulsas arquejando morrem
Sobre o leito inflammado que as devora;
E no exicio medonho expiram todas,
Da guela expellindo atro veneno!

Venceu o incendio dos reptis a sanha
E triumphante, impetuoso, lavra,
Lambendo os troncos com as vorazes chammas;
Redobra o brilho com o investir da noite,
E o céo de fogo colorindo e a terra,
Num pelago de sangue envolve tudo!

COLOMBO

(Canto XXX)

EXPEDIÇÃO ÁS TERRAS DO KAN. — O TABACO

. . . .
Crente a cem leguas das luzidas portas
Da charonea Quinsay, filha do Drago,
Chama a conselho os instruidos mestres,
E os da Casa de el-rei. Propõe a todos,
De compasso na mão, mappas abertos,
Que um troço avance a perlustrar à terra,
Tendo em mente o real prescripto escopo
Das minas de ouro, e o de saber da côrte
Do Kan dominador de toda a aurora :
Disse ainda, que vista a gran cidade,
Nella pedissem com instancia ao throno
Para elle Almirante uma audiencia,
Afim de junto ao Kan cumprir as ordens
Do mandato real, delles sabido.
Eleito Jérez, viajor provado
Em afras regiões, e ingratas lides,
Teve por socio o polyglota Torres,

De ha muito affeito a perigosos casos;
Vão com elles Castilho, o metallurgico,
Roldan, mais traficante que piloto,
E dois jovens Lucaios, tão espertos,
Que da lingua hespanhola já sabiam
O que a vida usual requer sómente.
Cheios de bençãos e esperanças, partem.

Nesta mora, de ourada espectativa,
Previne o Almirante urgentes cousas.
Espalma as naves, calafeta as fendas,
Repara as bordas, o maçame, as vélas,
Sanifica os porões, precinta os mastros,
Enroca antennas e refaz a aguada,
E assim disposto a combater revezes,
Aguarda a expedição, nunca esquecido
Da gentalha que leva, tetro espelho
De futuras discordias e infortunios.
Seis dias decorreram, quando ao Nauta
Insperada se mostra afflicta e exhausta
A embaixada infeliz, dizendo a custo :
« A prudencia nos fez voltar o passo,
Confiados em vós, que sois cordato,
E christão compassivo. O nosso estado
Justifica o alvitre ! Eis o que vimos
Nesta terra de brutos, feras e ermos !
A gente é parva e esquiva, não tem artes,
Nem lei, nem fé, nem deus, nem trato humano;
As virgens e as matronas mal sombreiam
O pudor natural; os homens fogem,
Como feras batidas : são selvagens.
Não vimos ouro, mas crueis torturas

Entre bichos que o dia convertiam
Em pelejas, e a noite tenebrosa
Em vigilias e sustos! Nossos corpos,
Sem dormir, semi-mortos já sentimos!
Sabeis que terra é esta? — o fim do mundo!
O chão é cobras e reptis infestos,
Os troncos são insectos venenosos,
O ar só tem mugidos, uivos, roncos,
E a vida é um tormento, uma agonia!
Vimos serpes que pream feras e homens!
Como vêdes, senhor, neste amplo couro,
Maior que a antenna do traquete grande!
Morreriamos todos engolidos,
Se este joven Lucaio alli não fôra!
De um charco recoberto de hervas, vimos
Surtir um tronco, para nós crescendo,
E abrir a ponta com um sibilo horrivel!
Sucuré — juaçú! grita este joven;
Salta adeante, tira prompto a faca,
E aparando no braço a bocca hiante
Do monstro, lhe atravessa na garganta
O ferro açacalado, emquanto o outro
Traspassou-lhe esta adaga, inda sangrenta!
Cae o monstro, recúa, e se emmaranha
Num bolo de aguapés e de sargaços;
Lucta e relucta, e cada vez mais prêso
Na boiante enrediça se ennovella:
Mil vezes pelo ar fuzila a cauda,
Desce ao fundo do lodo, turva as aguas,
Remoinha, levanta ondas escuras,
Nada consegue, e todo envolto em sangue,
Sem tino esmoreceu, deixando montes

De revoltas liaças, e outras plantas !
Veio a noite, e que noite horrenda e feia !
Mal no bosque accendeu-se uma fogueir
Mal subiram as flammas, só se ouvia
Piarem môchos e rugirem feras !
Não é tudo, senhor ! cae a fogueira
Aos sibilos e choques de outras serpes,
Que, como clavas, nos tições ardentes
Batiam e os brazeiros espalhavam,
E sobre elles ficaram calcinadas !

Tudo alli contra nós se conjurava !
Nos troncos, que subimos, combatemos
Formigas que eram fogo; parasitas
Que lanhavam as carnes, como serras,
E uma nuvem de bichos causticantes !
Tarde veio a manhã, ah ! muito tarde
Para tanto soffrer ! Quando fiados
Na indigena pericia, ao corpo ardendo
Iamos dar num lago refrigerio,
A dois passos de nós, entorpecido
Outro monstro jazia, mal podendo
Em lentas voltas collear a espinha !
E' delle a pelle que a teus pés se estende :
Quiz trazel-a, Almirante, a fim que a vejas !
Ninguem diria; ao descarnal-a, vimos
No longo bucho, já desfeita em parte,
Anta membruda que valia um touro :
E o que é mais, para horror da humanidade,
Um esqueleto humano ! Lassos, mortos,
Tendo tudo perdido, regressamos,
E a custo vimos fugitivas tribus.

Torres falou-lhes sete linguas afras,
E o arabe, e o persa, inutilmente!
Mostrei-lhes as palhetas de ouro a todos;
E a Quinsay, ao Gran Kan, nos respondiam
Bohio, os moços, e *guisqueya*, os velhos,
Exprimindo com gestos largos terras
Para as bandas do occaso, rios, montes
Lançando fumo; e com o dedo no ouro,
E o chão mostrando, e a longinqua terra,
Pareciam dizer : ha muito disto;
Mas tudo em fórma tão confusa e escura,
Que nem mesmo os Lucaios entenderam!
Triste foi a jornada; outros que a façam,
Porque nós, como vêdes, não podemos.
Não trouxemos riquezas nem promessas,
Mas trazemos esta herva, cujo fumo
Une á olencia gostosa amaveis horas;
Tabaco a denomina a gente inculta,
E o seu uso valeu-nos contra a fome. »

E nisto, Peres leva á bocca um rolo
De seccas folhas, cuja ponta ardendo
Ao contracto do lume, fumo exhala;
E, a uma, os outros aspirando a sorvos,
Pela bocca em golfadas despediam
Ondas de fumo inebriante e odoro.
Propagou-se o invento! E assim a Europa,
Máo grado excommunhões, leis e interdictos,
Mais um vicio importou, — hoje um thesouro!

Domingos José Gonçalves de Magalhães

(Visconde de Araguaya)

1811-1882

NAPOLEÃO EM WATERLOO

Eis aqui o lugar, onde eclipsou-se
O meteoro fatal ás regias frontes!
E nessa hora em que a gloria se obumbrava,
Além o sol em trevas se envolvia,
Rubro estava o horisonte, e a terra rubra!
Dois astros ao occaso caminhavam;
Tocado ao seu zenith haviam ambos;
Ambos iguaes no brilho, ambos na queda,
Tão grandes, como em horas de triumpho!

Waterloo!... Waterloo!... Lição sublime
Este nome revela á Humanidade:
Um oceano de pó, de fogo e fumo
Aqui varreu o exercito invencivel,
Como a explosão outrora do Vesuvio
Até seus tectos inundou Pompéa!
O pastor, que apascenta seu rebanho,
O corvo, que sanguineo pasto busca,
Sobre o leão de granito esvoaçando,
O echo da floresta, e o peregrino
Que indagador visita estes lugares:
Waterloo!.... Waterloo!... dizendo, passam.

Aqui morreram de Marengo os bravos!
Entretanto esse heróe de mil batalhas,
Que o destino do reis nas mãos continha,
Esse heróe, que com a ponta de seu gladi
No mappa das nações traçava as raias,
Entre seus marechaes ordens dictava!
O halito inflammado de seu peito
Suffocava as phalanges inimigas,
E a coragem nas suas accendia.

Sim, aqui estava o genio das victorias
Medindo o campo com seus olhos de aguia!
O infernal retim-tim do embate de armas,
Os trovões dos canhões que ribombavam,
O sibilo das balas que gemiam,
O horror, a confusão, gritos, suspiros,
Eram como uma orchestra a seus ouvidos!
Nada o turbava. Abobadas de balas,
Pelo inimigo aos centos disparadas,
A seus pés se curvavam respeitosas,
Quaes submissos leões, e nem ousando
Tocal-o, ao seu ginete os pés lambiam!..
Oh! porque não venceu? Facil lhe fôra!
Foi destino, ou traição? A aguia sublime
Que devassava o céo, com vôo altivo,
Desde as margens do Sena até o Nilo,
Assombrando as nações com as largas azas,
Porque se nivelou aqui com os homens?

Oh! porque não venceu? O anjo da gloria
O hymno da victoria ouviu tres vezes,
E tres vezes bradou: — « E' cedo ainda! »

A espada lhe gemia na bainha,
E inquieto relinchava o audaz ginete,
Que soia escutar o horror da guerra,
E o fumo respirar de mil bombardas;
Na pugna os esquadrões se encarniçavam,
Roncavam pelos ares os pelouros,
Mil vermelhos fuzis se emmaranhavam,
Encruzadas espadas, e as baionetas,
E as lanças faiscavam retinindo.
Elle só, impassivel, como a rocha,
Qual de ferro fundido estatua equestre,
Que invisivel poder, magico anima,
Via seus batalhões cair feridos,
Como muros de bronze, por cem raios,
E no céo seu destino decifrava...

Pela ultima vez, com a espada em punho,
Rutilante na pugna se arremessa;
Seu braço é tempestade, a espada é raio!
Mas invencivel mão lhe toca o peito!
E' a mão do Senhor — barreira ingente:
— « Basta, guerreiro! tua gloria é minha;
Tua força em mim está; tens completado
Tua augusta missão! — E's homem. — Pára! »

Eram poucos, é certo; mas que importa?
Que importa que Grouchy, surdo ás trombetas,
Surdo aos trovões da guerra, que bradavam :
— « Grouchy! Grouchy! a nós, eia! ligeiro!
O teu imperador aqui te aguarda!
Ah! não deixes teus bravos companheiros
Contra a enchente luctar, que mal vencida

Uma após outra em turbilhões se eleva,
Como vagas do oceano encapellado,
Que furibundas se alçam, luctam, batem
Contra o penedo, e como em pó recuam,
E de novo no pleito se arremessam. »

Eram poucos, é certo; e contra os poucos
Armadas as nações aqui pugnavam!
Mas esses poucos vencedores foram
Em Iena, em Montmirail, em Austerlitz.
Ante elles o Thabor, e os Alpes, curvos,
Viram passar as aguias vencedoras!
E o Rheno, e o Manzanar, e o Adige, e o Euphrates
Embalde á sua marcha se oppuzeram.

Eram os poucos que, jámais vencidos,
Os seus dias contavam por batalhas,
E de cans se cobriram nos combates;
O sol do Egypto ardente assoberbaram,
A peste em Jaffa, a sêde nos desertos,
A fome e os gelos dos Moscovios campos:
Poucos, que se não rendem, mas que morrem!

Oh! que para vencer bastantes eram!
A terra em vão contra elles pleiteara,
Se Deus, que os via, não dissesse — « Basta! »
Dia fatal de opprobrio aos vencedores!
Vergonha eterna á geração que insulta
O leão que magnanimo se entrega!

Eil-o sentado em cima do rochedo,
Ouvindo o echo funebre das ondas,

Que murmuram seu cantico de morte;
Braços cruzados sobre o largo peito,
Qual naufrago escapado da tormenta,
Que as vagas sobre o escolho regeitaram;
Ou qual marmorea estatua sobre um tumulo.
Que grande ideia o occupa, e turbilhona,
Naquella alma tão grande como o mundo?

Elle vê esses reis, que levantara
Da linha de seus bravos, o trairem.
Ao longe mil pygmeus elle divisa,
Que mutilam sua obra gigantesca;
Como do Macedonio outrora o imperio
Entre si repartiram vis escravos.
Então um riso de ira e de despeito
Lhe salpica o semblante de piedade.

O grito inda innocente de seu filho
Sôa em seu coração, e de seus olhos
A lagrima primeira se deslisa;
E de tantas corôas que ajuntara,
Para dotar seu filho, só lhe resta
Esse nome, que o mundo inteiro sabe!

Ah! tudo elle perdeu! a esposa, o filho,
A patria, o mundo e seus fieis soldados.
Mas firme era sua alma como o marmore,
Onde o raio batia e recuava!
Jamais, jamais mortal subiu tão alto!
Elle foi o primeiro sobre a terra:
Só, elle brilha sobranceiro a tudo,
Como sobre a columna de Vendôme

Sua estatua de bronze ao céo se eleva.
— Acima delle, Deus — Deus tão sómente !

Da liberdade foi o mensageiro.
Sua espada, cometa dos tyrannos,
Foi o sol, que guiou a humanidade.
Nós um bem lhe devemos, que gosamos ;
E a geração futura, agradecida,
— Napoleão ! dirá, cheia de assombro.

José Maria do Amaral

1813-1885

Passaste, como a estrella matutina,
Que se some na luz pura da aurora;
Da vida só viveste aquella hora
Em que a existencia em flôr luz sem neblina.

Vêr-te e perder-te! De tão triste sina
Não passa a magoa em mim, antes peióra;
Sem vêr-te já, minh'alma inda te adora,
Em triste culto que a saudade ensina.

Não vivo aqui; a vista em ti só ponho,
Na fé, de Christo filha, a dôr abrigo,
Futuro em ti no céo vejo risonho!

Neste mundo, meu mundo é teu jazigo;
Dizem que a vida é triste e falaz sonho,
Se é sonho a vida, sonharei comtigo.

Se voz christã em tom harmonioso
Dos mortos á mansão seu hymno envia,
Rompe talvez da morte a lethargia,
O espectro accorda quasi esperançoso!

Do teu benigno metro, tão piedoso,
Minha descrença ouviu a melodia;
A fé quasi sorriu quando te ouvia!
Deu ao mundo um olhar quasi saudoso!

Desertas ruinas onde reina a calma
Têm na tristeza graça e têm doçura,
Se ao pé lhes nasce esbelta e verde palma:

Assim teu canto de christã doçura
E', nos ermos sombrios de minh'alma,
Rosa que enfeita velha sepultura!...

Uma por uma, da existencia as flôres,
Se a existencia que temos é florida,
Uma por uma, no correr da vida,
Fanadas vi sem viço e vi sem côres.

Sonhos mundanos, sois enganadores,
Alma que vos sonhou, geme illudida;
Existencia, de flôres tão despida,
Que te fica senão tristeza e dôres?

Do mundo as illusões perdi funestas,
Ao noitejar da idade, em amargura,
Esperança christã, só tu me restas!

Fujo comtigo desta vida impura,
Nas crenças que tão mystica me emprestas,
Transponho antes da morte a sepultura.

Antonio Gonçalves Dias

1823-1864

Y-JUCA-PYRAMA

I

No meio das tabas de amenos verdores,
Cercadas de troncos — cobertos de flores,
Alteiam-se os tectos de altiva nação;
São muitos seus filhos, nos animos fortes,
Temiveis na guerra, que em densas cohortes
Assombram das matas a immensa extensão.

São rudos, severos, sedentos de gloria,
Já prelios incitam, já cantam victoria,
Já meigos attendem á voz do cantor :
São todos Tymbiras, guerreiros valentes !
Seu nome lá vôa na bocca das gentes,
Condão de prodigios, de gloria e terror !

As tribus visinhas, sem forças, sem brio,
As armas quebrando, lançando-as ao rio,
O incenso aspiraram dos seus maracás :
Medrosos das guerras que os fortes accendem,
Custosos tributos ignavos lá rendem
Aos duros guerreiros sujeitos na paz.

No centro da taba se estende um terreiro,
Onde ora se aduna o concilio guerreiro
Da tribu, senhora das tribus servis :
Os velhos sentados praticam de outrora,
E os moços inquietos, que a festa enamora,
Derramam-se em torno dum indio infeliz.

Quem é? — ninguem sabe : seu nome é ignoto,
Sua tribu não diz : — de um povo remoto
Descende por certo — de um povo gentil;
Assim lá na Grecia ao escravo insulano
Tornavam distincto do vil musulmano
As linhas correctas do nobre perfil.

Por casos de guerra caiu prisioneiro
Nas mãos dos Tymbiras; — no extenso terreiro
Assola-se o tecto, que o teve em prisão;
Convidam-se as tribus dos seus arredores,
Cuidosos se incumbem do vaso das cores,
Dos varios aprestos da honrosa funcção.

Acerva-se a lenha da vasta fogueira,
Entesa-se a corda da embira ligeira,
Adorna-se a maça com pennas gentis :
A custo, entre as vagas do povo da aldeia,
Caminha o Tymbira, que a turba rodeia,
Garboso nas plumas de vario matiz.

Em tanto as mulheres com leda trigança,
Affeitas ao rito da barbara usança,
O indio já querem captivo acabar :
A coma lhe cortam, os membros lhe tingem,

Brilhante enduape no corpo lhe cingem,
Sombreia-lhe a fronte gentil kanitar.

II

Em fundos vasos de alvacenta argilla
Ferve o cauim;
Enchem-se as copas, o prazer começa,
Reina o festim.

O prisioneiro, cuja morte anceiam,
Sentado está,
O prisioneiro, que outro sol no occaso
Jámais verá!

A dura corda, que lhe enlaça o collo,
Mostra-lhe o fim
Da vida escura, que será mais breve
Do que o festim!

Comtudo os olhos de ignobil pranto
Seccos estão;
Mudos os labios não descerram queixas
Do coração.

Mas um martyrio, que encobrir não póde,
Em rugas faz
A mentirosa placidez do rosto
Na fronte audaz!

Que tens, guerreiro? Que temor te assalta
No passo horrendo?

Honra das tabas que nascer te viram,
Folga morrendo.

Folga morrendo; porque além dos Andes
Revive o forte,
Que soube ufano contrastar os medos
Da fria morte.

Rasteira grama, exposta ao sol, á chuva,
Lá murcha e pende:
Sómente ao tronco, que devassa os ares,
O raio offende!

Que foi? Tupan mandou que elle caisse
Como viveu;
E o caçador que o avistou prostrado
Esmoreceu!

Que temes, ó guerreiro? Além dos Andes
Revive o forte,
Que soube ufano contrastar as medos
Da fria morte.

III

Em larga roda de noveis guerreiros
Ledo caminha o festival Tymbira,
A quem do sacrificio cabe a honra.
Na fronte o kanitar sacode em ondas,
O enduape na cinta se embalança,
Na dextra mão sopesa a iverapeme,

Orgulhoso e pujante. — Ao menor passo,
Collar d'alvo marfim, insignia de honra,
Que lhe orna o collo e o peito, ruge e freme,
Como que por feitiço não sabido
Encantadas alli as almas grandes
Dos vencidos Tapuyas, inda chorem
Serem gloria e brasão de imigos feros.

« Eis-me aqui, diz ao indio prisioneiro;
« Pois que fraco, e sem tribu, e sem familia,
« A nossas matas devassaste ousado,
« Morrerás morte vil da mão de um forte. »
Vem a terreiro o misero contrario;
Do collo á cinta a musurana desce:
« Dize-nos tu quem és, teus feitos canta,
« Ou, se te apraz, defende-te... » Começa
O indio, que ao redor derrama os olhos,
Com triste voz que os animos commove.

IV

Meu canto de morte,
Guerreiros, ouvi :
Sou filho das selvas,
Nas selvas cresci;
Guerreiros, descendo
Da tribu tupi.

Da tribu pujante,
Que agora anda errante
Por fado inconstante,

Guerreiros, nasci:
Sou bravo, sou forte,
Sou filho do norte;
Meu canto de morte,
Guerreiros, ouvi.

Já vi cruas brigas,
De tribus imigas,
E as duras fadigas
Da guerra provei;
Nas ondas mendaces
Senti pelas faces
Os silvos fugaces
Dos ventos que amei.

Andei longes terras,
Lidei cruas guerras,
Vaguei pelas serras
Dos vis Aymorés;
Vi luctas de bravos,
Vi fortes-escravos!
De estranhos ignavos
Calcados aos pés.

E os campos talados,
E os arcos quebrados,
E os piagas coitados
Já sem maracás;
E os meigos cantores
Servindo a senhores,
Que vinham traidores
Com mostras de paz.

Aos golpes do imigo
Meu ultimo amigo,
Sem lar, sem abrigo
Caiu junto a mi!
Com placido rosto,
Sereno e composto,
O acerbo desgosto,
Commigo soffri.

Meu pai a meu lado,
Já cego e quebrado,
De penas ralado,
Firmava-se em mi:
Nós ambos, mesquinhos,
Por invios caminhos,
Cobertos de espinhos
Chegamos aqui!

O velho no emtanto
Soffrendo já tanto
De fome e quebranto,
Só qu'ria morrer!
Não mais me contenho,
Nas matas me embrenho
Das frechas que tenh
Me quero valer.

Então, forasteiro,
Caí prisioneiro
De um troço guerreiro
Com que me encontrei:
O cru dessocego

Do pai fraco e cego,
Emquanto não chego,
Qual seja, — dizei!

Eu era o seu guia
Na noite sombria,
A só alegria
Que Deus lhe deixou:
Em mim se apoiava,
Em mim se firmava,
Em mim descançava,
Que filho lhe sou.

Ao velho coitado
De penas ralado,
Já cego e quebrado,
Que resta? — Morrer.
Emquanto descreve
O gyro tão breve
Da vida que teve,
Deixae-me viver!

Não vil, não ignavo,
Mas forte, mas bravo,
Serei vosso escravo:
Aqui virei ter.
Guerreiros, não córo
Do pranto que choro,
Se a vida deploro,
Tambem sei morrer.

V

Soltae-o ! — diz o chefe. Pasma a turba :
Os guerreiros murmuram : mal ouviram,
Nem poude nunca um chefe dar tal ordem !
Brada segunda vez com voz mais alta,
Afrouxam-se as prisões, a embira cede,
A custo, sim, mas cede : o estranho é salvo.
— Tymbira, diz o indio enternecido,
Solto apenas dos nós que o seguravam :
E's um guerreiro illustre, um grande chefe,
Tu que assim do meu mal te commoveste,
Nem soffres que, transposta a natureza,
Com olhos onde a luz já não scintilla,
Chore a morte do filho o pai cançado,
Que sómente por seu na voz conhece.
— E's livre; parte.
                                        — E voltarei.
                                                                — Debalde.
— Sim, voltarei, morto meu pai.
                                                        Não voltes !
E bem feliz, se existe, em que não veja
Que filho tem, qual chora : és livre; parte !
— Acaso tu suppões que me acobardo,
Que receio morrer !
                                            — E's livre; parte !
— Ora não partirei; quero provar-te
Que um filho dos Tupis vive com honra,
E com honra maior, se acaso o vencem.
Da morte o passo glorioso affronta.

— Mentiste, que um Tupi não chora nunca,
E tu choraste!... parte; não queremos
Com carne vil enfraquecer os fortes.

Sobresteve o Tupi : arfando em ondas
O rebater do coração se ouvia
Precipite; do rosto afogueado
Gelidas bagas de suor corriam :
Talvez que o assaltava um pensamento ...
Já não... que na enluctada fantasia,
Um pesar, um martyrio ao mesmo tempo,
Do velho pai a moribunda imagem
Quasi bradar-lhe ouvia : — Ingrato! ingrato! —
Curvado o collo, taciturno e frio,
Espectro de homem, penetrou no bosque!

VI

— Filho meu, onde estás?
— Ao vosso lado!
Aqui vos trago provisões : tomae-as,
As vossas forças restaurae perdidas,
E a caminho, e já!
— Tardaste muito!
Não era nado o sol, quando partiste,
E frouxo o seu calor já sinto agora!
— Sim, demorei-me a divagar sem rumo,
Perdi-me nestas matas intrincadas,
Reaviei-me e tornei; mas urge o tempo;
Convém partir, e já!
— Que novos males

Nos restam de soffrer? que novas dores,
Que outro fado peior Tupan nos guarda?

— As settas da afflicção já se exgotaram,
Nem para novo golpe espaço intacto
Em nossos corpos resta.
— Mas tu tremes!
— Talvez do afan da caça...
— O' filho caro!
Um quê mysterioso aqui me fala,
Aqui no coração; piedosa fraude
Será por certo, que não mentes nunca!
Não conheces temor, e agora temes?
Vejo e sei: é Tupan que nos afflige,
E contra o seu querer não valem brios.
Partamos!...
E com mão tremula, incerta
Procura o filho, tacteando as trevas
Da sua noite lugubre e medonha.
Sentindo o acre odor das frescas tintas,
Uma idéa fatal correu-lhe á mente...
Do filho os membros gelidos apalpa,
E a dolorosa maciez das plumas
Conhece estremecendo: foge, volta,
Encontra sob as mãos o duro craneo,
Despido então do natural ornato!...
Recúa afflicto e pavido, cobrindo
A's mãos ambas os olhos fulminados;
Como que teme ainda o triste velho
De ver, não mais cruel, porém mais clara,
Daquelle exicio grande a imagem viva
Ante os olhos do corpo afigurada.

Não era que a verdade conhecesse
Inteira e tão cruel qual tinha sido;
Mas que funesto azar correra o filho,
Elle o via; elle o tinha alli presente;
E era de repetir-se a cada instante.
A dor passada, a previsão futura
E o presente tão negro, alli os tinha;
Alli no coração se concentrava,
E'a num ponto só, mas era a morte!

— Tu prisioneiro, tu?
— Vós o dissestes.
— Dos indios?
— Sim.
— De que nação?
— Tymbiras.
— E a musurana funeral rompeste,
Dos falsos manitôs quebraste a maça...

— Nada fiz... aqui estou.
— Nada!
Emmudecem;
Curto instante depois prosegue o velho:
— Tu és valente, bem o sei; confessa,
Fizeste-o, certo, ou já não foras vivo!

— Nada fiz, mas souberam da existencia
De um pobre velho, que em mim só vivia...

— E depois?...
— Eis-me aqui.
— Fica essa taba?

— Na direcção do sol, quando transmonta.
— Longe?
— Não muito.
— Tens razão : partamos.
— E quereis ir?...
— Na direcção do occaso.

VII

« Por amor de um triste velho,
Que ao termo fatal já chega,
Vós, guerreiros, concedestes
A vida a um prisioneiro.
Acção tão nobre vos honra,
Nem tão alta cortezia
Vi eu jámais praticada
Entre os Tupis, — e mais foram
Senhores em gentileza.

« Eu porém nunca vencido,
Nem nos combates por armas,
Nem por nobreza nos actos;
Aqui venho, e o filho trago.
Vós o dizeis prisioneiro,
Seja assim como dizeis;
Mandae vir a lenha, o fogo,
A maça do sacrificio
E a musurana ligeira;
Em tudo o rito se cumpra!
E quando eu fôr só na terra,
Certo acharei entre os vossos,

Que tão gentis se revelam,
Alguem que meus passos guie;
Alguem, que vendo o meu peito
Coberto de cicatrizes,
Tomando a vez de meu filho,
De haver-me por pai se ufane! »

Mas o chefe dos Tymbiras,
Os sobrolhos encrespando,
Ao velho Tupi guerreiro
Responde com torvo accento:

— Nada farei do que dizes;
E' teu filho imbelle e fraco!
Aviltaria o triumpho
Da mais guerreira das tribus
Derramar seu ignobil sangue:
Elle chorou de cobarde;
Nós outros, fortes Tymbiras,
Só de heroes fazemos pasto.

Do velho Tupi guerreiro
A surda voz na garganta
Faz ouvir uns sons confusos,
Como os rugidos de um tigre,
Que pouco a pouco se assanha!

VIII

« Tu choraste em presença da morte?
Na presença de estranhos choraste?

Não descende o cobarde do forte;
Pois choraste, meu filho não és!
Possas tu, descendente maldicto,
De uma tribu de nobres guerreiros,
Implorando crueis forasteiros,
Seres presa de vis Aymorés.

Possas tu, isolado na terra,
Sem arrimo e sem patria vagando,
Regeitado da morte na guerra,
Regeitado dos homens na paz,
Ser das gentes o espectro execrado;
Não encontres amor nas mulheres;
Teus amigos, se amigos tiveres,
Tenham alma inconstante e fallaz!

Não encontres doçura no dia,
Nem as côres da aurora te ameiguem,
E entre as larvas da noite sombria
Nunca possas descanço gozar;
Não encontres um tronco, uma pedra,
Posta ao sol, posta ás chuvas e aos ventos,
Padecendo os maiores tormentos,
Onde possas a fronte pousar.

Que a teus passos a relva se torre,
Murchem prados, a flor desfalleça,
E o regato que limpido corre,
Mais te accenda o vesano furor:
Suas aguas depressa se tornem,
Ao contacto dos labios sedentos,

Lago impuro de vermes nojentos,
Donde fujas com asco e terror!

Sempre o céo, como um tecto incendido,
Creste e punja teus membros maldictos,
E o oceano de pó denegrido
Seja a terra ao ignavo tupi!
Miseravel, faminto, sedento,
Manitôs lhe não falem nos sonhos,
E do horror os espectros medonhos
Traga sempre o cobarde após si.

Um amigo não tenhas piedoso
Que o teu corpo na terra embalsame,
Pondo em vaso de argilla cuidoso
Arco e frecha e tacape a teus pés!
Sê maldicto, e sósinho na terra:
Pois que a tanta vileza chegaste,
Que em presença da morte choraste;
Tu, cobarde, meu filho não és. »

IX

Isto dizendo, o miserando velho
A quem Tupan tamanha dôr, tal fado
Já nos confins da vida reservara,
Vae com tremulo pé, com as mãos já frias
Da sua noite escura as densas trevas
Palpando. — Alarma! alarma! — O velho pára;
O grito que escutou é voz do filho,
Voz de guerra que ouviu já tantas vezes

Noutra quadra melhor. — Alarma! alarma!
— Esse momento só vale apagar lhe
Os tão compridos trances, as angustias,
Que o frio coração lhe atormentaram
De guerreiro e de pai: — vale, e de sobra.
Elle que em tanta dôr se contivera,
Tomado pelo subito contraste,
Desfaz-se agora em pranto copioso,
Que o exhaurido coração remoça.

A taba se alborota, os golpes descem,
Gritos, imprecações profundas soam,
Emmaranhada a multidão braveja,
Revolve-se, ennovela-se confusa,
E mais revolta em mor furor se accende.
E os sons dos golpes que incessantes fervem,
Vozes, gemidos, estertor de morte
Vão longe pelas ermas serranias
Da humana tempestade propagando
Quantas vagas de povo enfurecido
Contra um rochedo vivo se quebravam.

Era elle, o Tupi; nem fôra justo
Que a fama dos Tupis — o nome, a gloria,
Aturado labor de tantos annos,
Derradeiro brasão da raça extincta,
De um jacto e por um só se aniquilasse.

— Basta! já clama o chefe dos Tymbiras,
— Basta, guerreiro illustre! assaz luctaste,
E para o sacrificio é mister força. —
O guerreiro parou, caiu nos braços

Do velho pai, que o cinge contra o peito,
Com lagrimas de jubilo bradando :
« Este, sim, que é meu filho muito amado !
« E pois que o acho em fim, qual sempre o tive,
« Corram livres as lagrimas que choro,
« Estas lagrimas, sim, que não deshonram. »

SE SE MORRE DE AMOR!

Se se morre de amor! — Não, não se morre,
Quando é fascinação que nos surprende
De ruidoso sarau entre os festejos;
Quando luzes, calor, orchestra e flores
Assomos de prazer nos raiam n'alma,
Que embellezada e solta em tal ambiente,
No que houve, e no que vê prazer alcança!

Sympathicas feições, cintura breve,
Graciosa postura, porte airoso,
Uma fita, uma flôr entre os cabellos,
Um quê mal definido, acaso podem
Num engano de amor arrebatar-nos.
Mas isso amor não é; isso é delirio,
Devaneio, illusão, que se esvaece
Ao som final da orchestra, ao derradeiro
Clarão que as luzes no morrer despedem;
Se outro nome lhe dão, se amor o chamam,
De amor igual ninguem succumbe á perda.

Amor é vida; é ter constantemente
Alma, sentidos, coração — abertos

Ao grande, ao bello; é ser capaz de extremos,
De altas virtudes, té capaz de crimes!
Comprehender o infinito, a immensidade,
E a natureza e Deus; gostar dos campos;
D'aves, flores, murmurios solitarios;
Buscar tristeza, a soledade, o ermo,
E ter o coração em riso e festa;
E á branda festa, ao riso da nossa alma
Fontes de pranto intercalar sem custo;
Conhecer o prazer e a desventura
No mesmo tempo, e ser no mesmo ponto
O ditoso, o miserrimo dos entes:
Isso é amor, e desse amor se morre!

Amar, e não saber, não ter coragem
Para dizer que amor que em nós sentimos;
Temer que olhos profanos nos devassem
O templo, onde a melhor porção da vida
Se concentra; onde avaros recatamos
Essa fonte de amor, esses thesouros
Inexgotaveis, de illusões floridas;
Sentir, sem que se veja, a quem se adora
Comprehender, sem lhe ouvir, seus pensamentos,
Seguil-a, sem poder fitar seus olhos,
Amal-a, sem ousar dizer que amamos
E, temendo roçar os seus vestidos,
Arder por afogal-a em mil abraços:
Isso é amor, e desse amor se morre!

Se tal paixão porém emfim transborda,
Se tem na terra o galardão devido
Em reciproco affecto; e unidas, uma,

Dois seres, duas vidas se procuram,
Entendem-se, confundem-se e penetram
Juntas — em puro céo de extasis puros;
Se logo a mão do fado as torna extranhas,
Se os duplica e separa, quando unidos
A mesma vida circulava em ambos;
Que será do que fica, e do que longe
Serve ás borrascas de ludibrio e escarneo?
Póde o raio num pincaro caindo,
Tornal-o dois, e o mar correr entre ambos;
Póde rachar o tronco levantado
E dois cimos depois verem-se erguidos,
Signaes mostrando da alliança antiga;
Dois corações porém, que juntos batem,
Que juntos vivem, — se os separam, morrem
Ou se entre o proprio estrago inda vegetam,
Se apparencia de vida, em mal, conservam,
Ancias crúas resumem do proscripto,
Que busca achar no berço a sepultura!

Esse, que sobrevive á propria ruina,
Ao seu viver do coração, — ás gratas
Illusões, quando em leito solitario,
Entre as sombras da noite, em larga insomnia,
Devaneiando, a futurar venturas,
Mostra-se e brinca a appetecida imagem;
Esse, que á dor tamanha não succumbe,
Inveja a quem na sepultura encontra
Dos males seus o desejado termo!

AINDA UMA VEZ, ADEUS.

Emfim te vejo! — emfim posso,
Curvado a teus pés, dizer-te
Que não cessei de querer-te,
Pezar de quanto soffri.
Muito penei! Crúas ancias,
Dos teus olhos afastado,
Houveram-me acabrunhado,
A não lembrar-me de ti!

Dum mundo a outro impellido,
Derramei os meus lamentos
Nas surdas azas dos ventos,
Do mar na crespa cerviz!
Baldão, ludibrio da sorte
Em terra estranha, entre gente
Que alheios males não sente,
Nem se condóe do infeliz!

Louco, afflicto, a saciar-me
De aggravar minha ferida,
Tomou-me tedio da vida,

Passos da morte senti;
Mas quasi no passo extremo,
No ultimo arcar da esperança,
Tu me vieste á lembrança :
Quiz viver mais e vivi !

Vivi ; pois Deus me guárdava
Para este logar e hora !
Depois de tanto, senhora,
Ver-te e falar-te outra vez ;
Rever-me em teu rosto amigo,
Pensar em quanto hei perdido,
E este pranto dolorido
Deixar correr a teus pés.

Mas que tens? Não me conheces?
De mim afastas teu rosto?
Pois tanto pôde o desgosto
Transformar o rosto meu?
Sei a afflicção quanto póde,
Sei quanto ella desfigura,
E eu não vivi na ventura...
Olha-me bem, que sou eu !

Nem uma voz me diriges !...
Julgas-te acaso offendida?
Déste-me amor, e a vida
Que m'a darias — bem sei ;
Mas lembrem-te aquelles feros
Corações, que se metteram
Entre nós ; e se venceram,
Mal sabes quanto luctei !

Oh! se luctei! .. mas devêra
Expôr-te em publica praça,
Como um alvo á populaça,
Um alvo aos dicterios seus!
Devêra, podia acaso
Tal sacrificio acceitar-te
Para no cabo pagar-te,
Meus dias unindo aos teus?

Devêra, sim; mas pensava
Que de mim te esquecerias,
Que, sem mim, alegres dias
Te esperavam; e em favor
De minhas preces, contava
Que o bom Deus me acceitaria
O meu quinhão de alegria
Pelo teu quinhão de dôr!

Que me enganei, ora o vejo;
Nadam-te os olhos em pranto,
Arfa-te o peito, e no emtanto
Nem me pódes encarar;
Erro foi, mas não foi crime;
Não te esqueci, eu t'o juro:
Sacrifiquei meu futuro,
Vida e gloria por te amar!

Tudo, tudo; e na miseria
De um martyrio prolongado,
Lento, cruel, disfarçado,
Que eu nem a ti confiei:

« Ella é feliz (me dizia)
« Seu descanço é obra minha. »
Negou-m'o a sorte mesquinha...
Perdôa, que me enganei!

Tantos encantos me tinham,
Tanta illusão me afagava
De noite, quando accordava,
De dia em sonhos talvez!
Tudo isso agora onde pára?
Onde a illusão dos meus sonhos?
Tantos projectos risonhos,
Tudo esse engano desfez!

Enganei-me!... — Horrendo cháos
Nessas palavras se encerra,
Quando do engano, quem erra,
Não póde voltar atraz!
Amarga irrisão! reflecte:
Quando eu gozar-te pudera,
Martyr quiz ser, cuidei qu'era...
E um louco fui, nada mais!

Louco, julguei adornar-me
Com palmas de alta virtude!
Que tinha eu bronco e rude
Com o que se chama ideal?
O meu eras tu, não outro;
'Stava em deixar minha vida
Correr por ti conduzida,
Pura, na ausencia do mal.

Pensar eu que o teu destino
Ligado ao meu, outro fôra;
Pensar que te vejo agora,
Por culpa minha, infeliz;
Pensar que a tua ventura
Deus *ab eterno* a fizera,
No meu caminho a puzera...
E eu! eu fui que a não quiz!

E's de outro agora, e p'ra sempre!
Eu a misero desterro
Volto, chorando o meu erro,
Quasi descrendo dos céus!
Dóe-te de mim, pois me encontras
Em tanta miseria posto,
Que a expressão deste desgosto
Será um crime ante Deus!

Dóe-te de mim, que te imploro
Perdão, a teus pés curvado;
Perdão! de não ter ousado
Viver contente e feliz!
Perdão da minha miseria,
Da dôr que me rala o peito,
E se do mal que te hei feito,
Tambem do mal que me fiz!

Adeus, que eu parto, senhora;
Negou-me o fado inimigo
Passar a vida comtigo,
Ter sepultura entre os meus;
Negou-me nesta hora extrema.

Por extrema despedida,
Ouvir-te a voz commovida
Soluçar um breve adeus !

Lerás porém algum dia
Meus versos, da alma arrancados,
De amargo pranto banhados,
Com sangue escriptos ; — e então
Confio que te commovas,
Que a minha dor te apiade,
Que chores, não de saudade,
Nem de amor,— de compaixão.

Bernardo Joaquim da Silva Guimarães

1827-1884

HYMNO Á TARDE

A tarde está tão bella e tão serena
Que convida a scismar... Eil-a saudosa
E meiga, reclinada
Em seu ethereo leito,
Da muda noite a amavel precursora;
Do roseo seio aromas transpirando,
Com vagos cantos, com gentil sorriso
Ao repouso convida a natureza.
Montão de nuvens, como vasto incendio,
Resplende no horizonte, e o clarão rubido
Céos e montes ao longe purpurêa.
Pelas odoras veigas
As auras brandamente se espreguiçam,
E o sabiá na encosta solitaria
Saudoso cadencêa
Pausado harpejo, que entristece os ermos.
Oh! que grato remanso! — que hora amena,
Propicia aos sonhos d'alma!
Quem me dera voltar á feliz quadra,
Em que este coração me transbordava
De emoções virginaes, de affectos puros!

Em que esta alma em seu seio reflectia,
Como o crystal da fonte, pura ainda,
Todo o fulgor do céo, toda a belleza
E magia da terra!... ó doce quadra!
Quão veloz te sumiste — como um sonho
Nas sombras do passado!

Quanto eu te amava então, tarde formosa!
Qual pastora gentil, que se reclina
Rosea e louçã, sobre a macia relva,
Das diurnas fadigas descançando;
A face em que o afan lhe accende as côres,
Na mão repousa — os seios lhe estremecem
No molle arfar e o lume de seus olhos
Em suave languor vae desmaiando;
Assim me apparecias, meiga tarde,
Sobre os montes do occaso debruçada;
Tu eras o anjo da melancolia
Que á paz da solidão me convidava.
Então no tronco, que o tufão prostrára
No viso da collina ou na erma rocha,
Sobre a margem do abysmo pendurada,
Me assentava a scismar, nutrindo a mente
De arroubadas visões, de aereos sonhos.
Comtigo a sós sentindo o teu bafejo
De aromas e frescor banhar-me a fronte,
E afagar brandamente os meus cabellos,
Minh'alma então boiava docemente
Por um mar de illusões e parecia
Que um côro aereo, pelo azul do espaço,
Me ia embalando com sonoras dulias;
De um puro sonho sobre as azas de ouro

Me voava enlevado o pensamento,
Encantadas paragens devassando;
Ou nas vagas de luz que o occaso inundam
Afouto me embebia, e o espaço infindo
Transpondo, ia entrever no estranho arroubo
Os radiantes porticos do Elysio.
O' sonhos meus, ó illusões amenas
De meus primeiros annos,
Poesia, amor, saudades, esperanças,
Onde fostes? porque me abandonastes?
Inda do tempo me não pesa a dextra
E não me alveja a fronte; — inda não sinto
Cercar-me o coração da idade os gêlos,
E já vós me fugis, ó ledas flôres
De minha primavera!
E assim vós me deixaes, — tronco sem seiva,
Só, definhando na aridez do mundo?
O' sonhos meus, porque me abandonastes?

A tarde está tão bella e tão serena
Que convida a scismar : — vae pouco e pouco
Desmaiando o rubor dos horisontes,
E pela amena solidão dos valles
Caladas sombras pousam; — breve a noite
Abrigará com a sombra de seu manto
A terra adormecida.
Vinde ainda uma vez, meus sonhos de ouro,
Nesta hora, em que tudo sobre a terra
Suspira, scisma ou canta,
Como esse afagador, extremo raio,
Que a tarde pousa sobre as grimpas ermas,
Vinde paira ainda sobre a fronte

Do bardo pensativo; — illuminae-a
Com um raio inspirado;
Antes que os échos todos adormeçam
Da noite no silencio,
Quero um hymno vibrar nas cordas d'harpa
Para saudar a filha do crepusculo.

Ai! de mim! — esses tempos já cairam
Na sombria voragem do passado!
Os meus sonhos queridos se esvairam,
Como após o festim murchas se espalham
As flôres da grinalda:
Perdeu a fantasia as azas de ouro
Com que se alava ás regiões sublimes
De magica poesia,
E despojada de seus doces sonhos
Minh'alma véla a sós com o soffrimento,
Qual véla o condemnado
Em sombria masmorra á luz sinistra
De amortecida lampada.
Adeos, formosa filha do Occidente,
Virgem de olhar sereno que meus sonhos
Em doces harmonias transformavas;
Adeos, ó tarde! — já nas frouxas cordas
Rouqueja o canto e a voz me desfallece...
Mil e mil vezes raiarás ainda
Nestes sitios saudosos que escutaram
De minha lyra o deleixado accento;
Mas ai! de mim!... nas solitarias veigas
Não mais escutarás a voz do bardo,
Hymnos casando ao sussurrar da brisa
Para saudar teus magicos fulgores!

Silenciosa e triste está minh'alma,
Bem como lyra de estaladas cordas
Que o trovador esquece pendurada
No ramo do arvoredo,
Em ocio triste balançando ao vento.

Francisco Octaviano de Almeida Rosa

1825-1889

MORRER... DORMIR...

Morrer... dormir... não mais! Termina a vida
E com ella terminam nossas dôres:
Um punhado de terra, algumas flôres,
E ás vezes uma lagrima fingida!

Sim! minha morte não será sentida;
Não deixo amigos, e nem tive amores!
Ou, se os tive, mostraram-se traidores,
Algozes vis de uma alma consumida.

Tudo é podre no mundo. Que me importa
Que elle amanhã se esb'rôe e que desabe,
Se a natureza para mim é morta!

E' tempo já que o meu exilio acabe...
Vem, pois, ó Morte, ao Nada me transporta!
Morrer... dormir... talvez sonhar... quem sabe?

RECORDAÇÕES

Oh! se te amei! Toda a manhã da vida
Gastei-a em sonhos que de ti falavam!
Nas estrellas do céo via o teu rosto,
Ouvia-te nas brisas que passavam.
Oh! si te amei! Do fundo de minh'alma
Immenso, eterno amor te consagrei...
Era um viver em scisma de futuro!
Mulher! oh! se te amei!

Quando um sorriso os labios te roçava,
Meu Deus! que enthusiasmo que sentia!
Laurea coroa de virente rama,
Inglorio bardo, a fronte me cingia;
A'estrella d'alva, ás nuvens do Occidente,
Em meiga voz teu nome confiei.
Estrella e nuvens bem no seio o guardam;
Mulher! oh! se te amei!

Oh! se te amei! As lagrimas vertidas,
Alta noite por ti; atroz tortura
Do desespero d'alma, e além, no tempo,

Uma vida a sumir-se na loucura...
Nem aragem, nem, sol, nem céo, nem flores,
Nem a sombra das gloriasque sonhei...
Tudo desfez-se em sonhos e chiméras...
Mulher! oh! se te amei!

ILLUSÕES DA VIDA

Quem passou pela vida em branca nuvem,
E em placido repouso adormeceu;
Quem não sentiu o frio da desgraça,
Quem passou pela vida e não soffreu;
Foi espectro de homem, não foi homem,
Só passou pela vida, não viveu.

Laurindo José da Silva Rabello

1826-1864

DOIS IMPOSSIVEIS

Jámais! quando a razão e o sentimento
Disputam-se o dominio da vontade,
Se uma nobre altivez nos alimenta,
Não se perde de todo a liberdade.

A lucta é forte : o coração succumbe.
Quasi nas ancias do luctar terrivel;
A paixão o devora quasi inteiro,
Devoral-o de todo é impossivel!

Jámais! A chamma crepitante lastra,
Em curso impetuoso se propaga;
Lancem-lhe embora prantos sobre prantos,
E inutil, que o fogo não se apaga.

Mas chega um ponto em que lhe acena o impeto,
Em que não queima já, mas martyrisa,
Em que tristeza branda e não loucura
A' razão se sujeita e se harmonisa.

E' nesse ponto de indizivel tempo,
Onde por mysterioso encantamento,

O sentir á razão vencer não póde,
Nem a razão vencer ao sentimento.

No fundo de noss'alma um espectaculo
Se levanta de triste magestade :
Se de um lado a razão seu facho accende,
De outro os lyrios seus planta a saudade.

Melancolica paz domina o sitio,
Só da razão o facho bruxoleia,
Quando por entre os lyrios da saudade
Do zelo semi-morto a serpe ondeia !

Dois limites então na actividade
Conhece o sêr pensante, o sêr sensivel :
Um impossivel — a razão escreve,
Escreve o sentimento outro impossivel !

Amei-te ! os meus extremos compensaste
Com tanta ingratidão, tanta dureza,
Que assim como adorar-te foi loucura,
Mais extremos te dar fôra baixeza.

Minh'alma nos seus brios offendida
De prompto a seus extremos pôz remate,
Que, mesmo apaixonada, uma alma nobre,
Desespera-se, morre, não se abate.

Póde queimar-se inteira a felicidade
Do teu olhar de fogo inextinguivel,
Acabar minha crença e meu futuro,
Aviltar-me? jámais ! E' impossivel !

Mas a razão, que salva da baixeza
O coração depois de idolatrar-te,
Me anima a abandonar-te, a não querer-te :
Mas a esquecer-te, não : sempre hei-de amar-te!

Porém amar-te desse amor latente,
Raio de luz celeste e sempre puro,
Que tem no seu passado o seu presente,
E tem no seu presente o seu futuro;

Tão livre, tão despido de interesse,
Que para nunca abandonar seu posto,
Para nunca esquecer-te, nem precisa
Beber, te vendo, vida no teu rosto;

Que, desprezando altivo quantas graças
No teu semblante, no teu porte via,
Adora respeitoso aquella imagem
Que delle copiou na fantasia.

A MINHA RESOLUÇÃO

O que fazes, ó minh'alma!
Coração, porque te agitas?
Coração, porque palpitas?
Porque palpitas em vão?
Se aquelle que tanto adoras
Te despreza, como ingrato,
Coração, sê mais sensato,
Busca outro coração!

Corre o ribeiro suave
Pela terra brandamente,
Se o plano condescendente
Delle se deixa regar;
Mas, se encontra algum tropeço
Que o leve curso lhe prive,
Busca logo outro declive,
Vae correr n'outro lugar.

Segue o exemplo das aguas;
Coração, porque te agitas?
Coração, porque palpitas?

Porque palpitas em vão?
Se aquelle que tanto adoras
Te despreza, como ingrato,
Coração, sê mais sensato,
Busca outro coração!

Nasce a planta, a planta cresce,
Vae contente vegetando,
Só por onde vae achando
Terra propria a seu viver;
Mas, se acaso a terra esteril
As raizes lhe é veneno,
Ella vae n'outro terreno
As raizes esconder.

Segue o exemplo da planta;
Coração, porque te agitas?
Coração, porque palpitas?
Porque palpitas em vão?
Se aquelle que tanto adoras
Te despreza, como ingrato,
Coração, sê mais sensato,
Busca outro coração!

Saiba a ingrata que punir
Tambem sei tamanho aggravo
Se me trata como escravo,
Mostrarei que sou senhor;
Como as aguas, como a planta,
Fugirei dessa homicida;
Quero dar a um'alma fida
Minha vida e meu amor.

ADEUS AO MUNDO

I

Já do batel da vida
Sinto tomar-me o leme a mão da morte :
E perto avisto o porto
Immenso, nebuloso, e sempre noite,
Chamado — Eternidade !
Como é tão bello o sol ! Quantas grinaldas
Não tem de mais a aurora ! !
Como requinta o brilho a luz dos astros !
Como são rescendentes os aromas
Que se exhalam das flôres ! Que harmonia
Não se desfructa no cantar das aves . .
No embater do mar e das cascatas,
No sussurrar dos limpidos ribeiros,
Na natureza inteira, quando os olhos
Do moribundo, quasi extinctos, bebem
Seus ultimos encantos !

II

Quando eu guardava, ao menos na esperança,
Para o dia seguinte o sol de um dia,
De uma noite o luar para outras noites;
Quando durar contava mais que um prado,
Mais que o mar, que a cascata erguer meu canto,
E murmural-o num jardim de amores;
Quando julgava a natureza minha ,
Desdenhava os seus dons : eil-a vingada;
Cêdo de vermes rojarei ludibrio,
E vida alardearão fracos arbustos
Sobre meu lar de morto ! A noite, o dia,
O inverno, o verão, a primavera,
A aurora, a tarde, as nuvens, e as estrellas,
A rir-se passarão sobre meus ossos !
Não importa : não é perder o mundo
O que me azeda os pallidos instantes
Que conto por gemidos. Meu tormento,
Minha dôr, é morrer longe da patria,
Da mãe e dos irmãos, que tanto adoro.

III

Quando da patria me ausentei, não tinha
Nada, que lhes deixar, que lhes dissesse
O que eram elles dentro de minh'alma.
Mendigo, a quem cedi pequena esmola,
Deu-me quatro sementes de saudade;
Ao meu jardim domestico levei-as,

Cavei, reguei a terra com meu pranto,
E plantei as saudades. Soluçando,
Chamei alli os meus : « Aqui vos deixo
(Disse apontando á plantação) em flôres
Minh'alma toda inteira; aqui vos deixo
Um thesouro enterrado. Joias, ouro,
Riquezas, não, não tem, porém na terra
Esteril não será. » Ondas de pranto
Afogaram-me a voz : houve silencio;
Palpei de novo o chão; vi que de novo
Cavado estava! A terra se afundara,
E as sementes nadavam sobre lagrimas,
Que minha mãe e minha irmã choravam...
Replantei-as, orei, beijei a terra,
E parti... Trouxe da alma só metade;
E o coração?.. deixei-o num abraço.

IV

Certo estou de que a planta, já crescida,
Terá brotado flôr. Se ao menos dado
Me fosse colher uma .. vêr a terra
Pelo pranto dos meus santificada!
Se uma dessas saudades enfeitar-me
Viesse a minha eça, ou meu sudario,
Ou, pela mão materna transplantada,
Encravar-me as raizes no sepulcro...
E' tão pouco, meu Deus! !. Eu não vos peço
Soberbo mausoléo, estatua augusta
De tumulo de rei. Assaz desprezo
Esses gigantes de ouro

Com entranhas de pó. Mortalha escassa
De grosseiro burel, que bordem lagrimas;
Terra só quanto baste p'ra um cadaver,
E as minhas saudades, e entre ellas
Uma cruz com os braços bem abertos,
Que peça a todos preces; terra, terra
Perto dos meus e no torrão da patria,
E' só quanto supplico.

V

A morte é dura,
Porém longe da patria é dupla a morte.
Desgraçado do misero, que expira
Longe dos seus, que molha a lingua, sêcca
Pelo fogo da febre, em caldo estranho;
Que vigilias de amor não tem comsigo,
Nem palavras amigas que lhe adocem
O tedio dos remedios, nem um seio,
Um seio palpitante de cuidados
Onde descance a languida cabeça!

Feliz, feliz aquelle, a quem não cercam
Nesse momento acerbo indifferentes
Olhos sem pranto; que na mão gelada
Sente a macia dextra da amizade
Num aperto de dôr prender-lhe a vida!

Feliz o que no arfar da ancia extrema
De desvelada irmã piedoso lenço,
Humido de saudades, vem limpar-lhe
As frias bagas dos finaes suores!

Feliz o que repete extrema prece,
Ensinada por ella, e beijar póde
O lenho do Senhor nas mãos maternas.

Desgraçado de mim!... Talvez bem cedo
Longe de mãe, de irmãos, longe da patria
Tenha de me finar... Ramo perdido
De tronco que o gerou, e arremessado
Por mão de genio máo á plaga alheia,
Mirrarei esquecido! Os céos o querem,
Os céos são immutaveis : aos decretos
Do Senhor curvarei a fronte humilde,
Como christão que sou. Eternidade,
Recebe-me a teu bordo!... Adeus, ó mundo!

VI

Já sinto da geada dos sepulcros
O pavoroso frio enregelar-me...
A campa vejo aberta, e lá do fundo
Um esqueleto em pé vejo a acenar-me...

Entremos. Deve haver nestes lugares
Mudança grave na mundana sorte;
Quem sempre a morte achou no lar da vida,
Deve a vida encontrar no lar da morte.

Vamos. Adeus, ó mãe, irmãos e amigos!
Adeus, terra, adeus, mares, adeus, céos!...
Adeus, que vou viagem de finados...
Adeus... adeus... adeus!

Adeus, ó sol que, amigo, illuminaste
Meu pobre berço com os raios teus...
Illumina-me agora a sepultura :
Adeus, meu sol, adeus !

Flôresinhas, que quando era menino
Tanto servistes aos brinquedos meus,
Vegetae, vegetae-me sobre a campa :
Adeus, flôres, adeus !

Vós, cujo canto tanto me encantava,
Da madrugada aligeros orpheus,
Uma nenia cantae-me ao pôr da tarde :
Passarinhos, adeus !

Vamos. Adeus, ó mãe, irmãos e amigos !
Adeus, terra, adeus, mares, adeus, céos !...
Adeus : que vou viagem de finados !...
Adeus !... adeus !... adeus !

José Bonifacio de Andrada e Silva

1827-1886

O REDIVIVO

Dorme o batalhador... Porque choral-o?
Armas em funeral! Silencio, oh! bravos!
Que a dôr o não desperte!
Tão só, tão grande, sobre a terra, inerte!
A patria, além, partido o coração...
Saudade immensa, e immensa solidão!

Não o despertem! Elle dorme agora,
Embalado nos braços da metralha,
Ao trom da artilheria,
Por lençol, a bandeira; em terra fria,
Tem por leito os trophéos; por travesseiro,
Tem o canhão, no somno derradeiro!

Sorrindo adormeceu, a espada em punho,
A imaginar, sonhando, ouvir no espaço
O clarim da investida!
A' cabeceira, a Morte, agradecida!
Aos pés, a Gloria; e, ao lado, ajoelhada,
A Patria, pobre mãe desventurada!

Segura as redeas do corcel sem dono
Formosura sinistra. olhar infindo,
E'a deusa da guerra!
Mede os espaços, os confins da terra...
Quer despertal-o : treme, o passo é incerto;
Estende a mão, e aponta p'ra o deserto!

Quando elle adormeceu, na mente insana,
Homericas visões lhe appareceram!
Olhou fito o seu norte...
— « Eu sou a Eternidade, » disse á Morte;
« Do meu ginete o pé a terra abala;
Quando eu caminho, a viração nem fala! »

E que eternas visões!... Na marcha ousada,
Para saudal-o, os mortos levantavam-se;
Tocavam as cornetas;
As peças disparavam nas carretas;
E, ao cabo do caminho, a doce paz
Lhe suspendia os arcos triumphaes!

Elle via — qual mar tempestuoso
De ondas revoltas — umas após outras,
Da audaz cavallaria
As cargas, que a victoria presidia;
E, salvando a galope a immensidade,
Dizia á Morte : —« Eu sou a Eternidade!

As montanhas se abatem, quando eu passo;
O rio inclina o dorso, e me saúda,
Se me apeio em caminho!
O meu cavallo é aguia; o céo é ninho;

A fome, a peste, a chuva, em véos de fumo,
São meus soldados, guiam-me no rumo! »

E que eternas visões!... Em valle immenso,
A narina incendida, o peito arfando,
O ginete parava!
Eis a voragem!... Lá no fundo a lava,
Que entornam os volcões da artilheria,
E exercito de mortos, que se erguia!

Depois, nuvem de fogo, uns sons tremendos,
Um estalar de ossos, ais, mil pragas,
Uma orchestra infernal!
Num mar de sangue o sol como phanal!
Os tambores rufando, armas quebradas,
Bandeiras rôtas, retintim de espadas!

Um trovejar sem fim, um largo incendio...
Mas elle, á frente, no corcel, fitando
O infinito, seu norte,
Dizia á Eternidade: — « Eu sou a Morte;
Meu cavallo é o destino; o céo, mortalha;
Meu braço é raio; o coração, muralha!

Ao vêr-me, tremulante, as palmas dobra
A alta palmeira; estreitam-se os banhados;
O arroio nem transborda;
No firmamento azul, o sol accorda;
— « Quem é — pregunta a noite á ventania,
Este archanjo de luz e de poesia? »

— « E'da floresta o rei!... » exclama o vento;
— « E'o espectro do sol!... — affirma a estrella;
Das aguas o senhor!... »
Murmura o rio um cantico de amor;
E a tempestade diz : « — Meu cavalleiro,
Tens por corcel as azas do pampeiro! »

. . . .

E corre, e corre... Ao cabo da carreira,
Immenso boqueirão, fosso sem bordas,
Tranca-lhe o espaço a cruz!
Em baixo, a densa treva; o cimo é luz!
— « Basta!... lhe brada a voz da Immensidade,
A morte foi teu guia á eternidade!... »

Armas em continencia! é um morto vivo!
Eil-o que passa agora, erguido ao alto,
No esquife da victoria!
O Brasil o saúda, e tu, Historia,
Um poema de luz de novo escreves!
Soldados, cortejae Andrade Neves!

UM PÉ

Adorem outros palpitantes seios,
Seios de neve pura,
De angelico sorrir meiga fragrancia,
Ou sobre collo de nevada garça,
Caindo a medo em ondas alouradas,
Bastos anneis de tranças perfumadas.

Adorem o coral do labio ingrato,
Na alvura do alabastro,
A voz suave, o pallido reflexo
Da luz do céo em face de criança;
Ou sobre altar erguido á formosura,
Na fronte eburnea a morbida brancura..

Adorem outros de um airoso porte
Relevados contornos;
A magestade da belleza altiva,
O desdenhoso riso, o collo, o gesto,
A descuidosa mão que a trança alisa,
Na tripode infernal a pythonisa.

Não! não quero paineis de tal encanto!
Tenho gostos humildes :

Amo espreitar a negligente perna,
Que mal se esconde nas rendadas saias,
Ou vêr subindo o patamar da escada,
Sem azas, a voar, um pé de fada.

Um pé, como eu já vi, de tez mimosa,
De tez folha de rosa,
Leve, esguio, pequeno, carinhoso,
Apertado a gemer num sapatinho;
Um pé de matar gente e pisar flôres,
Namorado da lua e pai de amores!

Um pé, como eu já vi, subindo a escada
Da casa de um doutor...
Da moçoila gentil a erguida saia
Deixou-me ver a delicada perna...
Padres, não me negueis, se estaes em calma,
Um coração no pé, na perna uma alma.

Um pé, como eu já vi, junto á ottomana,
Em férvido festim,
Tremendo de valsar, envergonhado,
Sob a meia subtil, e a côr do pejo
Deixando fiuctuar na meia azul...
Requebro, amor, feitiço, um pé taful!

Poeta do amor e da saudade,
Depois de morto, peço,
Em vez de cruz sobre a funerea pedra,
A fórma de seu pé: foi o meu culto...
Quero sonhar o resto, emquanto a lua,
Chorosa e triste, pelo céo fluctúa.

Aureliano José Lessa

1828-1861

A TARDE

I

Lá descambou o sol. Vae descorando
Manso e manso o setim vivo-ceruleo,
E as vermelhas folhagens que recamam
O concavo do céo. Transluz no occaso
Por debil prisma cambiante facho
De semi-mortas côres, que se perdem
No azul ferrete do nocturno manto.
Nevadas franjas fluctuando em flócos
Erram nas abas do docel da tarde,
Como da seda azul, que a moça traja,
Candida renda guarnecendo as orlas.
Galerna a viração farfalha e brinca
Na coma da palmeira; o mar soluça,
Espojando na praia; e a selva freme,
Exhalando ineffavel harmonia,
Que os genios do ermo timidos murmuram
Queixosa a jurity na balsa arrula,
Com ella geme o sabiá saudoso;
Assim modula suspirosa flauta,

Assim chama a viuva pelo esposo,
Que inda tão joven lhe caiu dos braços.

II

Mãe da melancolia, ó meiga tarde,
Que magico pintor bordou teu manto
Co'as duvidosas sombras do mysterio?...
— Talvez são ellas encantados manes
De nossos paes, que errando pelos ares,
Vêm segredar com a nossa consciencia
Dubios emblemas de celestes phrases...
— Talvez são ellas pallido reflexo
De um côro de anjos, que a milhões de leguas,
Sobre uma nuvem de ouro descantando,
Ante a face do sol longinquos passam...
Não sei! Ha dentro da alma tantas cousas
Que jámais proferiram labios de homens...
Entretanto me echoam pelo espirito
Ethereos sons de peregrina orchestra,
Um doce peso o coração me opprime,
Meu pensamento em sonhos se evapora,
Té de mim proprio sinto um vago olvido,
Um sereno rumor, que a alma dormenta.

III

Salve, filha dos raios e das trévas,
Melancolica irmã das noites pallidas!
Quem te não ama?... A natureza toda

Murmura ao teu passar mysticas vozes
Repassadas de uncção : — todos os olhos
Passeiam tuas tépidas campinas
Bafejadas de nuvens, — té parece
Que a terra, suspendendo o gyro, escuta
O adeus que o sol te envia além dos montes.
— Limpa o suor o peregrino errante,
E arrimado ao bordão, mudo contempla-te,
Esquecido do pouso : — sobre o cabo
Da rude enxada recostado scisma
Nos africanos céos o pobre escravo,
E exhausto de fadiga te abençôa
Do fundo da alma em barbara linguagem.
Mensageira de amor, tu annuncias
A hora propicia aos sofregos amantes
Da nocturna entrevista, e a donzella
Erma de amor te acolhe pensativa,
Fantasiando quadros de ventura,
Que o vasio do coração lhe suppram.
— Talvez agora na floresta annosa,
Proscripto errante, o indio americano
Pára, e eleva-te um cantico selvagem,
Nunca ouvido dos troncos que o circumdam.
— Fadem os Deuses pouso ao peregrino,
Liberdade ao escravo, amor á virgem
E tardes, como esta, ao triste bardo !

IV

As inflammadas nuvens já se abatem
Do incendio occidental. — Reina o silencio

Temeroso e fugaz : — a natureza
Entre o somno e a vigilia está suspensa.
Oh ! quem não sente sussurrar-lhe n'alma
Um desejo ineffavel como os sonhos,
Uma lembrança incerta e vaporosa?...
Nesta hora amavel, entre a dôr e o riso,
Magicamente embala-se a existencia;
Em cada coração que inda palpita
Sonora cáe da lyra do Universo
Uma nota de amor e de saudade.
Extatico no cume da montanha,
Feroz não ruge o mosqueado tigre;
E o balsamo de amor, que a tarde manda,
No coração do barbaro se infiltra.
Tudo é viver, mas um viver tão languido,
Tão mysterioso, que parece um sonho :
Calma na natureza, amor em tudo.
Quiçá longe de urdir sangrentas tramas
De inhospito rochedo em negra cova
Repouse agora o anjo do infortunio,
Inimigo dos homens. Tarde ou nunca
De um dormir lethargico desperte !
Vela, genio do bem, vela em seu somno !

AMARGURA

Oh ! não me pergunteis porque motivo
Pende-me a fronte ao peso da amargura,
Quando um suspiro tremulo, afflictivo,
Sobre os meus labios pallidos murmura.

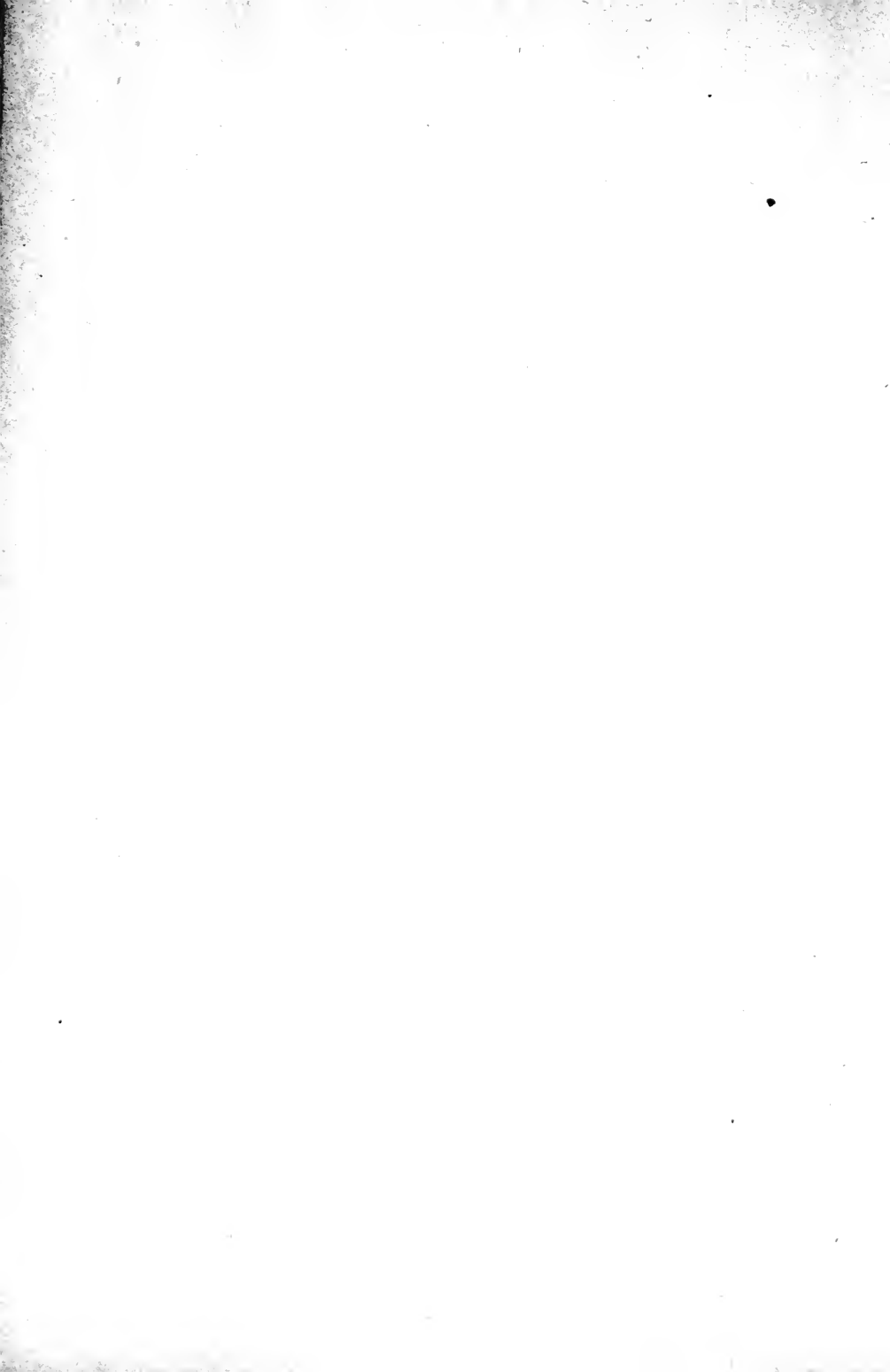
Quando ao fundo do lago a pedra desce,
Globo de espuma á flôr do lago estala;
Assim é o suspiro : elle apparece,
Porque no coração cae dôr que o rala.

Do lago a face lisa espelha flôres,
No fundo a vista não divisa o ceno :
Assim dentro do peito escondo as dôres,
Mandando aos labios um sorriso ameno.

Mas quando uma afflicção acerba e crua,
Mais que um rochedo o coração me opprime,
Quando nas chammas do soffrer estúa,
Como no incendio o resequido vime;

Não choro, não! — de angustias flagellado,
Um queixume sequer eu não profiro;
Descae-me a fronte, penso no meu fado...
Oh! não me pergunteis porque suspiro!...

Manoel Antonio Alvares de Azevedo

1831-1852

A MINHA MÃE

E's tu, alma divina, essa madona
Que nos embala na manhã da vida,
Que ao amor indolente se abandona
E beija uma criança adormecida.

No leito solitario és tu quem vela,
Tremulo o coração que a dôr anceia,
Nos ais do soffrimento inda mais bella,
Pranteando sobre uma alma que pranteia.

E se pallida sonhas na ventura
O affecto virginal, da gloria o brilho,
Dos sonhos no luar, a mente pura
Só delira ambições pelo teu filho!

Pensa em mim, como em ti saudoso penso,
Quando a lua no mar se vae dourando:
— Pensamento de mãe é como o incenso
Que os anjos do Senhor beijam passando.

Creatura de Deus, ó mãe saudosa,
No silencio da noite e no retiro,
A ti vôa minh'alma esperançosa,
E do pallido peito o meu suspiro!

Oh! vêr meus sonhos se mirar ainda
De teus sonhos nos magicos espelhos...
Viver por ti de uma esperança infinda
E' sagrar meu porvir nos teus joelhos...

E sentir que essa briza que murmura
As saudades da mãe bebeu passando...
E adormecer de novo na ventura,
Aos sonhos de ouro o coração voltando...

Ah! se eu não posso respirar no vento,
Que adormece no valle das campinas,
A saudade de mãe no desalento,
E o perfume das lagrimas divinas...

Ide, ao menos, de amor meus pobres cantos,
No dia festival em que ella chora,
Com ella suspirar nos doces prantos,
Dizer-lhe que tambem eu soffro agora!

Se a estrella d'alva, a perola do dia,
Que vê o pranto que meu rosto inunda,
Meus ais na solidão lhe não confia
E não lhe conta minha dôr profunda...

Que a flôr do peito desbotou na vida
E o orvalho da febre requeimou-a;

Que nos labios da mãe na despedida
O perfume do céo abandonou-a...

Mas não irei turvar as alegrias
E o jubilo da noite sussurrante,
Só porque a magoa desnuou meus dias,
E zombou de meus sonhos delirantes.

Tu bem sabes, meu Deus! eu só quizera
Um momento sequer a encher de flôres,
Contar-lhe que não finda a primavera,
A dourada estação dos meus amores...

Desfolhando da pallida corôa
Do amor de filho a perfumada flôr
Na mão que o embalou, que o abençôa,
Uma saudosa lagrima depôr...

Suffocando a saudade que delira
E que as noites sombrias me consome,
O nome della perfumar na lyra,
De amor e sonhos coroar seu nome.

SAUDADES

Foi por ti que num sonho de ventura
A flôr da mocidade consumi...
E ás primaveras disse adeus tão cedo
E na idade do amor envelheci.

Vinte annos ! derramei-os gota á gota
Num abysmo de dôr e esquecimento...
De fogosas visões nutri meu peito...
Vinte annos !... sem viver um só momento !

Comtudo, no passado uma esperança
Tanto amor e ventura promettia...
E uma virgem tão doce, tão divina,
Nos sonhos junto a mim adormecia !...

. . . .

Quando eu lia com ella... e no romance
Suspirava melhor ardente nota...
E Jocelyn sonhava com Laurence
Ou Werther se morria por Carlota...

Eu sentia a tremer e a transluzir-lhe
Nos olhos negros a alma innocentinha...
E uma furtiva lagrima rolando
Da face della humedecer a minha!

E quantas vezes o luar tardio
Não viu nossos amores innocentes?
Não embalou-se da morena virgem
No suspirar, nos canticos ardentes?

E quantas vezes não dormi sonhando
Eterno amor, eternas as venturas...
E que o céo ia abrir-se e que entre os anjos
Eu ia despertar em noites puras?

Foi esse o amor primeiro! requeimou-me
As arterias febris de juventude,
Accordou-me dos sonhos da existencia
Na harmonia primeira do alaúde.

. . . .

Meu Deus! e quantas eu amei... Comtudo,
Das noites voluptuosas da existencia
Só restam-me saudades dessas horas
Que illuminou tua alma de innocencia.

Foram tres noites só... tres noites bellas
De lua e de verão, no val saudoso...
Que eu pensava existir... sentindo o peito
Sobre teu coração morrer de gozo.

E por tres noites padeci tres annos,
Na vida cheia de saudade infinda...
Tres annos de esperança e de martyrio,
Tres annos de soffrer — e espero ainda !

A ti se ergueram meus doridos versos,
Reflexos sem calor de um sol intenso,
Votei-os á imagem dos amores,
P'ra velal-a nos sonhos como incenso.

Eu sonhei tanto amor, tantas venturas,
Tantas noites de febre e de esperança...
Mas hoje o coração parado e frio,
Do meu peito no tumulo descança.

Pallida sombra dos amores santos !
Passa quando eu morrer no meu jazigo,
Ajoelha ao luar e entôa um canto...
Que lá na morte eu sonharei comtigo.

SONETO

Pallida, á luz da lampada sombria,
Sobre um leito de flores reclinada,
Como a lua por noite embalsamada,
Entre as nuvens do amor ella dormia!

Era a virgem do mar, na escuma fria
Pela maré das aguas embalada...
Era um anjo entre nuvens d'alvorada,
Que em sonhos se banhava e se esquecia!

Era mais bella! o seio palpitando...
Negros olhos, as palpebras abrindo...
Formas nuas no leito resvalando...

Nao te rias de mim, meu anjo lindo!
Por ti as noites eu velei chorando,
Por ti nos sonhos morrerei sorrindo!

PEDRO IVO

Perdoae-lhe, senhor! elle era um bravo!
Fazia as faces descorar do escravo,
Quando ao sol da batalha a fronte erguia,
E o corcel gotejante de suor
Entre sangue e cadaveres corria!
— O genio das pelejas parecia...
Perdoae-lhe, senhor!

Onde mais vivo, em peito mais valente,
Num coração mais livre o sangue ardente
Ao fervor desta America bulhava!?
— Era um leão sangrento que rugia,
Da guerra nos clarins se embriagava,
E vossa gente pallida recuava
Quando elle apparecia!

Era filho do povo! o sangue ardente
As faces lhe assomava incandescente,
Quando scismava do Brazil na sina...
Hontem — era o estrangeiro que zombava,
Amanhã — era a lamina assassina,
No cadafalso a vil carnificina
Que em sangue jubilava!

Era medonho o rubro pesadelo!
Mas nas frontes venaes do genio o sêllo
Gravaria o anathema da historia!
Dos filhos da nação a rubra espada
No sangue impuro da facção ingloria
Lavaria dos livres na victoria
A mancha profanada!

A fronte envolta em folhas de loureiro
Não a escondemos, não... Era um guerreiro!
Despiu por uma idéa a sua espada!
Alma cheia de fogo e mocidade,
Que ante a furia dos reis não se acobarda,
Sonhava nesta geração bastarda
Glorias... e liberdade!

Tinha sêde de vida e de futuro:
Da liberdade ao sol curvou-se puro
E beijou-lhe a bandeira sublimada!
Amou-a como a Deus e mais que a vida!
— Perdão para essa fronte laureada!
Não lanceis á matilha ensanguentada
A aguia nunca vencida!

Perdoae-lhe, senhor! Quando na historia
Vêdes os reis se corôar de gloria,
Não é quando no sangue os thronos lavam,
E envoltos no seu manto prostituto
Olvidam-se das glorias que sonhavam!
Para esses — maldição! que o leito cavam
Em lodaçal corrupto!

Nem sangue de Ratcliffs o fogo apaga
Que as frontes populares embriaga,
Nem do héroe a cabeça decepada
Immunda, envolta em pó, no chão da praça,
Contrahida, amarella, ensanguentada,
Assusta a multidão, que ardente brada
E thronos despedaça!

O cadaver sem bençãos, insepulto,
Lançado aos corvos do hervaçal inculto,
A fronte varonil do fuzilado
Ao somno imperial com os labios frios
Podem passar no escarneo desbotado,
Ensanguentar-te a seda ao cortinado
E rir-te aos calefrios!

Não escuteis essa facção impia
Que vos repete a sua rebeldia...
Como o verme no chão da tumba escura
Convulsa-se da treva no mysterio,
Como o vento do inferno em agua impura,
Com a bocca maldita vos murmura:
« Morra! salvae o imperio! »

Sim, o imperio salvae, mas não com sangue!
Vêde — a patria debruça o peito exangue
Onde essa turba corvejou, cevou-se!
Nas glorias do passado elles cuspiram!
Vêde — a patria ao bretão ajoelhou-se,
Beijou-lhe os pés, no lodo mergulhou-se!
Elles a prostituiram!

Malditos ! do presente na ruina,
Como torpe, despida Messalina,
Aos apertos infames do estrangeiro,
Traficam dessa mãe que os embalou !
— Almas descridas do sonhar primeiro,
Venderiam o beijo derradeiro
Da virgem que os amou !

Perdoae-lhe, senhor ! nunca vencido,
Se em ferros o lançaram, foi trahido !
Como o arabe além no seu deserto,
Como o cervo no paramo de relvas,
Ninguem os trilhos lhe seguira ao perto
No murmurio das selvas.

Perdão ! por vosso pai ! que era valente,
Que se batia ao sol com a face ardente,
Rei e bravo tambem e cavalleiro !
Que da espada na guerra a luz sabia
E ao troar dos canhões entumecia
O peito de guerreiro !

Perdão, por vossa mãe ! por vossa gloria !
Pelo vosso porvir e nossa historia !
Não mancheis vossos louros do futuro !
Nem lisongeiro incenso a nodoa exime !
— Lava-se o polluir de um leito impuro,
Lava-se a pallidez do vicio escuro,
Mas não se lava um crime !

Luiz José Junqueira Freire

1832-1855

ELLA

Eu sei, ó virgem, que em teu peito innocuo
Tenho palpites, lá. Sei que tua alma
Ficou pensando com as ideas altas
Que te inspirei profundo.

Inda em teus olhos reconheço ao longe
Todo o meu pensamento. Alto gravada
Em tua mente a minha mente existe.
Pertences-me p'ra sempre.

Rasguei-te, sim, do coração mais imo
Um véo cerrado de innocencia fatua,
Mas não te nodoei : quiz que ficasses
Casta assim mesma, — e sábia.

Tal na floresta a candida pombinha
Penetra o ninho do amoroso pombo;
E como dantes, nos rosaes florentes,
Vae arrulando ainda.

Não, não temo de ti. O amor que sentes
Não é da terra, não, — nem segue o corpo;

O amor que sentes nem comtigo expira,
E' mais que immorredouro.

Has de amar-me na terra, — e além dos astros,
Eu te ensinei um sentimento eterno.
Mao grado a mim, a ti, ao mundo, aos anjos,
Oh ! has de amar-me sempre !

Não te forcei, nem te prendi com ferros.
Tua vontade é, como dantes, livre,
Mas voluntaria nem coacta pódes
Amar a outro amante.

Um vate, um vate colligou-te aos seios,
Tu déste-lhe o perfume de teus labios.
O nó do abraço te estreitou seu corpo...
O mais foi um poema.

Tu recebeste os halitos de um vate,
Tu lhe bebeste a inspiração aos tragos;
O fogo, que do céo lhe desce em linguas,
Mulher ! tambem ardeu-te.

Para os homens de Deus foste sagrada,
Pudeste ser-lhes dos mysterios conscia;
E's, ó vestal, a complice divina
Dos celestes oraculos.

Estás agora iniciada eterno.
Amaste-me : eu te quiz. Julguei-te digna
De seres-me a sybilla de meus cantos,
O anjo de meus versos.

Has de amar-me na terra, — e além dos astros.
Eu te ensinei um sentimento eterno.
Mao grado a mim, a ti, ao mundo, aos anjos,
Oh! has de amar-me sempre!

Eu sei que um negro, espantador phantasma
Com as azas bronzeas te apparece á noite,
E te deixando pallidez manchada,
Te grita — Monge! — e passa.

Eu sei que, envolto na pancada aerea
Do meio-dia, te revôa um sylpho,
Que no concavo da alma se te enrola,
Tambem dizendo — Crime!

Listras de sangue, de manhã, te cortam
O brando anil que nada-te nos olhos;
E assim mais bella, temerosa e pavida,
Pensas em mim, — e choras.

Em presença da aurora, aos raios della,
Lá do tremulo seio em que me escondes,
Arrancas as canções que me inspiraste
Travado com as delicias.

Meus versos cantas para o sol que nasce,
Para o gorgeio matinal dos passaros,
E de minh' harpa as harmonias casas
Com o cicio das arvores.

Depois um riso te assombreia a face,
Limpa-te o sangue dos anileos olhos,

E com o nome de — Vate — assoletrado,
Desfazem-se-te as nodoas.

Os alvos braços — emulos do jaspe —
Cá para o sul, onde eu habito, estendes,
E nas azas da aurora um beijo ardente
Envias a meu carcere.

Então — que passe o tetrico phantasma,
E grite embora — Monge! — e trôe o sino
Que toca ao meio dia, e nelle envolto
Proclame o sylpho — Crime! —

Que céo te póde annuvear um riso!
Que espectro póde sustentar-te o canto!
Que sylpho não desmancha-se nos ares
Ao sopro de meus versos!

Guarda no seio o talisman que dei-te,
Diante das visões, meus carmes canta,
Insulta os gritos de sinistra inveja,
Que dizem — Monge, e Crime! —

Mao grado aos mundos, serás minha agora,
Eu te ensinei um sentimento eterno,
Has de amar-me na terra, — e além dos astros,
Oh! has de amar-me sempre!

José de Moraes Silva

1832-1896

ATHLANTE

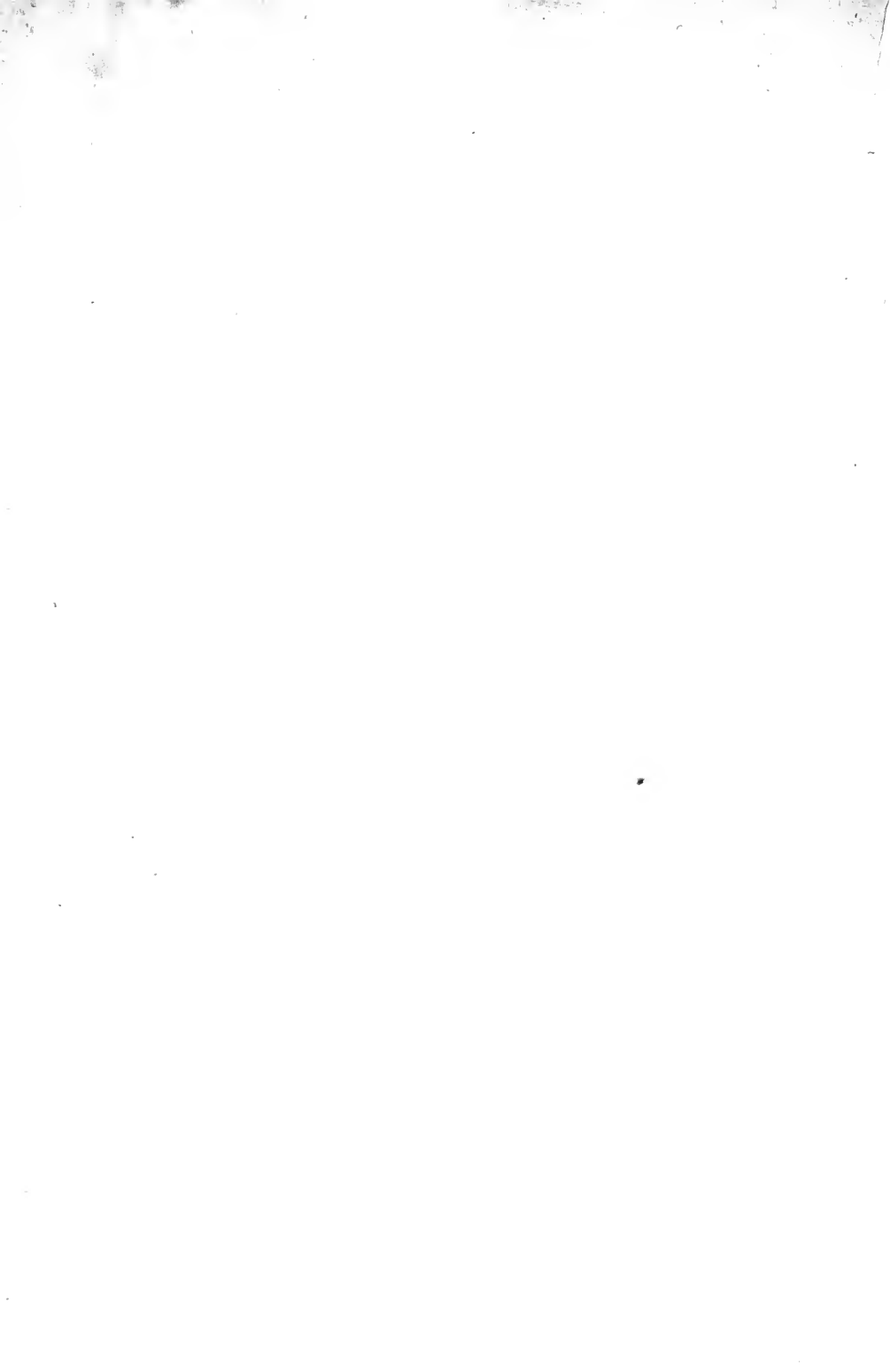
Foi na roça, á tardinha. Eramos ella
E eu — bem longe de vistas indiscretas.
Ella corria atraz das borboletas,
E revistava os ninhos. sem cautela.

Eu pelas cêrcas via a flôr mais bella
Para plantar em suas tranças pretas,
E cousas lhe dizia tão secretas
Que a fala em beijos ia ao rosto della.

Eil-a que salta o corrego, e num vime
Se apoia, treme e rapidos assombros,
Com medo de cair, no olhar exprime.

Firmando os pés das margens sobre os combros,
Curvo-me, por salval-a, e me comprime
Um céo macio que me cae nos hombros.

Felix Xavier da Cunha

1833-1865

SETE DE SETEMBRO

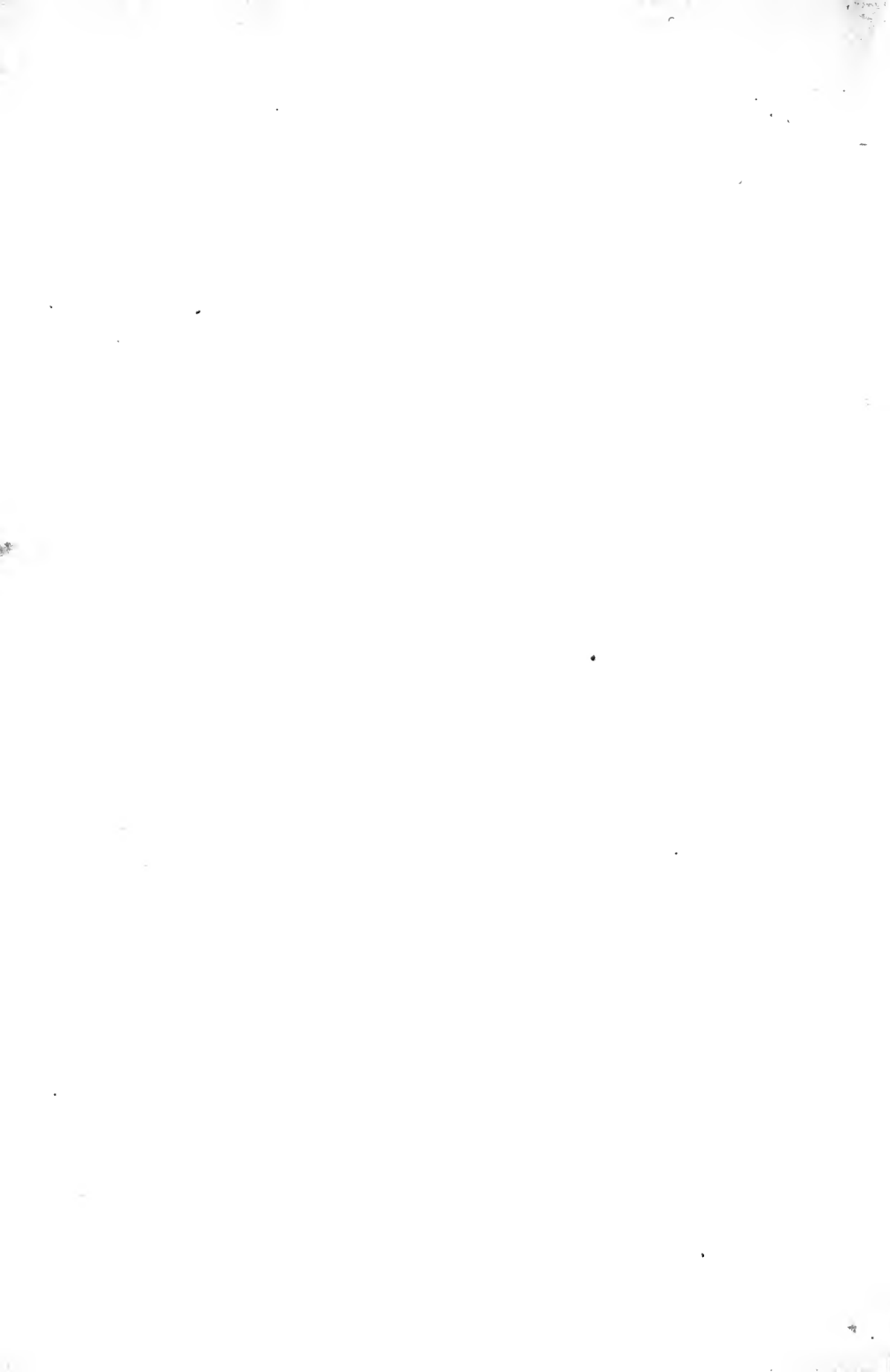
Silencio !... não turbeis na paz da morte
Os manes que o Brasil quasi esquecia !. .
E' tarde !... eis que espedaça a lousa fria
De um vulto venerando o braço forte !

Surgiu !... a magestade traz no porte,
Onde o astro da gloria se irradia...
Vem, grande Andrada, adivinhaste o dia,
Vem juntar ao da patria o teu transporte !

Recúa? ! não se apressa em vir sauda-la,
Cobre a fronte brilhante de heroismo,
E soluça !... que tem?... Eil-ó que fala :

« O' patria que eu salvei do despotismo !
Lá vejo a corrupção que te avassalla,
Não te conheço !... » E se afundou no abysmo !

José Alexandre Teixeira de Mello

1833-1907

ESQUECIMENTO

Quando eu cair cançado da romagem,
Uma ave só não quebrará seus cantos;
Ninguem meu leito ha de juncar de flores
Nem o pó de meus pés lavar com prantos.

Quando eu lançar dos hombros já dormentes
O roto manto dum viver sem gloria,
Ninguem meu berço embalará chorando,
Quem do meu nome guardará memoria? !

Por mim, que a vida atravessei cantando,
Por mim, que o mundo chamará de louco,
Ninguem um riso apagará dos labios,
Dos labios, onde a dôr dura tão pouco!

Eu fui na terra o echo do abandono!
Fui astro errante e de emprestado brilho!
Não descobri nos ermos da romagem
Um marco, um só! que me ensinasse o trilho!

Cantei; mas foi meu canto o som convulso
Do regougo do mar nas tempestades!

Sonhei como Gonzaga, amei como elle,
E deixo a vida sem deixar saudades.

Folha de um ramo desgrenhado á tarde
— Despregada no inverno e solta ao vento —
Fui tanta vez tambem rolar por ermos,
Seguindo sempre o mesmo pensamento.

Amei a infancia na mulher que amara,
De olhar de fogo e coração de gêlo.
Dormi com crenças, accordei descrido;
Prendi a vida a um longo pesadelo.

Passei na terra — como á flôr dos mares
Num ceo de bronze um bando de andorinhas
Ellas gemem talvez, gemi como ellas;
Mas ninguem escutou as queixas minhas.

Vaguei commigo só pela existencia,
Fitos debalde os olhos no caminho,
Sem uns laivos de amor e de verdade
Nem miragem, meu Deus! sempre sosinho.

Quero agora em frouxel, á beira d'agua,
Onde o canto do mar me embale a medo,
Descançar da romagem no deserto,
Como um riacho á sombra do arvoredo.

Não tem dobre o finado em leito extranho
Nem letreiro nem cruz nem pedra. — Embora!
Por invia solidão, sem musgo, á sombra,
Posso, como vivi, dormir agora!

Que noite vou passar — amadornado
No seio immenso e nu da eternidade ! !
Talvez lá venha illuminar-me os sonhos
Uma réstea de luz e de verdade !

A dois passos de mim lá corre a louca
Ao mar da eternidade em que se lança !
Rio de lodo, quiz sondar-te os seios
Que hão de em pouco esconder minha lembrança.

Magdalena gentil, eu te amo tanto !
Comtigo sonho em noites de abandono,
Comtigo accórdo e nutro-me de insomnias,
Até que em teu regaço eu tenha somno !

Em que lençol vaes embrulhar meus ossos,
Quando eu mudar de pó e isolamento !
Dura verdade que apprendi commigo : —
Pesa mais que a mortalha — o esquecimento !

Luiz Delfino dos Santos

1834-1910

JESUS AO COLLO DE MAGDALENA

Jesus expira, o humilde e grande obreiro !
Sobem já pela cruz acima escadas;
E no tôpo varado do madeiro
Os malhos batem, cruzam-se as pancadas.

Ouve-se o chôro em torno. — As mãos primeir
Inertes caem no ar dependuradas;
A fronte oscilla; arqueia o tronco inteiro
Nos braços das mulheres desgrenhadas.

Soltam-se os pés.— Augmenta o pranto, e a queixa.
Só Magdalena ao ouro da madeixa
Limpa-lhe a face, que de manso inclina.

E no meio da lagrima mais linda,
Com o dedo erguendo a palpebra divina,
Busca ver se Elle a vê... beijando-o ainda !...

FARWELL

E' noite. — Pela curva azul celeste
Fervem astros no enorme firmamento :
Coração, alma, e sangue, e pensamento
O pélago do céo profundo investe.

O' sóes, quem essas chlamides vos veste?
O' nebulosas, quem vos róra ao vento?
O' abysmo pesado e somnolento,
Quem te abriu? ou tu mesmo te fizeste?...

Ilhas de ouro, serenas, luzidias,
Que alvo procura o vosso eterno adejo?
Para quem são as vossas harmonias?

Sois bellas... sois... Mas até logo... Vejo
Que falta ás vossas musicas sombrias
O murmurio do seu casto beijo.

NON SCORDARE

Eu escrevo pensando em ti sómente,
Triste, afflicto, inquieto; — ao pé, ao lado,
Tu olhas, molle, timida, prudente,
Num abandono doce e reservado,

Severamente calma e negligente;
Freme-me o coração de perturbado;
E a alcova tem, silenciosa e quente,
Um gesto sério, ironico, affectado.

A porta está entre-cerrada; entulha
A alcova a sombra espessa das cortinas;
Vê-se pela vidraça o matto — a bulha

Da agua, que geme em baixo, entre boninas,
Mescla-se ao ar, que em torno a nós fagulha...
Emquanto escrevo, e languida imaginas...

EVA

Surge Adão : Eva após; Deus os exhorta.
Tinham no paraiso eterno encanto;
Roubam o fructo, que é vedado, e emtanto
Delles toda a ventura é logo morta.

A vista delles Deus já não supporta,
E envolve a face irada em rubro manto;
Cae-lhes dos olhos o primeiro pranto :
Rangeu, o Eden fechando, a bronzea porta.

Tinham lá dentro sandalos e nardos;
O anjo de Deus em fogo a espada eleva;
O sol golpeia-os com seus aureos dardos;

Urram leões em torno, ao pé, na treva.
Eriça-lhes a terra urzes e cardos...
Mas ao seu lado... Adão inda tem Eva.

LOGO DEPOIS DO EDEN

Quando a primeira lagrima caindo
Pisou a face da mulher primeira,
O rosto della assim ficou tão lindo,
E Adão beijou-a de uma tal maneira,

Que anjos, e thronos pelo espaço infindo,
Como uma catadupa prisioneira,
As seis azas de luz e de ouro abrindo,
Rolaram numa esplendida carreira.

Alguns, pousando á proxima montanha,
Queriam vêr de perto os condemnados,
Da dôr fazendo uma alegria estranha;

E ante o rumor dos beijos redobrados,
Todos pediam punição tamanha,
Anciosos, mudos tremulos, pasmados!

CADAVER DE VIRGEM

Estava no caixão, como num leito,
Pallidamente fria e adormecida;
As mãos cruzadas sobre o casto peito,
E em cada olhar sem luz um sol sem vida.

Pés atados com fita em nó perfeito,
De roupas alvas de setim vestida;
O tronco duro, rigido, direito,
A face calma, languida, dorida...

O diadema das virgens sobre a testa,
Niveo lyrio entre as mãos, toda enfeitada,
Mas como noiva, que cançou da festa.

Por seis cavallos brancos arrancada...
Onde irás tu passar a longa sesta
Na molle cama, em que te vi deitada? !...

MORITURA

E' tarde. Sopra a viração tão forte !
— Vossa excellencia expõe-se a algum sereno,
E demais, é tão humido o terreno
E traz, diz o annexim, desculpa á morte.

— Obrigada, senhor, mas não se importe,
Talvez cure um veneno outro veneno !
Eu sou como o esvaido som de um threno,
Que muito antes do fim já o leva o norte.

Disse. Após sobreveio a tosse rouca,
Convulsiva levou seu lenço á bocca
E manchado o tirou de um sangue rubro :

— Olhe; está vendo? E' a minha boa nova.
Eu já sinto a meus pés abrir-se a cova
E entre as nevoas da morte o sol descubro.

AS TRES IRMÃES

I

A mais moça das tres, a mais ardente e viva,
Aquella que mais brilha,
Quando, sorrindo, aos seus encantos nos captiva,
Eu amo, como filha.

A segunda, que tem da pallida açucena
Aberta de manhã,
A côr, o cheiro, a fórma, a languidez serena,
Eu amo como irmã.

A outra é a mulher que me enleia e fascina,
E' a mulher que eu chamo
Entre todas gentil, é a mulher divina,
E' a mulher que eu amo.

II

A mais moça das tres, é linda borboleta;
Entra, abre as azas, sae,

Não comprehende bem, nem nega, nem regeita
O meu amor de pae.

A segunda é uma flôr de fórma melindrosa,
De rara perfeição;
Não sei se ella desdenha, ou comprehende e gosa
O meu amor de irmão.

A terceira é a mulher – anjo, monstro, hydra, esphinge,
Encanto, seducção :
Amo-a : não a conheço; é verdadeira ou finge?
Não a conheço, não.

III

Se a primeira casasse, oh! que alegria a minha!
Eu lhe diria : vae!
Veria nella um anjo, um astro, uma rainha,
O meu amor de pae.

Se a segunda casasse, eu mesmo iria á igreja
Leval-a pela mão;
Dir-lhe-ia : o céo azul virar-te aos pés deseja
O meu amor de irmão.

Se a terceira casasse, oh! minha infelicidade!
A mais velha das tres,
No horror da escuridão fôra uma eternidade
A minha viuvez.

IV

Se a primeira morresse, oh! como eu choraria
A minha desventura!
Com lagrimas de dôr lavara noite e dia
A sua sepultura.

Se a segunda morresse, oh! transe amargurado!
Eu choraria tanto,
Que ella iria nadando em seu caixão dourado,
Nas aguas do meu pranto.

Se a terceira morresse, em seu caixão deitada,
Sem que eu chorasse, iria;
Porque noutro caixão, ó minha morta amada,
Alguem te seguiria...

Casemiro José Marques de Abreu

1837-1860

NO JARDIM

Ella estava sentada em meus joelhos
E brincava commigo — o anjo louro,
E passando as mãosinhas no meu rosto,
Sacudia rindo os seus cabellos de ouro.

E eu, fitando-a, abençoava a vida!
Feliz sorvia nesse olhar suave
Todo o perfume dessa flôr da infancia,
Ouvia alegre o gazear dessa ave!

Depois, a borboleta da campina,
Toda azul — como os olhos grandes della -
A doudejar gentil passou bem junto,
E beijou-lhe da face a rosa bella.

— « Oh! como é linda! disse o louro anjinho,
No doce accento da virginea fala —
Mamãe me ralha se eu ficar cançada,
Mas — dizia a correr — hei de apanhal-a! »

Eu segui-a, chamando-a, e ella rindo
Mais corria gentil por entre as flôres,

E a flôr dos ares — abaixando o vôo,
Mostrava as azas de brilhantes côres.

Iam, vinham, á roda das acacias,
Brincavam no rosal, nas violetas,
E eu de longe dizia : « — Que doidinhas !
Meu Deus ! meu Deus ! são duas borboletas !... »

DÔRES

Ha dôres fundas, agonias lentas,
Dramas pungentes que ninguem consola
        Ou suspeita sequer!
Máguas maiores do que a dôr dum dia,
Do que a morte bebida em taça morna
        De labios de mulher!

Doces falas de amor que o vento espalha,
Juras sentidas de constancia eterna
        Quebradas ao nascer;
Perfidia e olvido de passados beijos...
São dôres essas que o tempo cicatriza
        Dos annos no volver.

Se a donzella infiel nos rasga as folhas
Do livro d'alma, maguado e triste
        Suspira o coração:
Mas depois outros olhos nos captivam,
E loucos vamos em delirios novos
        Arder noutra paixão.

Amor é o rio claro das delicias,
Que atravessa o deserto, a veiga, o prado,
E o mundo todo o tem!
Que importa ao viajor, que a sêde abrasa,
Que quer banhar-se nessas aguas claras,
Ser aqui ou além?

A veia corre, a fonte não se estanca,
E as verdes margens não se crestam nunca
Na calma dos verões;
Ou quer na primavera, ou quer no inverno,
No doce anceio do bolir das ondas
Palpitam corações.

Não! a dôr sem cura, a dôr que mata,
E', moço ainda, perceber na mente
A duvida a sorrir!
E' a perda dura dum futuro inteiro,
E' o desfolhar sentido das corôas,
Dos sonhos do porvir!

E' vêr que nos arrancam uma a uma
Das azas do talento as pennas de ouro,
Que vôam para Deus!
E' vêr que nos apagam d'alma as crenças
E que profanam o que santo temos
Com o riso dos atheus!

E' assistir ao desabar tremendo,
Num mesmo dia, de illusões douradas,
Tão candidas de fé!
E' vêr sem dó a vocação torcida

Por quem devera dar-lhe alento e vida
E respeital-a até!

E' viver, flôr nascida nas montanhas,
P'ra aclimar-se, apertada numa estufa
A' falta de ar e luz!
E' viver, tendo n'alma o desalento,
Sem um queixume, a disfarçar as dôres,
Carregando uma cruz!

Oh! ninguem sabe como a dôr é funda,
Quanto pranto se engole e quanta angustia
A alma nos desfaz!
Horas ha em que a voz quasi blasphema...
E o suicidio nos acena ao longe
Nas longas saturnaes.

Definha-se a existencia a pouco e pouco,
E ao labio descorado o riso franco,
Qual dantes, já não vem;
Um véo nos cobre de mortal tristeza,
E a alma em lucto, despida dos encantos,
Amor nem sonhos tem!

Murcha-se o viço do verdor dos annos,
Dormimos moços, despertamos velhos,
Sem fogo para amar!
E a fronte joven, que o pesar sombreia,
Vae, reclinada sobre um collo impuro,
Dormir no lupanar!

Ergue-se a taça do festim da orgia,
Gasta-se a vida em noites de luxuria,
Nos leitos dos bordeis,
E o veneno se sorve a longos tragos
Nos seios brancos e nos labios frios
Das languidas Phrynés !

Esquecimento ! — mortalha para as dôres —
Aqui na terra é a embriaguez do gozo,
A febre do prazer;
A dôr se afoga no fervor dos vinhos,
E no regaço das Marcôs modernas
E' doce então morrer !

Depois o mundo diz : — « Que libertino !
A folgar no delirio dos alcouces
As azas empanou ! »
Como se elle, algoz das esperanças,
As crenças infantis e a vida d'alma
Não fosse quem matou !...

Oh ! ha dôres tão fundas como o abysmo,
Dramas pungentes que ninguem consola,
Ou suspeita sequer !
Dôres na sombra, sem caricias de anjo,
Sem voz de amigo, sem palavras doces,
Sem beijos de mulher !...

Bruno Henrique de Almeida Seabra

1837-1876

MORENINHA

— Moreninha, dás-me um beijo?
— E o que me dá, meu senhor?
— Este cravo...
— Ora, esse cravo!
De que me serve uma flôr?
Ha tantas flôres nos campos!
Hei-de agora, meu senhor,
Dar-lhe um beijo por um cravo?
E' barato; guarde a flôr.

— Dá-me o beijo, moreninha,
Dou-te um córte de cambraia.
— Por um beijo tanto panno!
Compro de graça uma saia!
Olhe que perde na tróca,
Como eu perdêra com a flôr;
Tanto panno por um beijo...
Sae-lhe caro, meu senhor.

— Anda cá... ouve um segredo...
— Ai, pois quer fiar-se em mim?

Deus o livre; eu falo muito,
Toda a mulher é assim...
E um segredo... ora um segredo!..
Pelos modos que lhe vejo
Quer o meu beijo de graça,
Um segredo por um beijo!?

— Quero dizer-te aos ouvidos
Que tu és uma rainha...
— Acha, pois? e o que tem isso?
Quer ser rei, por vida minha?

— Quem déra que tu quizesses...
— Não duvide, que o farei;
Meu senhor, case com ella,
A rainha o fará rei...

— Casar-me?... inda sou tão moço...
— Como é creança esta ovelha'
Pois eu p'ra beijar creanças,
Adeusinho, já sou velha.

Pedro Luiz Pereira de Souza

1839-1884

TERRIBILIS DEA

Quando ella appareceu no escuro do horisonte,
O cabello revolto... a pallidez na fronte...
Aos ventos sacudindo o rubro pavilhão,
Resplendente de sol, de sangue fumegante,
O raio illuminou a terra... nesse instante
Frenetica e viril ergueu-se uma nação!

Quem era? De onde vinha aquella grande imagem,
Que turbara do céo a limpida miragem,
E de lucto cobrira a senda do porvir?
De que abysmo saiu?... Do tumulo?... do inferno?
Póde o anjo do mal desafiar o Eterno?
Da fria sepultura o espectro resurgir?

Deixae que se levante a grande divindade!...
Seu templo é a terra e o mar; seu culto — a mortandade;
Enche-lhe o peito largo o sopro das paixões.
E' a mulher phantasma! Uma visão do Dante...
Dos campos de batalha a horrida bacchante,
Que mergulha no sangue e ri das maldições!

A deusa do sepulcro! a pallida rainha!
A morte é sua vida. Impavida caminha,
Ora grande, ora vil nas trevas ou na luz;
A côrte que a rodêa é lugubre cohorte;
Tem gala e traja lucto : é o sequito da morte
A miseria que chora, a gloria que seduz.

Desde que o mal nasceu, nasceu aquelle espectro;
De raios corôou-se! Ao peso de seu sceptro
A terra tem arfado em transes infernaes!...
Do mundo as gerações têm visto em toda idade,
Sinistra, apparecer aquella divindade,
Celebrando no sangue as grandes saturnaes.

No seu olhar de fogo ha raios de loucura...
Tem cantos de prazer! tem risos de amargura!
Muda sempre de céo, de rumo, de pharol!
Aqui — pede ao direito a voz forte e serena;
Alli — ruge feroz, feroz como uma hyena...
Assassina na treva ou mata á luz do sol!...

Levanta o gladio nú em nome da verdade,
Accorda em furia accesa á voz da liberdade...
E no punho viril derrete-se o grilhão!
Como é bella!... Depois... sem fé, sem heroismo,
Despedaça a justiça, e atira com cynismo
A virgem liberdade aos braços da oppressão!

E' uma deusa fatal! Quer sangue... e atira flores!
Abraça, prende, esmaga os seus adoradores,
Embriaga-os de gloria e os cerca de esplendor.
E esses loucos, depois de feitos de gigantes,

A tunica lhe beijam, ardentes, delirantes,
E morrem a seus pés na febre desse amor.

Quando Attila — o monstro — o tigre — cavalleiro —
Espumando a correr, calcava o mundo inteiro
A deusa o acompanhava, e ria-se... a cruel !
Tinha a face vermelha, ardia de coragem,
Dava beijos de amor na fronte do selvagem,
Enterrando o aguilhão nos flancos do corsel !

Era ella que em Roma erguia-se funesta !
O idolo do povo em sempiterna festa !
O amor de Scipião, de Cesar, de Pompeu !
Vergava com seu braço o braço do destino,
Prendeu nações e reis ao monte Palatino,
E em doida bacchanal depois desfalleceu.

Foi de Carlos, o grande, a excelsa companheira :
Deu-lhe o throno de bronze, a espada aventureira,
E o globo imperial... e glorias... e trophéos ;
Quando no escuro val Rolando moribundo
Emboccava a trombeta a despertar o mundo...
Erguia o collo a deusa além dos Pyrineos.

Seguiu Napoleão da França até ao Egypto,
Nos mares, no deserto, em busca do infinito...
Das terras do Evangelho ás terras do Koran...
Dos delirios da Europa aos sonhos do Oriente...
Teve medo afinal daquella febre ardente...
Lá no meio do mar prendeu esse Titan.

Ella estava a sorrir, serena e triumphante,
Ao pé de Farragut, o intrepido almirante,
Lá no tope do mastro, emquanto o monitor,
Em doidas convulsões, das tumidas entranhas
Vomitava metralha a derrubar montanhas...
E do mundo arrancava um grito de terror...

Ella estava tambem — espectro pavoroso —
Do « Amazonas » a bordo, ao lado de Barroso,
De polvora cercada, em pé, sobre o convez...
Quando, á voz do valente, o monstro foi bufando,
Calados os canhões, navios esmagando,
A deusa varonil de amor caiu-lhe aos pés !...

Salve, da guerra deusa, archanjo da batalha !
Que vôas no vapor, que ruges na metralha !
Que cantas do combate aos infernaes clarões !...
Quando arrancas do bronze os canticos maldictos,
O céo é fogo e aço, o ar — polvora e gritos...
E ferve e corre o sange em quentes borbotões !...

Salve, tu, que nos déste o sonho da vingança,
O gladio da justiça, o raio da esperança,
E da gloria cruenta o magico esplendor !
E' para te saudar que brame a artilheria,
E que repete ao longe a voz da ventania
Das trombetas de morte o horrido clangor !...

. . . .
. . . .

Quando ella appareceu no escuro do horisonte,
O cabello revolto... a pallidez na fronte...
Aos ventos sacudindo o rubro pavilhão,
Resplendente de sol, de sangue fumegante,
O raio illuminou a terra... nesse instante
Frenetica e viril ergueu-se uma nação!...

POLONIA

Os voluntarios da morte

I

O mundo inteiro ouviu aquelle grito!...
E o mundo inteiro levantou-se em ancias...
Donde vem o clamor? Quem soffre tanto?
Quem é que morre?... E arquejante, livido,
A estremecer na febre convulsivo,
Mede com a vista os horisontes largos!

Era pallido o céo — os oceanos,
Beijando as terras, murmuravam tristes!
Pelo dorso das grandes serranias
Passava a brisa em sonho a espreguiçar-se...
Tudo tão calmo!... mas o grito! o grito
Se erguera immenso! um som rouco, sinistro,
Arrancado talvez, entre torturas,
Das cavernas de um peito de gigante,
Torvo, tremendo no espumar da colera!

E o mundo inteiro ouviu aquelle grito!
Um só! mas um poema de desgraças!...

Era um adeus profundo, entre soluços,
Era um protesto ao céo arremessado!
Blasphemia horrivel que se cospe á vida;
Ameaça tremenda — um som de guerra,
Um clangor estridente como aquelle
Que ha de ouvir-se no ultimo juizo
Da tuba enorme a convocar espectros.
Ao mesmo tempo, alli, na voz do martyr
Havia não sei que sereno, placido,
Lembrando a triste saudação que a Cesar
Tranquillo dirigia o combatente,
Ao penetrar na arena, onde da Hyrcania
O tigre hirsuto escancarava as fauces.
Era um suspiro de colosso oppresso!
Um grito só! Resfolegar supremo
De sanhudo titan se debatendo
Sob a montanha, que a entestar com as nuvens,
Abalada ao fuzil do raio olympico,
Com terrivel troar tombou no valle!
Esse brado feroz era uma historia,
Em que se ouvia o riso da loucura,
Ao passo que chiava o ferro em brasa...
Um grito só, porém um testamento!
Testamento de heroe, que, estrebuchando,
Vendo as estrellas, diz adeus á patria;
Homenagem a todos que soluçam;
Hymno entoado á santa liberdade;
E appêllo a escarnecer lançado á historia!...
O que havia, porém, de mais distincto
Naquella nota de agonia excelsa,
Era um reclamo ao céo!... Aquelle grito
De uma alma sobre-humana, angustiada,

Fôra aos astros, rasgara os firmamentos,
E, a retinir perdido nos espaços,
Fôra dentro dos céos bradar por Deus !

II

E o mundo quiz saber quem sobre a terra
Erguia aquella voz... que caso estranho
Vinha cheio de lugubres terrores
Turbar-lhe o riso... que soberba victima,
Na inspiração de uma agonia heroica,
A Deus pedia o gladio flammejante
Do terrivel archanjo das batalhas,
Para atirar, talvez, o golpe extremo,
E no sangue do algoz morrer cantando !
E viu então, além, por entre as brumas
Do norte — a figurar grandes sudarios —
Um povo inteiro — pallido, sombrio,
Trajando as vestes funeraes da campa.
Era sinistro aquillo ! ia passar-se
Um cataclysmo alli, desses que abalam
Da terra o globo, que tranquillo volve
Nos páramos azues da immensidade...
Esse oceano gigantesco e negro
Ondulava espumoso e rebramia
Incendido talvez por mil crateras,
Que do leito de pedra arrebentando,
Dentro em seu seio vomitavam chammas.
Fôra o grito o annuncio da procella,
Que ia rasgar-lhe as tepidas entranhas !
Fôra o grito-rebate clamoroso —

Ao festim da metralha convidando
Da grande morte os grandes voluntarios,
Da libertade os Briareus tremendos!

III

Sois vós? sois vós? Que raça de demonios!
Oh! calae-vos, maldictos! Um suspiro,
Um gemido nos transes da agonia...
Uma palavra murmurada á sombra...
Uma syllaba á noite sussurrante
Póde accordar o barbaro carrasco,
Que, repleto de sangue, além resona
Ao pé da lança. A victima é uma estatua!
Não sabeis que o tinir das gargalheiras,
Quando as sacodem pulsos destemidos,
E' uma musica horrivel que atordôa,
Que embriaga as cabeças sanguinarias,
Que desafia a lamina aguçada
Do punhal dos infames! Oh! calae-vos!
Não atireis assim aos quatro ventos
A imprecação feroz; — ha sobre a terra
Faces cavadas pela dôr suprema,
Nas quaes não póde resvalar tranquilla
De saudade uma lagrima em silencio...
Ha frontes altas, pelo sol banhadas,
Resplendentes da aureola divina,
Mas cercadas de espinhos — gotejantes
De sangue e de suor: é crime erguel-as!
Onde vistes romper a catacumba
O braço descarnado do cadaver?

Montes não falam ! Vós morrestes todos,
Vós morrestes — em pleno meio dia,
Em face de porvir !... Silencio, agora !

IV

Nada os abala. São tranquillos todos
E olham para o céo. Pesadas nuvens
Rodam negras. Fatidico relampago,
Fendendo a noite no seu véo cerrado
Brilha, corre voltêa em gyro doido...
Dir-se-ia que o dedo do destino
Grava, na escuridão, sobre essas frontes
Palavras cabalisticas de morte...
Tremendas e agoureiras prophecias...
Não importa ! Ouviria Deus o grito?
Ouviria?... Não sei... Mas nas planuras,
Nesses steppes tristes e medonhos,
Que se embrenham nas trevas, infinitos,
Brancos de gelo, e negros de carrascos,
Furacão de abafado desespero,
O grito retumbou... longe... bem longe...

V

Que choque foi aquelle? O céo toldado
De nuvens de fumaça ! O ronco surdo
Dos canhões a cantar na grande orchestra
Da sinistra hecatombe ! Uma floresta
De fouces a cegar montões de gente

Com zunido feroz, — e derramando
Chuvas de sangue sobre o chão revolto !
Fendendo os ares, lanças fumegantes
Brandidas por demonios ! Cantos doidos !
Estridentes, homericas risadas,
Como as de um ente humano, que estrangulam !
Massas enormes a ullular de raiva !
Um soturno tropel !... Ginetes feros,
A's lufadas do norte, relinchando,
A correr sobre um chão crivado todo
De valentes heróes mordendo a poeira !
Mulheres semi-nuas arrastadas,
Se estorcendo ao vibrar do ferreo açoite !
Craneos voando ! Creancinhas louras
Rasgadas pelo pulso dos carrascos !
Um tombar de palacios e choupanas !
Um tremendo arrasar de mil cidades !
Correria de archotes crepitantes !
Labaredas immensas se alastrando !
Linguas de fogo, que, lambendo a terra,
Vão no alto do céo — tingir as nuvens
De sinistros clarões... Que scena aquella !:..

VI

Quando lá do Oriente, magestoso,
O sol brilhante se elevou sorrindo,
Com seus raios dourados espancando
As sombras dessa noite... e quando as flôres
A's brisas da manhã se balouçaram...
O mundo palpitou... e viu no campo

Da batalha que, longo, retumbara,
Uma nuvem de fetidos cossacos,
A cavallo-em selvagem vozeria,
Rompendo as ondas e nadando ovantes
Num mar de sangue, que cobria a terra...
O que fez elle então? Oh! miseravel!
Não me animo a dizel-o... Oh! tenho medo
Dessa figura colossal e fria,
Que se destaca pensativa ao longe
Nas nevoas do porvir... Oh! tenho medo
Da sentença da historia! desse latego,
Que açoita as gerações apodrecidas
No lodo vil dos sentimentos impios!
Ha labios sacrosantos que commungam
Cobardes e assassinos...
Oh! cobarde!
Cobarde é o meu silencio! O mundo inteiro
Em face desse sangue, ardente ainda,
De pasmo estremeceu, sorriu-se alegre,
E disse radiante: « Bravo! bravo!
Eis a Polonia ainda no patibulo! »
E a terra toda retumbou de bravos.

VII

Pois bem! Pois bem! Emquanto envilecidas
As nações, como Nero — aquelle infame,
Que do alto da torre, a lyra em punho,
Cantava alegre — ao ver a sua Roma
Refervendo na immensa labareda;
Emquanto essas nações applaudem rindo

O sombrio assassinio desse povo,
Que renasce do sangue e das ruinas,
E sempre a sacudir nos ares negros
O seu negro estandarte — qual mortalha
Destinada ao cadaver grandioso
Do Deus da liberdade; — emquanto todos
Miram tranquillos a moderna Sparta,
Onde as mães os filhinhos adormecem,
Entoando as canções de seus maiores,
Canções de guerra, que respiram polvora;
Emquanto a raça dos heróes sanhudos,
A tribu dos leões de juba ardente,
Faz descorar os mythos do passado,
As façanhas incriveis, portentosas
Dos guerreiros de Ossian e de Homero;
Ao tempo em que mimosos diplomatas,
Em cochins de velludo reclinados,
De um protocollo infame estudam syllabas,
E pesam virgulas em balanças de ouro...
Emquanto tudo ri... o bardo chora.
O' Polonia! Polonia! Quando a terra
Se revolver perdida — e o captiveiro
Na ironia, calcar seu ferreo guante
Sobre a cerviz dos povos idiotas;
Quando tudo fôr vicio, infamia, lama;
Quando os labios humanos, polluidos,
E sem brio — dos despotas beijarem
As botas insolentes, ó Polonia!
O bardo então irá — pio romeiro —
Prantear em teu vasto cemiterio,
E lá beijando a poeira sacrosanta,
Onde descanças a viril cabeça,

Aos ventos dos Uraes, que mugem, feros,
Dirá, com a voz sumida, entre soluços :
« Das crenças puras o sepulcro é este !
Dormem aqui seu somno derradeiro
Da grande morte os grandes voluntarios,
Da liberdade os Briareus tremendos !... »

Tobias Barreto de Menezes

1839-1889

O BEIJA-FLOR

Era uma moça franzina,
Bella visão matutina
Daquellas que é raro ver,
Corpo esbelto, collo erguido,
Molhando o branco vestido
No orvalho do amanhecer.

Vêde-a lá : timida, esquiva...
Que bocca !.... é a flor mais viva,
Que agora está no jardim;
Mordendo a polpa do labio,
Como quem suga o resabio
Dos beijos de um cherubim !.

Nem viu que as auras gemeram,
E os ramos estremeceram
Quando um pouco alli se ergueu...
Nos alvos dentes, viçosa,
Parte o talo de uma rosa,
Que docemente colheu.

E a fresca rosa orvalhada,
Que contrasta descorada
De seu rosto a nivea tez,
Beijando as mãozinhas suas,
Parece que diz : nós duas !...
E a brisa emenda : nós tres !...

Vae nesse andar descuidoso,
Quando um beija-flôr teimoso
Brincar entre os galhos vem,
Sente o aroma da donzella,
Peneira na face della,
E quer-lhe os labios tambem.

Treme a virgem de surpreza,
Leva do braço em defeza,
Vae com o braço a flôr da mão;
Nas azas da ave mimosa
Quebra-se a flôr melindrosa,
Que rola esparsa no chão.

Não sei o que a virgem fala,
Que abre o peito e mais trescala,
Do trescalar de uma flôr :
Voa em cima o passarinho.,.
Vae já tocando o biquinho
Nos beiços de rubra côr.

A moça, que se envergonha
De correr, meio risonha
Procura se desviar;
Neste empenho os seios ambos

Deixa ver; inconhos jambos
De algum celeste pomar!...

Forte lucta, lucta incrivel
Por um beijo! E' impossivel
Dizer tudo o que se deu.
Tanta cousa, que se esquece
Na vida! Mas me parece
Que o passarinho venceu!...

Conheço a moça franzina
Que a fronte candida inclina
Ao sopro de casto amor:
Seu rosto fica mais lindo,
Quando ella conta sorrindo
A historia do beija-flôr.

AMAR

Amar é fazer o ninho,
Que a duas almas contém,
Ter medo de estar sósinho,
Dizer com lagrimas : vem,
Flôr, querida, noiva, esposa...
Cabemos na mesma lousa...
Julieta, eu sou Romeu;
Correr, gritar : onde vamos ?
Que luz ! que cheiro ! onde estamos?
E ouvir uma voz : no céo !

Vagar em campos floridos
Que a terra mesma não tem;
Chegarmos loucos, perdidos,
Onde não chega ninguem...
E, ao pé de correntes calmas,
Que espelham virentes palmas,
Dizer-te : senta-te aqui;
E além, na margem sombria,
Vêr uma corça bravia,
Pasmada, olhando p'ra ti !

IGNORABIMUS

Quanta illusão !... O céo mostra-se esquivo
E surdo ao brado do universo inteiro...
De duvidas crueis prisioneiro,
Tomba por terra o pensamento altivo.

Dizem que o Christo, o filho de Deus vivo,
A quem chamam tambem deus verdadeiro,
Veio o mundo remir do captiveiro,
E eu vejo o mundo ainda tão captivo !

Se os reis são sempre os reis, se o povo ignavo
Não deixou de provar o duro freio,
Da tyrannia e da miseria o travo,

Se é sempre o mesmo engodo e falso enleio,
Se o homem chora e continúa escravo,
De que foi que Jesus salvar-nos veio?...

Joaquim Maria Machado de Assis

1839-1908

A MOSCA AZUL

Era uma mosca azul, azas de ouro e granada,
Filha da China ou do Indostão,
Que entre as folhas brotou de uma rosa encarnada,
Em certa noite de verão.

E zumbia, e voava, e voava, e zumbia,
Refulgindo ao clarão do sol
E da lua, — melhor do que refulgiria
Um brilhante do Grão-Mogol.

Um poleá que a viu, espantado e tristonho,
Um poleá lhe perguntou :
« Mosca, esse refulgir, que mais parece um sonho,
Dize, quem foi que t'o ensinou? »

Então ella, voando, e revoando, disse :
— « Eu sou a vida, eu sou a flôr
Das graças, o padrão da eterna meninice,
E mais a gloria, e mais o amor. »

E elle deixou-se estar a contemplal-a, mudo,
E tranquillo, como un fakir,
Como alguem que ficou deslembrado de tudo
Sem comparar, nem reflectir.

Entre as azas do insecto, a voltear no espaço,
Uma cousa lhe pareceu
Que surdia, com todo o resplendor de um paço,
E viu um rosto, que era o seu.

Era elle, era um rei, o rei de Cachemira,
Que tinha sobre o collo nú,
Um immenso collar de opala, e uma saphyra
Tirada ao corpo de Vischnu.

Cem mulheres em flôr, cem nayras superfinas,
Aos pés delle, no liso chão,
Espreguiçam sorrindo as suas graças finas,
E todo o amor que têm lhe dão.

Mudos, graves, de pé, cem ethiopes feios,
Com grandes leques de avestruz,
Refrescam-lhes de manso os aromados seios,
Voluptuosamente nus.

Vinha a gloria depois; — quatorze reis vencidos,
E emfim as páreas triumphaes
De trezentas nações, e os parabens unidos
Das corôas occidentaes.

Mas o melhor de tudo é que no rosto aberto
Das mulheres e dos varões,

Como em agua que deixa o fundo descoberto,
Via limpos os corações.

Então elle, estendendo a mão callosa e tosca,
Affeita a só carpintejar,
Com um gesto pegou na fulgurante mosca,
Curioso de a examinar.

Quiz vel-a, quiz saber a causa do mysterio.
E, fechando-a na mão, sorriu
De contente, ao pensar que alli tinha um imperio,
E para casa se partiu.

Alvoroçado chega, examina, e parece
Que se houve nessa occupação
Miudamente, como um homem que quizesse
Dissecar a sua illusão.

Dissecou-a, a tal ponto, e com tal arte, que ella,
Rota, baça, nojenta, vil,
Succumbiu; e com isto esvaiu-se-lhe aquella
Visão fantastica e subtil.

Hoje, quando elle ahi vae, de aloe e cardamomo
Na cabeça, com ar taful,
Dizem que ensandeceu, e que não sabe como
Perdeu a sua mosca azul.

VERSOS A CORINNA

Guarda estes versos que escrevi chorando
Como um alivio á minha soledade,
Como um dever do meu amor; e quando
Houver em ti um écho de saudade,
Beija estes versos que escrevi chorando.

Unico em meio das paixões vulgares,
Fui a teus pés queimar minh'alma anciosa,
Como se queima o oleo ante os altares;
Tive a paixão indomita e fogosa,
Unica em meio das paixões vulgares.

Cheio de amor, vazio de esperança,
Dei para ti os meus primeiros passos;
Minha illusão fez-me, talvez, criança;
E eu pretendi dormir aos teus abraços,
Cheio de amor, vazio de esperança.

Refugiado á sombra do mysterio,
Pude cantar meu hymno doloroso;
E o mundo ouviu o som doce ou funereo,

Sem conhecer o coração ancioso
Refugiado á sombra do mysterio.

Mas eu que posso contra a sorte esquiva?
Vejo que em teus olhares de princeza
Transluz uma alma ardente e compassiva
Capaz de reanimar minha incerteza;
Mas eu que posso contra a sorte esquiva?

Como um réo indefeso e abandonado,
Fatalidade, curvo-me ao teu gesto;
E se a perseguição me tem cansado,
Embora, escutarei o teu aresto,
Como um réo indefeso e abandonado.

Embora fujas aos meus olhos tristes,
Minh'alma irá saudosa, enamorada,
Acerca-se de ti lá onde existes;
Ouvirás minha lyra apaixonada,
Embora fujas aos meus olhos tristes.

Talvez um dia meu amor se extinga,
Como fogo de Vesta mal cuidado,
Que sem o zelo da Vestal não vinga;
Na ausencia e no silencio condemnado,
Talvez um dia meu amor se extinga.

Então não busques reavivar a chamma;
Evoca apenas a lembrança casta
Do fundo amor daquelle que não ama ;
Esta consolação apenas basta;
Então não busques reavivar a chamma.

Guarda estes versos que escrevi chorando
Como um alivio á minha soledade,
Como um dever do meu amor; e quando
Houver em ti um écho de saudade,
Beija estes versos que escrevi chorando.

CIRCULO VICIOSO

Bailando no ar, gemia inquieto vagalume :
— « Quem me dera que fosse aquella loura estrella,
Que arde no eterno azul, como uma eterna vela ! »
Mas a estrella, fitando a lua, com ciume :

— « Pudesse eu copiar-te o transparente lume,
Que da grega columna á gothica janella,
Contemplou, suspirosa, a fronte amada e bella ! »
Mas a lua, fitando o sol, com azedume :

— « Misera ! tivesse eu aquella enorme, aquella
Claridade immortal, que toda a luz resume ! »
Mas o sol, inclinando a rutila capella :

— « Pesa-me esta brilhante auréola de nume...
Enfara-me esta azul e desmedida umbella...
Porque não nasci eu um simples vagalume? ... »

Luiz Nicoláo Fagundes Varella

1841-1875

JUVENILIA

Lembras-te, Inah, dessas noites
Cheias de doce harmonia,
Quando a floresta gemia
Do vento aos brandos açoites?

Quando as estrellas sorriam,
Quando as campinas tremiam
Nas dobras de humido véo,
E nossas almas unidas
Estreitavam-se, sentidas,
Ao languor daquelle céo?

Lembras-te, Inah? Bello e mago,
Da nevoa por entre o manto,
Erguia-se ao longe o canto
Dos pescadores do lago.

Os regatos soluçavam,
Os pinheiros murmuravam
No viso das cordilheiras,
E a brisa lenta e tardia

O chão relvoso cobria
De flores das trepadeiras.

Lembras-te, Inah? Eras bella;
Ainda no albor da vida,
Tinhas a fronte cingida
De uma innocente capella.

Teu seio era como a lyra
Que chora, canta e suspira,
Ao roçar de leve aragem;
Teus sonhos eram suaves,
Como o gorgeio das aves
Por entre a escura folhagem.

Do mundo os negros horrores
Nem presentias sequer;
Teus almos dias, mulher,
Passavam num chão de flores.

O' primavera sem termos!
Brancos luares dos ermos!
Auroras de amor sem fim!
Fugistes, deixando apenas
Por terra esparsas as pennas
Das azas de um serafim!

Ah! Inah! Quanta esperança
Eu não vi brilhar nos céos,
Ao luzir dos olhos teus,
A teu sorrir de criança!

Quanto te amei! Que futuros!
Que sonhos gratos e puros!
Que crenças na eternidade!
Quando a furto me falavas,
E meu ser embriagavas
Na febre da mocidade!

Como nas noites de estio,
Ao sopro do vento brando,
Rola o selvagem cantando
Na correnteza do rio;

Assim passava eu no mundo,
Nesse descuido profundo
Que etherea dita produz!
Tu eras, Inah, minh'alma,
De meu estro a gloria e a palma,
De meus caminhos a luz!

Que é feito agora de tudo,
De tanta illusão querida?
A selva não tem mais vida,
O lar é deserto e mudo!

Onde foste, ó pomba errante
Bella estrella scintillante
Que apontavas o porvir?
Dormes acaso no fundo
Do abysmo tredo e profundo,
Minha perola de Ophir?

Ah ! Inah ! por toda parte
Que teu espirito esteja,
Minh'alma que te deseja
Não cessará de buscar-te !

Irei ás nuvens serenas,
Vestindo as ligeiras pennas
Do mais ligeiro condor;
Irei ao pégo espumante,
Como da Asia o possante,
Soberbo mergulhador !

Irei á patria das fadas
E dos sylphos errabundos,
Irei aos antros profundos
Das montanhas encantadas;

Se depois de immensas dôres,
No seio ardente de amores
Eu não puder apertar-te,
Quebrando a dura barreira
Deste mundo de poeira,
Talvez, Inah, hei de achar-te !

CANTICO DO CALVARIO

Eras na vida a pomba predilecta,
Que sobre um mar de angustias conduzia
O ramo de esperança! eras a estrella,
Que entre as nevoas do inverno scintillava
Apontando o caminho ao pegureiro!
Eras a messe de um dourado estio!
Eras o idyllio de um amor sublime!
Eras a gloria, a inspiração, a patria,
O porvir de teu pai! — Mas ah! no emtanto,
Pomba — varou-te a flecha do destino!
Astro — enguliu-te o temporal do norte!
Tecto — caiste! Crença — já não vives!

Correi, correi, ó lagrimas saudosas,
Legado acerbo da ventura extincta,
Dubios archotes que a tremer clareiam
A lousa fria de um sonhar que é morto!
Correi! Um dia vos verei mais bellas
Que os diamantes de Ophir e de Golconda,
Fulgurar na corôa de martyrios
Que me circumda a fronte scismadora!

São mortos para mim da noite os fachos,
Mas Deos vos faz brilhar, lagrimas santas,
E á vossa luz caminharei nos ermos!
Estrellas do soffrer, gottas de magua,
Brando orvalho do céo, sêde bemditas!
Oh! filho de minh'alma! Ultima rosa
Que neste solo ingrato vicejava!
Minha esperança amargamente doce!
Quando as garças vierem do occidente,
Buscando um novo clima onde pousarem,
Não mais te embalarei sobre os joelhos,
Nem de teus olhos no ceruleo brilho
Acharei um consolo a meus tormentos!
Não mais invocarei a musa errante
Nestes retiros, onde cada folha
Era um polido espelho de esmeralda,
Que reflectia os fugitivos quadros
Dos suspirados tempos que se foram!
Não mais, perdido em vaporosas scismas,
Escutarei as pôr do sol, nas serras,
Vibrar a trompa sonorosa e leda
Do caçador que aos lares se recolhe!

Não mais! A areia tem corrido, e o livro
De minha infanda historia está completo!
Pouco tenho de andar! Um passo ainda,
E o fructo de meus dias, negro, pôdre,
Do galho eivado rolará por terra!
Ainda um threno! e o vendaval sem freio
Ao soprar quebrará a ultima fibra
Da lyra infausta que nas mãos sustenho!
Tornei-me o écho das tristezas todas

Que entre os homens achei! o lago escuro,
Onde ao clarão dos fogos da tormenta
Miram-se as larvas funebres do estrago!
Por toda a parte em que arrastei meu manto
Deixei um traço fundo de agonias!...

Oh! quantas horas não gastei, sentado
Sobre as costas bravias do Oceano,
Esperando que a vida se esvaisse,
Como um floco de espuma, ou como o friso
Que deixa n'agua o lenho do barqueiro!
Quantos momentos de loucura e febre
Não consumi perdido nos desertos,
Escutando os rumores das florestas,
E procurando nessas vozes torvas
Distinguir o meu cantico de morte!
Quantas noites de angustias e delirios
Não velei, entre as sombras espreitando
A passagem veloz do genio horrendo
Que o mundo abate ao galopar infrene
Do selvagem corcel!... E tudo embalde!
A vida parecia ardente e douda
Agarrar-se a meu ser! E tu, tão joven,
Tão puro ainda, ainda na alvorada,
Ave banhada em mares de esperança,
Rosa em botão, chrysolita entre luzes,
Foste o escolhido na tremenda ceifa!

Ah! quando a vez primeira em meus cabellos
Senti bater teu halito suave;
Quando em meus braços te cerrei, ouvindo
Pulsar-te o coração, divino ainda;
Quando fitei teus olhos socegados,

Abysmos de innocencia e de candura,
E baixo e a medo murmurei : meu filho !
Meu filho ! phrase immensa, inexplicavel,
Grata como o chorar de Magdalena
Aos pés do Redemptor... ah ! pelas fibras
Senti rugir o vento incendiado
D'esse amor infinito que eterniza
O consorcio dos orbes que se enredam
Dos mysterios do ser na têa augusta,
Que prende o céo á terra e a terra aos anjos !
Que se expande em torrentes ineffaveis
Do seio immaculado de Maria !

Cegou-me tanta luz ! Errei, fui homem !
E de meu erro a punição cruenta
Na mesma gloria que elevou-me aos astros,
Chorando aos pés da cruz, hoje padeço !

O som da orchestra, o retumbar dos bronzes,
A voz mentida de rafeiros bardos,
Torpe alegria que circumda os berços
Quando a opulencia doura-lhes as bordas,
Não te saudaram o sorrir primeiro,
Clicia mimosa rebentada á sombra !
Mas ah ! se pompas e esplendor faltaram-te,
Tiveste mais que os principes da terra
Templos, altares de affeição sem termos,
Mundos de sentimento e de magia,
Cantos ditados pelo proprio Deus !
Oh ! quanto reis que a humanidade aviltam
E o genio esmagam dos soberbos thronos,
Trocariam a purpura romana

Por um verso, uma nota, um som apenas
Dos fecundos poemas que inspiraste!

Que bellos sonhos! Que illusões bemditas
Do cantor infeliz lançaste á vida,
Arco-iris de amor! luz da alliança,
Calma e fulgente em meio da tormenta!
Do exilio escuro a cithara chorosa
Surgiu de novo e ás virações errantes
Lançou diluvios de harmonia! O gozo
Ao pranto succedeu, as ferreas horas
Em desejos alados se mudaram...
Noites fugiam, madrugadas vinham,
Mas sepultado num prazer profundo
Não te deixava o berço descuidoso,
Nem de teu rosto meu olhar tirava,
Nem de outros sonhos que dos teus vivia!

Como eras lindo! Nas rosadas faces
Tinhas ainda o tepido vestigio
Dos beijos divinaes! nos olhos langues
Brilhava o brando raio que accendêra
A benção do Senhor, quando o deixaste!
Sobre teu corpo a chusma dos anjinhos,
Filhos do ether e da luz, voavam,
Riam-se alegres, das caçoilas niveas
Celeste aroma te vertendo ao corpo!
E eu dizia commigo: — teu destino
Será mais bello que o cantar das fadas
Que dansam no arrebol, mais triumphante
Que o sol nascente derribando ao nada

Muralhas de negrume... ! Irás tão alto
Como o passaro-rei do Novo Mundo !

Ai ! doudo sonho !... Uma estação passou-se,
E tantas glorias, tão risonhos planos
Desfizeram-se em pó ! O genio escuro
Abrasou com seu facho ensanguentado
Meus soberbos castellos. A desgraça
Sentou-se em meu solar, e a soberana
Dos sinistros imperios de além-mundo
Com seu dedo real sellou-te a fronte !
Inda te vejo pelas noites minhas,
Em meus dias sem luz vejo-te ainda,
Creio-te vivo, e morto te pranteio !...

Ouço o tanger monotono dos sinos,
E cada vibração contar parece
As illusões que murcham-se comtigo !
Escuto em meio de confusas vozes,
Cheias de phrases pueris, estultas,
O linho mortuario que retalham
Para envolver teu corpo ! Vejo esparsas
Saudades e perpetuas, sinto o aroma
Do incenso das igrejas, ouço os cantos
Dos ministros de Deus, que me repetem
Que não és mais da terra !... E chóro embalde !

Mas não ! Tu dormes no infinito seio
Do Creador dos seres ! Tu me falas
Na voz dos ventos, no chorar das aves,
Talvez das ondas no respiro flebil !
Tu me contemplas lá do céo, quem sabe?

No vulto solitario de uma estrella...
E são teus raios que meu estro aquecem !
Pois bem ! Mostra-me as voltas do caminho,
Brilha e fulgura no azulado manto,
Mas não te arrojes, lagrima da noite,
Nas ondas nebulosas do occidente !
Brilha e fulgura ! Quando a morte fria
Sobre mim sacudir o pó das azas,
Escada de Jacob serão teus raios
Por onde asinha subirá minh'alma.

VERSOS SOLTOS

Ao general Juarez

Juarez! Juarez! Quando as idades,
Fachos de luz que a tyrannia espancam,
Passarem, desvendando sobre a terra
As verdades que a sombra escurecia;
Quando soar no firmamente esplendido
O julgamento eterno;
Então, banhado no prestigio santo
Das tradições que as epopeas criam,
Grande como um mysterio do passado,
Será teu nome a magica palavra
Que o mundo falará, lembrando as glorias
Da raça mexicana!
Quem se atreve a medir-te face á face?
Quem teu vôo acompanha nas alturas,
Condor soberbo que da luz nas ondas
Sacode o orvalho das possantes azas,
E lança um grito de desprezo infindo
Aos milhafres rasteiros?
Que destemido caçador dos ermos
Irá te captivar, ave sublime,

Nessas costas bravias e tremendas,
Onde o Grande Oceano atira as vagas
E os vendavaes sem pêas atordôam
O espaço de rugidos?
Que sicario real; nas matas virgens,
Amplas, sem marcos, sem baptismo e data,
Te apanhará, jaguar das soledades?
Ah! tu espreitas os volcões que dormem!
Quando a cratera encher-se, á luz vermelha,
Rebentarás nas praças!
Trarás comtigo os raios da tormenta,
Da tormenta serás o sopro ardente;
Mas a tormenta passará de novo
E o golfo mexicano illuminado
Reflectirá teu vulto gigantesco,
O' aguia do porvir!

Teu nome está gravado nos desertos,
Onde pés de mortal jámais pisaram!
Quando pudessem deslembral-o os homens,
As selvas despiriam-se de folhas,
Para arrojal-o do tufão nas azas
A's multidões ingratas!
Como as de um livro immenso, ellas compôem
Teu poema sublime; a pluma eterna
Do invisivel destino, e não rasteira,
Misera penna de mundano bardo,
Nellas traçou as indeleveis cifras
De teu nome immortal!

Os pastores de Puebla e de Xalisco,
As morenas donzellas de Bergara

Cantam teus feitos junto ao lar tranquillo,
Nas noites perfumadas e risonhas
Da terra americana. Os viajantes,
Que os desertos percorrem, pensativos
Param no cimo das erguidas serras,
Medem com a vista o descampado immenso,
E murmuram fitando os horizontes
Vastos, perdidos num lençol de nevoas :
Juarez ! Juarez ! em toda a parte
Teu espirito vaga !

Falam de ti as fontes e as montanhas,
As hervinhas do campo e os passarinhos
Que, abrindo as azas no azulado céo,
Como um bando de sonhos esvoaçam.
Mas esse nome que ameniza o canto
Do torvo montanhez, e mais suave
Que um suspiro de amor, parte dos labios
Da virgem sonhadora das campinas,
Faz tremer o tyranno que repousa
Nos macios coxins do leito de ouro,
Como o brado do archanjo no infinito,
Ao fenecer dos mundos !

Deixa que as turbas de terror escravas
Junto de falso throno se ajoelhem;
Os brindes e os folguedos continuam...
Mas a mão invisivel do destino
Na sala do banquete austera escreve
O aresto irrevogavel !

NOCTURNO

Minh'alma é como o deserto,
Por onde o romeiro incerto
Procura uma sombra em vão;
E' como a ilha maldita
Que sobre as vagas palpita
Queimada por um volcão.

Minh'alma é como a serpente
Que se torce ebria e demente
De vivas chammas no meio;
E' como a douda que dansa,
Sem mesmo guardar lembrança
Do cancro que róe-lhe o seio.

Minh'alma é como o rochedo,
D'onde o abutre e o corvo tredo
Motejam dos vendavaes;
Coberto de atros matizes,
Lavrado das cicatrizes
Do raio, nos temporaes.

Nem uma luz de esperança,
Nem um sopro de bonança
Na fronte sinto passar!
Os invernos me despiram
E as illusões que fugiram
Nunca mais hão de voltar.

Tombam as selvas frondosas,
Cantam as aves mimosas
As nenias da viuvez;
Tudo, tudo vae finando,
Mas eu pergunto chorando:
Quando será minha vez?

No véo ethereo os planetas,
No casulo as borboletas
Gozam da calma final;
Porém meus olhos cansados
São a mirar condemnados
Dos seres o funeral.

Quero morrer. Este mundo
Com seu sarcasmo profundo
Manchou-me de lôdo e fel;
Minha esperança esvaiu-se,
Meu talento consumiu-se,
Dos martyrios ao tropel.

Quero morrer. Não é crime
O fardo que me comprime
Dos hombros lançal-o ao chão;

Do pó desprender-me rindo
E, as azas brancas abrindo,
Perder-me pela amplidão.

Vem, ó morte! A turba immunda,
Em sua illusão profunda,
Te odeia, te calumnia,
Pobre noiva tão formosa
Que nos espera amorosa
No termo da romaria!

Virgens, anjos e creanças,
Coroadas de esperanças,
Dobram a fronte a teus pés.
Os vivos vão repousando,
E tu me deixas chorando!
Quando virá minha vez?

Minh'alma é como um deserto,
Por onde o romeiro incerto
Procura uma sombra em vão;
E' como a ilha maldita
Que sobre as vagas palpita
Queimada por um volcão.

João Julio dos Santos

1844-1872

AS ESTRELLAS

As estrellas são urnas diamantinas,
Vertendo á noite borbotões de luz,
Facha de perlas no ceruleo manto
Que fulgido reluz.

São conchas de ouro desse mar de nuvens
Que se perde nas orlas do infinito;
— Letras de fogo de um poema ignoto
No firmamento escripto.

Epitaphio do tumulo, onde dorme
O segredo da vida, occulto em véos,
Lemma sombrio burilado em chammas
Pelo dedo de Deus.

Talvez são turmas de anjos sobre nuvens,
O infortunio dos homens pranteiando
Em lagrimas de orvalho, que dos ares
Vae frio gotejando.

Ou talvez um collar de immensas perolas
Dos dois pólos atado nos extremos,
Prendendo o manto azul brilhante em chammas
De um céo que nós não vemos.

E quem sabe? Talvez são gotas limpidas
De cataratas puras, crystalinas,
Rolando em mar de luz entre montanhas
De nuvens argentinas.

Oh! quem dissera um dia a nota aerea
Da incessante harmonia dos planetas,
Decifrar o mysterio do infinito,
Transpondo as suas metas?

Por mais que o homem seu olhar afunde
Na immensidão do céo, no ermo espaço,
Nunca póde a razão mesquinha e fraca
Quebrar seu ferreo laço.

Apenas seu olhar, cançado e tremulo,
Póde insano fitar a terra e os céos,
E ler nesse poema de mysterios
O nome de seu Deus.

João Nepomuceno Kubitscheck

1845-1899

EURICO

Hermengarda! ousei amal-a .
De Favilla a nobre filha,
Das Hespanhas maravilha,
Mimoso esmero dos céus!
Ousei construir-lhe um templo
De adoração na minh'alma,
Sonhei a vida tão calma,
Vendo o céu nos olhos seus!

Quem era eu p'ra tão alto
Erguer meu amor ardente?
Era um tyuphado valente,
Um gardingo, nada mais!
Na raça dos meus não tinha
Priscos brazões de nobreza,
Não tinha tanta riqueza
Como os cofres de seus paes.

O orgulho e a ambição se ergueram
Entre nós — muro gigante!
Quem póde transpol-o ovante?
O leão rugiu de dôr.

Entre nós abriu-se a fauce
De immenso abysmo sem fundo:
De um lado, os homens, o mundo;
De outro lado, o nosso amor!

Era impossivel! Que importa
Tivesse eu affectos santos,
Como o diziam meus prantos,
Minhas lagrimas de fel?
Das espheras diamantinas,
Do céu azul da ventura,
Despenhei-me á noite escura,
Como o archanjo revel.

Nunca da virgem o amiculo
Beijará meu labio ardente;
Sua alma pura, innocente,
Não me dará um sorrir;
Nunca a bençäo do presbytero
Ligará nossos destinos;
Do noivado os santos hymnos
No templo não hei de ouvir!

Nunca! Flamma dos infernos
Que a flôr da esperança abrasa;
Estylete agudo em brasa
Nas fibras do coração;
Nuvem prenhe de tormentas
Que no céu rugindo passa;
Hyena que despedaça
Minha mais bella illusão!

Fugi dos homens! No claustro
Fui chorar minha desdita;
A' santa Virgem bemdita
Fui pedir consolações;
Quiz de mim proprio exilar-me,
Exilando-me do mundo,
Do olvido arrojar ao fundo
Do passado as affiicções.

E o céu na profunda chaga
Doce balsamo vertia;
Serena melancolia
Pairou no servo da cruz;
E dos meus labios brotaram
Canticos pios, suaves,
Que reboaram nas naves.
Das cathedraes de Jesus.

Depois... travou-se o conflicto
Entre Deus e a imagem linda,
Porque no meu peito ainda
Não se extinguira a paixão:
Ora a razão imperando
Na consciencia — Deus — bradava
Ora em delirios clamava
— Hermengarda — o coração.

Em vão entre mim e o mundo
Ergui a immensa barreira,
E do templo na soleira
Lhe disse um eterno adeus;
Toda vestida de encantos,

Vinha a imagem da donzella
Sorrir-me na erma cella,
Qual mensageira dos céus.

Eil-a — do cair das tardes
Nos coloridos vapores,
Da aurora nos resplendores,
Na branda luz do luar,
Na hostia do sacrificio,
Nas flôres ao pé das cruzes,
Dos bentos cirios nas luzes,
Nos ornamentos do altar.

Dizei, virações nocturnas,
Esta historia de agonias,
Do Calpe nas penedias,
Na mais funda solidão !
Que não chegue ao mundo um écho
Deste amor que me acompanha,
Que como bronzea montanha,
Me pesa no coração.

Cala estas dôres, minh'alma...
A serpente do deserto
Já dispara o bote certo
E ensanguenta o chão natal;
Sobre um montão de ruinas
Campêa altivo o Crescente,
Por onde avança a torrente
Surgem os genios do mal.

E tu, bella Hespanha ! o louro,
Colhido ao sol das victorias,
Emblema das tuas glorias,
Te vae da fronte cair?
Na espuria raça de hoje
Não tens mais valentes filhos,
Que accendam de novo os brilhos
Da estrella do teu porvir?

Como tigres da vingança,
Teus soldados não mais rugem?
Embotou a vil ferrugem
Os gladios da nobre grey?
Não é mais fouce de morte
O frankisk do wisigodo?
Não provaram-lhe o denodo
As aguias do povo-rei?

Silencio ! O vento do norte
Lá passa em busca dos mares !
Silencio ! Echôou nos ares
Um grito de maldicção !
E' o Cesar das montanhas,
E' o Pelayo, acceso em furias,
Na caverna das Asturias
Bramindo como um leão !

Tambem no horror dos combates
Eu fui um soldado forte,
Semeei o estrago, a morte,
Como um raio vingador :
Pela armadura de ferro

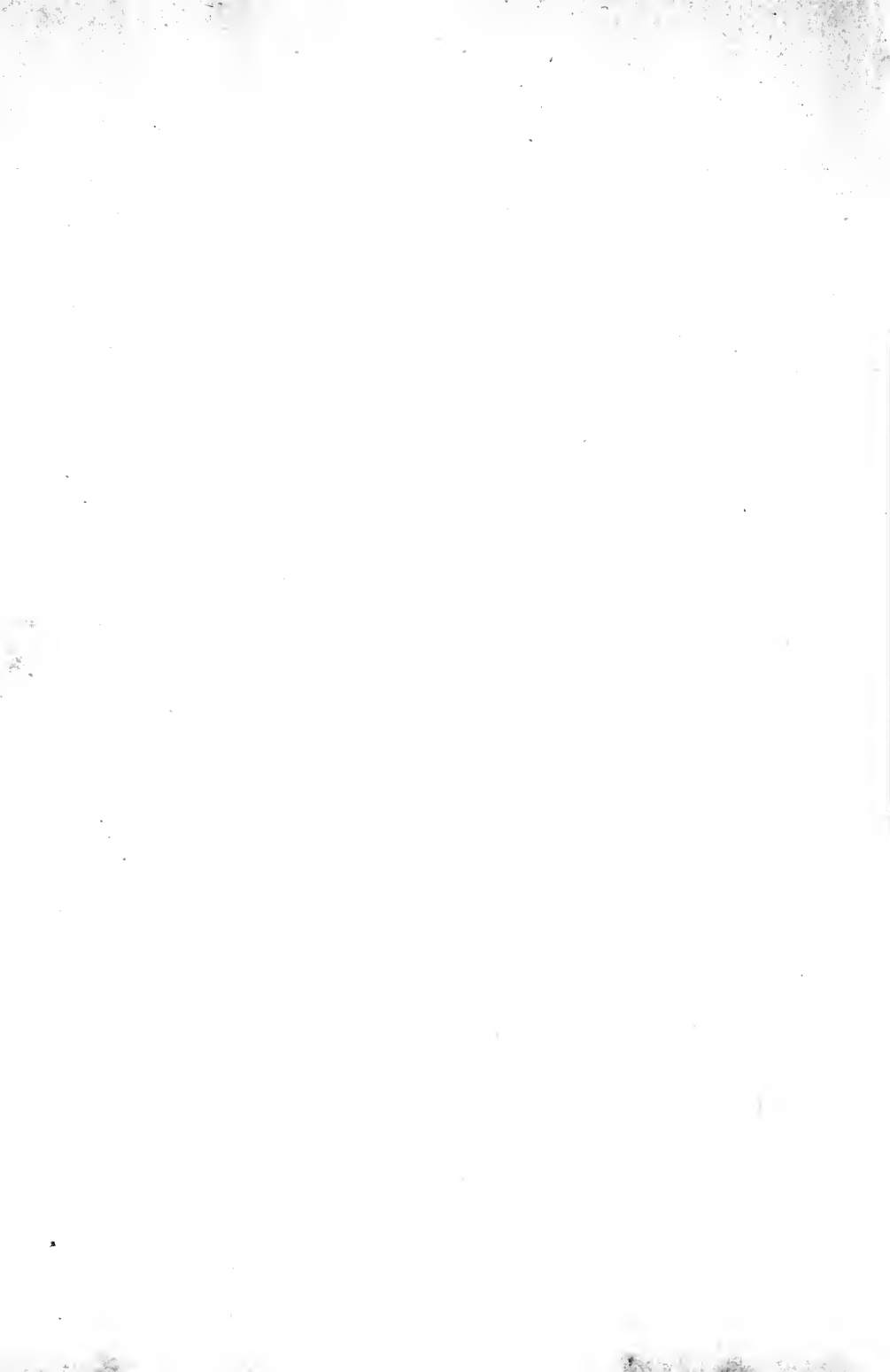
Troquei a strynge sagrada,
Pela bórda ensanguentada
Meu cajado de pastor.

E as hostes fugiam lividas
Deante do meu aspeito...
Nem uma flecha meu peito
Não veio rasgar sequer!
E ainda no cahos revolto
Dessas guerreiras phalanges,
No afuzilar dos alfanges
Tu me sorrias, mulher!

Disseste-me um dia a historia
De teus infantis amores...
Porque orvalhaste flôres
Que não podiam viçar?
Fundir minh'alma na tua
Em cadeia indestructivel...
Oh! nunca! nunca! impossivel!
Entre nós está o altar!

O' Deus! do abysmo do nada
Porque meu ser arrancaste?
Porque no mundo o atiraste,
Como em funesta prisão?
Que um' alma christã não possa
Apagar da vida o lume,
Enterrar de um ferro o gume
Bem fundo no coração!...

Luiz Caetano Pereira Guimarães Junior

1847-1898

O coração que bate neste peito
E que bate por ti unicamente,
O coração, outrora independente,
Hoje humilde, captivo e satisfeito;

Quando eu cair, emfim, morto e desfeito,
Quando a hora soar lugubremente
Do repouso final, — tranquillo e crente
Irá sonhar no derradeiro leito.

E quando um dia fôres commovida
— Branca visão que entre os sepulcros erra, —
Visitar minha funebre guarida,

O coração, que toda em si te encerra,
Sentindo-te chegar, mulher querida,
Palpitará de amor dentro da terra.

HORA DE AMOR

Reunimo-nos todos no terraço :
A fria lua sobre nós pairava;
Rescendendo á baunilha, suspirava
A aragem, quente ainda do mormaço.

E Ella pousou o alabastrino braço
Nú sobre o marmor. Seu olhar brilhava
Como a opala ao luar, — e procurava
Os mudos olhos meus, de espaço a espaço.

Uma orchestra, invisivel e saudosa,
Cuja harmonia os echos repetiam,
Lançava á noite os ais de Cimarosa :

E quando os mais a musica applaudiam,
Eu, ó madona minha silenciosa,
Ouvia o que os teus olhos me diziam.

A PRIMEIRA ENTREVISTA

Ella não tarda. Disse-me que vinha :
Mas quem sabe ! Se acaso acontecesse
Qualquer cousa imprevista, e não viesse !
Oh ! Deus do céo ! que situação a minha !

E este relogio vil que não caminha !
E o tempo ! — uma hora apenas e parece
Noite fechada já ! Ah ! se chovesse !...
Mas, não : alguem tocou a campainha,

Alguem subiu veloz a minha escada :
Ouço um rumor de seda machucada
E uns miudinhos, uns nervosos passos...

Duvido ainda ! Espreito delirante :
Abro a tremer — e toda palpitante
Ella cae a sorrir entre os meus braços.

VISITA Á CASA PATERNA

Como a ave que volta ao ninho antigo,
Depois de um longo e tenebroso inverno,
Eu quiz tambem rever o lar paterno,
O meu primeiro e virginal abrigo.

Entrei. Um genio carinhoso e amigo,
O fantasma, talvez, do amor materno,
Tomou-me as mãos, olhou-me grave e terno,
E passo a passo caminhou commigo.

Era esta a sala... (Oh ! se me lembro, e quanto !)
Em que, da luz nocturna á claridade,
Minhas irmães e minha mãe... O pranto

Jorrou-me em ondas... Resistir quem hade?
Uma illusão gemia em cada canto,
Chorava em cada canto uma saudade.

A ESCRAVA

Emquanto os outros negros companheiros
Bailam em frente á lugubre senzala,
E da fausta vivenda a rica sala
Percorre a dança em giros feiticeiros;

Emquanto a noite com seus ais fagueiros
Como um segredo tropical se exhala,
E a quente aragem que a palmeira embala,
Treme na leve rama dos coqueiros;

Emquanto a festa vivida, inclemente,
Louca de febre e graças soberanas,
Prende o senhor e o escravo juntamente :

Ella, fugindo ás emoções tyrannas,
Recorda tristemente, tristemente,
A solidão das noites africanas.

O BEIJO DA MORTA

Cresce a invernosa noite, um frio intenso
Morde-me as carnes : — livido, gelado,
No leito me ergo... e escuto o desolado
Uivo do inverno, atroz, convulso, immenso...

Tento dormir. Em vão ! Escuto e penso.
Penso na eterna Ausente... Ah ! se a meu lado
Ella estivesse ! um beijo perfumado !
Um só ! me fôra ardente e ideal incenso...

Abre-se então de leve a minha porta :
E' ella ! Entrou. Na pallidez da morta
Uma aurora de beijos irradia :

Caminha... chega e diz-me num segredo :
« Une teu rosto ao meu, não tenhas medo :
Venho aquecer-te : — a noite está tão fria ! »

A SERTANEJA

Eu sou a virgem morena,
Robusta, lesta, pequena
Como a cabrita montez;
Vivo cercada de amores,
E Aquelle que fez as flores,
Irmã das flores me fez.

Vinde ver, ó boiadeiros,
Meus vestidos domingueiros,
Meus braços limpos e nús :
Ah ! vinde ver-me enfeitada
Com minha saia engommada,
Com meus tamancos azues.

Sertanejos, sertanejos,
Pedis debalde os meus beijos,
Em vão pedis meu amor !
Eu sou a agreste cotia,
Que se expõe á pontaria
E ri-se do caçador !

A sertaneja morena
Bonita, forte, pequena,
Não cae na armadilha, não :
A jassanan corre e vôa
Quando vê sobre a lagôa
A sombra do gavião.

Sou orphan, donzella e pobre,
Vistosa telha não cobre
O lar que herdei de meus paes :
Que importa? Vivo contente :
Ser moça, bella e innocente
E' ter fortuna de mais !

Quem tece e protege o ninho,
Quem defende o passarinho,
Quem das mãos espalha o bem,
Quem fez o sol e as estrellas,
Dando a virtude ás donzellas,
Deu-lhes a força tambem.

A Virgem nunca se esquece
Da mais tosca e simples prece
Que vôa ao seio de Deus;
Por cada infeliz que chora
Abre na terra uma aurora,
Crava uma estrella nos céus.

Sertanejos, sertanejos,
Podeis morrer de desejos,
Que eu não me temo de vós !
A sertaneja faceira

E' mais que a paca ligeira,
Mais que a andorinha veloz.

Sou viva, arisca, medrosa,
Bem como a onça raivosa
Prompta ao mais leve rumor!
No meu cabello selvagem
Sente-se a morna bafagem
Das mattas virgens em flôr.

No samba quem puxa a fieira
Melhor, melhor que a trigueira
Maravilha dos sertões?
Que peito mais brando ancêa,
Quem mais gentil sapatêa,
Quem pisa mais corações?

Ai! gentes! ai! boiadeiros!
Não sois de certo os primeiros
Que o meu olhar captivou:
Desta morena a doçura
E' como frecha segura:
Peito que encontra — rasgou!

Minha rede é perfumada,
Como a folha machucada
Da verde malva maçã:
Nella me embalo sonhando,
E della salto cantando,
Quando vem rindo a manhã.

Sonho com jambos e rosas,
Com as madrugadas formosas
Deste formoso sertão :
Meu sonho é como a canoa,
Que vôa, que vôa e vôa
Nas aguas do ribeirão.

Trago no seio guardado
O rosario abençoado
Que minha mãe me deixou :
Ai ! gentes ! ai ! pastorinhas !
Se estão alvas as continhas
Foi que meu pranto as lavou.

Quem é mais feliz na terra?
Quem mais delicias encerra,
Quem mais feitiços contém?
Vem, moreno boiadeiro,
Desafiar meu pandeiro
Com tua guitarra, — vem !

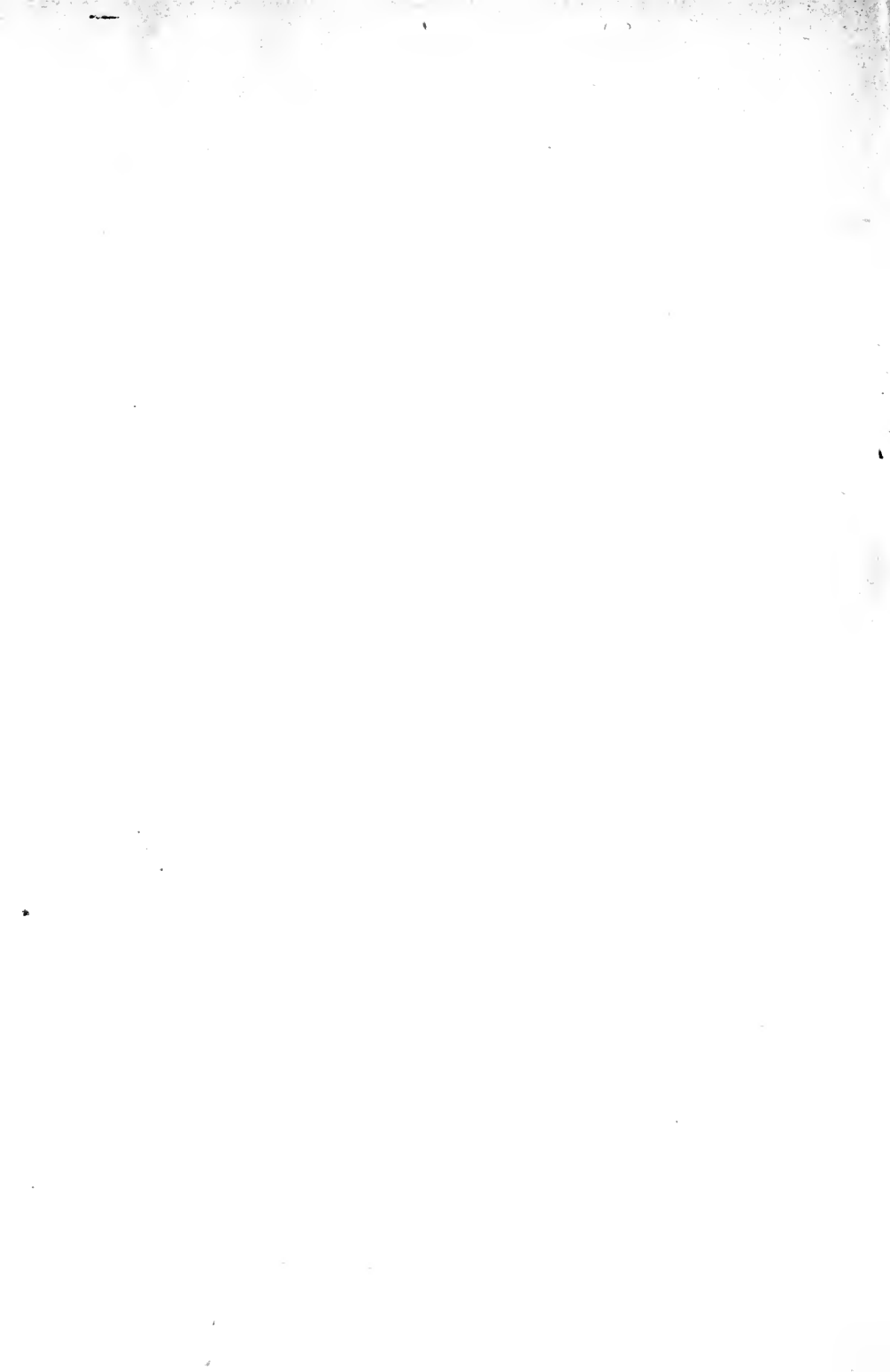
Raiou domingo ! Que festa !
Que barulho na floresta !
Quanto rumor no sertão !
Que céo ! que mattas cheirosas !
Quanto perfume nas rosas,
E quantas rosas no chão !

Vinde ouvir-me na guitarra :
Não ha nas brenhas cigarra
Que me acompanhe, — não ha !
Trazei, trazei, boiadeiros,

As violas, os pandeiros,
Os buzios, o maracá !

Eu sou a virgem morena,
Robusta, lesta, pequena
Como a cabrita montez :
Vivo cercada de amores,
E Aquelle que fez as flores,
Irmã das flores me fez.

Antonio de Castro Alves

1847-1871

A QUEIMADA

Meu nobre perdigueiro ! vem commigo.
Vamos a sós, meu corajoso amigo,
Pelos ermos vagar !
Vamos lá dos geraes, que o vento açouta,
Dos verdes capinaes na agreste mouta
A perdiz levantar !...

Mas não !... Pousa a cabeça em meus joelhos...
Aqui, meu cão !... Já de listrões vermelhos
O céo se illuminou.
Eis subito, da barra do occidente,
Doudo, rubro, veloz, incandescente,
O incendio que accordou !

A floresta rugindo as comas curva...
As azas foscas o gavião recurva,
Espantado a gritar.
O estampido estupendo das queimadas
Se enrola de quebradas em quebradas,
Galopando no ar.

E a chamma lavra qual giboia informe,
Que no espaço vibrando a cauda enorme,
Ferra os dentes no chão...
Nas rubras roscas estortega as mattas...
Que espadanam o sangue das cascatas
Do roto coração !...

O incendio — leão ruivo, ensanguentado,
A juba, a crina atira desgrenhado
Aos pampeiros dos céos !...
Travou-se o pugilato... e o cedro tomba...
Queimado... retorcendo na hecatomba
Os braços para Deus.

A queimada ! A queimada é uma fornalha !
A hirara pula ; a cascavel chocalha...
Raiva, espuma o tapir !
E ás vezes sobre o cume de um rochedo
A corça e o tigre — naufragos do medo —
Vão tremulos se unir !

Então passa-se ali um drama augusto...
No ultimo ramo do páo de arco adusto
O jaguar se abrigou...
Mas rubro é o céo... Recresce o fogo em mares.
E após tombam as selvas seculares...
E tudo se acabou !...

VOZES D'AFRICA

Deus! ó Deus! onde estás, que não respondes?!
Em que mundo, em que estrella tu te escondes
Embuçado nos céos?
Ha dois mil annos te mandei meu grito,
Que embalde desde então corre o infinito...
Onde estás, senhor Deus?...

Qual Prometheu, tu me amarraste um dia
Do deserto na rubra penedia,
Infinito galé!...
Por abutre — me deste o sol ardente!
E a terra de Suez — foi a corrente
Que me ligaste ao pé...

O cavallo estafado do beduino
Sob a vergasta tomba resupino,
E morre no areal.
Minha garupa sangra, a dor poreja,
Quando o chicote do simun dardeja
O teu braço eternal.

Minhas irmães são bellas, são ditosas...
Dorme a Asia nas sombras voluptuosas
Dos harens do Sultão,
Ou no dorso dos brancos elephantes
Embala-se coberta de brilhantes
Nas plagas do Indostão.

Por tenda — tem os cimos do Hymalaia...
O Ganges amoroso beija a praia
Coberta de coraes...
A brisa de Mysora o céo inflamma;
E ella dorme nos templos do deus Brahma,
Pagodes colossaes...

Europa — é sempre Europa, a gloriosa!...
A mulher deslumbrante e caprichosa,
Rainha e cortezã;
Arista — corta o marmor de Carrara;
Poetisa — tange os hymnos de Ferrara,
No glorioso afan!...

Sempre o laurel lhe cabe no litigio,
Ora uma c'rôa, ora o barrete phrygio
Enflora-lhe a cerviz;
E o universo após ella — doudo amante,
Segue captivo o passo delirante
Da grande meretriz!

. . . .

Mas eu, Senhor!... Eu triste, abandonada,
Em meio dos desertos esgarrada,

Perdida, marcho em vão!
Se choro... bebe o pranto a areia ardente!
Talvez... p'ra que meu pranto, ó Deus clemente,
Não descubras no chão!...

E nem tenho uma sombra na floresta
Para cobrir-me, nem um templo resta
No solo abrasador...
Quando subo ás pyramides do Egypto,
Embalde aos quatro céos, chorando, grito :
« Abriga-me, Senhor!... »

Como o propheta em cinza a fronte envolve,
Velo a cabeça no areal que volve
O siroco feroz...
Quando eu passo no Sahara amortalhada,
Ai! dizem : « Lá vae Africa embuçada
No seu branco albornoz... »

Nem vêem que o deserto é meu sudario,
Que o silencio campeia solitario
Por sobre o peito meu.
Lá, no solo onde o cardo apenas medra,
Boceja a Sphynge colossal de pedra,
Fitando o morno céo.

De Thebas nas columnas derrocadas
As cegonhas espiam, debruçadas,
O horizonte sem fim...
Onde branqueja a caravana errante
E o camelo monotono, arquejante,
Que desce do Ephraim...

Não basta inda de dôr, ó Deus terrivel? !...
E' pois teu peito eterno inexhaurivel
De vingança e rancor?
E o que é que fiz, Senhor? ! que torvo crime
Eu commetti jámais, que assim me opprime
Teu gladio vingador? !

Foi depois do diluvio... Um viandante,
Negro, sombrio, pallido, arquejante,
Descia do Ararat...
E eu disse ao peregrino fulminado:
« Cham, serás meu esposo bem amado...
Serei tua Eloá... »

Desde esse dia o vento da desgraça
Por meus cabellos ululando passa
O anathema cruel;
As tribus erram do areal nas vagas,
E o nomada faminto corta as plagas
No rapido corsel.

Vi a sciencia desertar do Egypto...
Vi meu povo seguir — Judeu maldito —
Trilho de perdição...
Depois vi minha prole desgraçada,
Pelas garras da Europa — arrebatada,
Amestrado falcão !...

Christo ! embalde morreste sobre um monte.
Teu sangue não lavou da minha fronte
A mancha original.
Ainda hoje são, por fado adverso,

Meus filhos — alimaria do universo...
Eu — pasto universal !...

Hoje em meu sangue a America se nutre :
— Condor, que transformára-se em abutre,
Ave da escravidão.
Ella juntou-se ás mais... irmã traidora !
Qual de José os vis irmãos, outrora,
Venderam seu irmão !

Basta, Senhor ! De teu potente braço
Role atravez dos astros e do espaço
Perdão p'ra os crimes meus !
Ha dois mil annos — eu soluço um grito...
Escuta o brado meu lá no infinito,
Meu Deus ! senhor, meu Deus !...

O NAVIO NEGREIRO

TRAGEDIA NO MAR

I

'Stamos em pleno mar!... Doudo no espaço
Brinca o luar — dourada borboleta;
E as vagas após elle correm... cansam,
Como turba de infantes inquieta!

'Stamos em pleno mar... Do firmamento
Os astros saltam como espumas de ouro...
O mar em troca accende as ardentias,
— Constellação do liquido thesouro!...

'Stamos em pleno mar!... Dois infinitos
Ali se estreitam num abraço insano...
Azues, dourados, placidos, sublimes!
Qual dos dois é o céo? Qual o oceano?

'Stamos em pleno mar... Abrindo as velas
Ao quente arfar das virações marinhas,

Veleiro brigue corre á flôr dos mares,
Como roçam na vaga as andorinhas!

Donde vem? onde vae? Das náos errantes
Quem sabe o rumo, se é tão grande o espaço!
Neste Sahara os corseis o pó levantam,
Galopam, voam, mas não deixam traço!

Bem feliz quem ali póde nest'hora
Sentir deste painel a magestade!...
Embaixo o mar... em cima o firmamento...
E no mar e no céo — a immensidade!

Ah! que doce harmonia traz-me a brisa!
Que musica suave ao longe sôa!
Meu Deus! como é sublime um canto ardente
Pelas vagas sem fim boiando atôa!

Homens do mar! O' rudes marinheiros,
Tostados pelo sol dos quatro mundos!
Crianças que a procella acalentara
No berço destes pelagos profundos!

Esperae!... Esperae!... Deixae que eu beba
Esta selvagem, livre poesia;
Orchestra — é o mar, que ruge pela prôa,
E o vento que nas cordas assobia!...

. . . .

Porque foges assim, barco ligeiro?
Porque foges do pavido poeta?

Oh ! quem me dera acompanhar a esteira
Que semelha no mar — doudo cometa !

Albatroz ! albatroz ! aguia do oceano,
Tu que dormes das nuvens entre as gazas,
Sacode as pennas, Leviathan do espaço.!...
Albatroz ! albatroz ! dá-me essas azas !...

II

Desce do espaço immenso, ó aguia do oceano !
Desce mais... ainda mais... não póde o olhar humano,
Como o teu, mergulhar no brigue voador !
Mas que vejo eu ahi? ! Que quadro de amarguras !
Que funereo cantar !... Que tetricas figuras !...
Que scena infame e vil, meu Deus ! meu Deus ! Que horror !

III

Era um sonho dantesco !... o tombadilho,
Que das luzernas avermelha o brilho,
Em sangue a se banhar !...
Tinir de ferros, estalar de açoute...
Legiões de homens negros como a noute,
Horrendos a dansar...

Negras mulheres, suspendendo ás tetas
Magras crianças, cujas boccas pretas
Rega o sangue das mães :
Outras, moças, mas nuas e espantadas,

No turbilhão de espectros arrastadas,
Em ancia e magoa vãs!

E ri-se a orchestra ironica e estridente...
E da ronda fantastica a serpente
Faz doudas espiraes...
Se o velho arqueja... se no chão resvala,
Ouvem-se gritos, o chicote estala,
E voam mais e mais!...

Prêsa nos elos de uma só cadeia,
A multidão faminta cambaleia,
E chora e dansa ali!
Um de raiva delira, outro enlouquece,
Outro, que de martyrios embrutece,
Cantando, geme e ri!

No emtanto o capitão manda a manobra,
E após fitando o céo, que se desdobra
Tão puro sobre o mar,
Diz do fumo entre os densos nevoeiros:
« Vibrae rijo o chicote, marinheiros!
Fazei-os mais dansar!... »

E ri-se a orchestra ironica, estridente!...
E da ronda fantastica a serpente
Faz doudas espiraes!...
Qual num sonho dantesco, as sombras voam!...
Gritos, ais, maldições, preces resoam!
E ri-se Satanaz!

IV

Senhor Deus dos desgraçados,
Dizei-me vós, senhor Deus,
Se é mentira... se é verdade
Tanto horror perante os céos!?
O' mar, porque não apagas
Com a esponja de tuas vagas
De teu manto este borrão?
Astros! noutes! tempestades!
Rolae das immensidades!
Varrei os mares, tufão.!..

Que importa do nauta o berço,
Donde é filho, qual seu lar?
Ama a cadencia do verso
Que lhe ensina o velho mar.
Cantae! que a morte é divina!
Resvala o brigue á bolina,
Como golfinho veloz.
Presa ao mastro da mezena,
Saudosa bandeira acena
A's vagas que deixa após!

Do hespanhol as cantilenas
Requebradas de langor,
Lembram as moças morenas,
As andaluzas em flôr!
Da Italia o filho indolente
Canta Veneza dormente,
— Terra de amor e traição,

Ou do golfo no regaço,
Relembra os versos de Tasso
Junto ás lavas do volcão!

O inglez — marinheiro frio,
Que ao nascer no mar se achou,
(Porque a Inglaterra é um navio,
Que Deus na Mancha ancorou),
Rijo entôa patrias glorias,
Lembrando orgulhoso historias
De Nelson e de Aboukir...
O francez — predestinado —
Canta os louros do passado
E os loureiros do porvir!

Os marinheiros hellenos,
Que a vaga ionia creou,
Bellos piratas morenos
Do mar — que Ulysses cortou;
Homens — que Phydias talhara,
Vão cantando em noute clara
Versos — que Homero gemeu!...
Nautas de todas as plagas,
Vós sabeis achar nas vagas
As melodias do céo!...

Quem são estes desgraçados,
Que não encontram em vós
Mais que o rir calmo da turba
Que excita a furia do algoz?
Quem são? Se a estrella se cala,
Se a vaga oppressa resvala

Como um cumplice fugaz,
Perante a noute confusa...
Dize-o tu, severa Musa,
Musa liberrima, — audaz!...

São os filhos do deserto
Onde a terra esposa a luz,
Onde vive em campo aberto
A tribu dos homens nús.
São os guerreiros ousados
Que com os tigres mosqueados
Combatem na solidão!...
Hontem simples, fortes, bravos...
Hoje miseros escravos
Sem ar, sem luz, sem razão!...

São mulheres desgraçadas,
Como Agar o foi tambem,
Que sedentas, alquebradas,
De longe... bem longe vêm!
Trazendo, com tibios passos,
Filhos e algemas nos braços,
N'alma — lagrimas e fel...
Como Agar soffrendo tanto,
Que nem o leite do pranto
Tem que dar para Ismael.

Lá... nas areias infindas,
Das palmeiras no paiz,
Nasceram — crianças lindas,
Viveram — moças gentis...
Passa um dia a caravana,

Quando a virgem na cabana
Scisma da noite nos véos...
Adeus, ó choça do monte,
Adeus, palmeiras da fonte,
Adeus, amores... adeus!...

Depois, o areial extenso.
Depois... o oceano de pó.
Depois — no horizonte immenso
Desertos... desertos só.
E a fome, o cansaço, a sêde...
Ai! quanto infeliz que cede,
E cae p'ra não mais se erguer!
Vaga um lugar na cadeia,
Mas o chacal sobre a areia
Acha um corpo que roer.

Hontem — a Serra Leôa,
A guerra, a caça ao leão,
O somno dormido atôa
Sob a tenda da amplidão!
Hoje... o porão negro, fundo,
Infecto, apertado, immundo,
Tendo a peste por jaguar...
E o somno sempre cortado
Pelo arranco de um finado,
E o baque de um corpo ao mar.

Hontem — plena liberdade,
A vontade por poder...
Hoje... cum'lo de maldade,
Nem são livres p'ra morrer...

Prende-os a mesma corrente
Ferrea, lugubre serpente,
Nas roscas da escravidão.
E assim zombando da morte,
Dansa a lugubre cohorte
Ao som do açoute... Irrisão !...

Senhor Deus dos desgraçados !
Dizei-me vós, senhor Deus,
Se é mentira... se é verdade
Tanto horror perante os céos? !...
O' mar, porque não apagas
Com a esponja de tuas vagas
De teu manto este borrão?
Astros ! noutes ! tempestades !
Rolae das immensidades !
Varrei os mares, tufão !...

V

E existe um povo que a bandeira empresta
P'ra cobrir tanta infamia e cobardia !...
E deixa-a transformar-se nessa festa
Em manto impuro de bacchante fria...
Meu Deus ! meu Deus ! mas que bandeira é esta,
Que impudente na gávea tripudia?
Silencio, Musa... chora, e chora tanto
Que o pavilhão se lave no teu pranto !...

Auri-verde pendão de minha terra,
Que a brisa do Brasil beija e balança,

Estandarte que á luz do sol encerra
As promessas divinas da esperança...
Tu que da libertade após a guerra
Foste hasteado dos heróes na lança,
Antes te houvessem roto na batalha,
Que servires a um povo de mortalha!...

Fatalidade atroz que a mente esmaga!
Extingue nesta hora o brigue immundo,
O trilho que Colombo abriu na vaga,
Como um iris no pelago profundo!
Mas é infamia de mais!... Da etherea plaga
Levantae-vos, heróes do Novo Mundo!
Andrada! arranca esse pendão dos ares!
Colombo! fecha a porta dos teus mares!

Luiz de Sousa Monteiro de Barros

(Barão de Monteiro de Barros)

1848-1896

PLENILUNIO

Noites de estio, noites silenciosas,
Em que a luz do luar imita o dia,
Como é suave á nossa phantasia
Vagar por vossas sendas luminosas!

Nada se escuta. As vagas marulhosas
Lambem de manso a negra penedia.
No céo azul os astros á porfia
Vertem no espaço lagrimas saudosas.

Por toda a parte a paz, a paz amena
Que o escravisado espirito dilata,
Livre das sombras de afflictiva pena.

Pallida lua — lampada de prata —
Leva num raio teu de luz amena
Uma saudade minha áquella ingrata!

Manoel Ramos da Costa

1849-1872

SYLVINA

Meu Deus, como passou tão repentina
De nossos sonhos a estação ridente? !
E da su'alma candida e divina
A chimera dourada, alvinitente,
Meu Deus, como passou tão repentina? !

Agora tudo é mudo e solitario,
O campo, o lago, os céos, a ventania !
Apagou-se no espaço o alampadario
Que tantas côres, tanta luz vertia !
Agora... tudo é mudo e solitario !

Meu Deus, como foi doce aquella vida !
Quantos sonhos de amor alli nasceram !
Quanto aroma na veiga florescida !
Quanta illusão nos tempos que morreram !
Meu Deus, como foi doce aquella vida !

Nossa vida ! oh ! que férvida saudade
Me punge o coração, morta criança !
Vinte annos era então a nossa idade,

A quadra dos amores, da esperança!
Nossa vida! oh! que férvida saudade!

Brincavamos no val, saltando os brejos
— Espelhos das estrellas scintillantes;
Eu tinha febre e medo, ella — desejos...
E felizes assim, longos instantes
Brincavamos no val, saltando os brejos.

Um dia... o sol raiava no Oriente,
Eu disse-lhe a tremer : — « Não vês, Sylvina,
Brilhar no espaço o olhar do Omnipotente? »
Beijou-lhe um raio a face alabastrina,
Um dia... O sol raiava no Oriente.

E ella a chorar me disse : — « O sol me mata,
A lua tem mais vida e mais poesia;
Amo da noite as lagrimas de prata! »
— « Mas que dôr te comprime ao vir o dia? »
E ella a chorar me disse : « — O sol me mata. »

Sylvina era uma flôr modesta e bella,
De folhas de ouro, de perfumes santos!
Nascêra ao vir a treva, como a estrella,
Da brisa aos beijos, do luar aos prantos...
Sylvina era uma flôr modesta e bella.

Era um anjo, um mysterio, era um perfume!
No olhar tinha dos céos a côr serena,
No labio sempre os trillos de um queixume.
Era um beijo do Eterno, uma açucena,
Era um anjo, um mysterio, era um perfume!

Meu Deus, como fugiram repentinas
Do meu primeiro amor as alvas brumas!
O céo calou as musicas divinas,
E nas praias do mar tantas espumas,
Meu Deus, como fugiram repentinas!

Um dia... o campo amanhecia em festa,
Despontava o arrebol — e ella sorrindo,
Me disse : — « Olha, não vês? o sol me cresta! »
E a morte bafejou-lhe o rosto lindo,
Um dia... O campo amanhecia em festa.

Sim, vinha o sol, e a morte tambem vinha!
No emtanto, o laranjal se abria em flores!
E a pobresinha, a misera andorinha,
Dizia adeus sorrindo aos seus amores!
Sim, vinha o sol, e a morte tambem vinha!

Nas azas ideaes de uma harmonia
Rompêra o espaço a candida criança.
Era um sylpho! era um anjo! ella fugia
Para o templo da gloria e da bonança
Nas azas ideaes de uma harmonia!

E eu, cobarde talvez, não vos maldigo,
Senhor, que eu bem conheço, a infancia dorme...
Oh! quando á noite encontro o seu jazigo,
A lucta é grande, o desespero é enorme...
E eu... cobarde talvez, não vos maldigo!

José Ezequiel Freire

1849-1891

O CAMARIM DE LUCIA

. . . .

Um leito gracioso,
— Antes concha de perola; —
Mais do que se mostrando, — adivinhado
Atravez a indiscreta transparencia
De um niveo cortinado...
Gentil, mysterioso,
— Antes ninho de passaro, —
De pequenino e alvo e tão catita!
Mais visão ideal que asylo e alcaçar
De uma moça bonita...

Escondendo-se quasi
Na frouxa claridade da penumbra;
— Antes fróco de nevoa,
De tão mimoso e fragil; — mais aereo
Mais irreal do que o afigura a idéa,
Menos realidade que mysterio...

Feito de scismas, de pureza e gaze,
De candura e innocencia
E, — como a gaze rumoreja a medo,
Quando a brisa a balança; —
Traindo phrases de uns sonhares lubricos,
Pagina aberta no mimoso enredo
De um romance de moça...

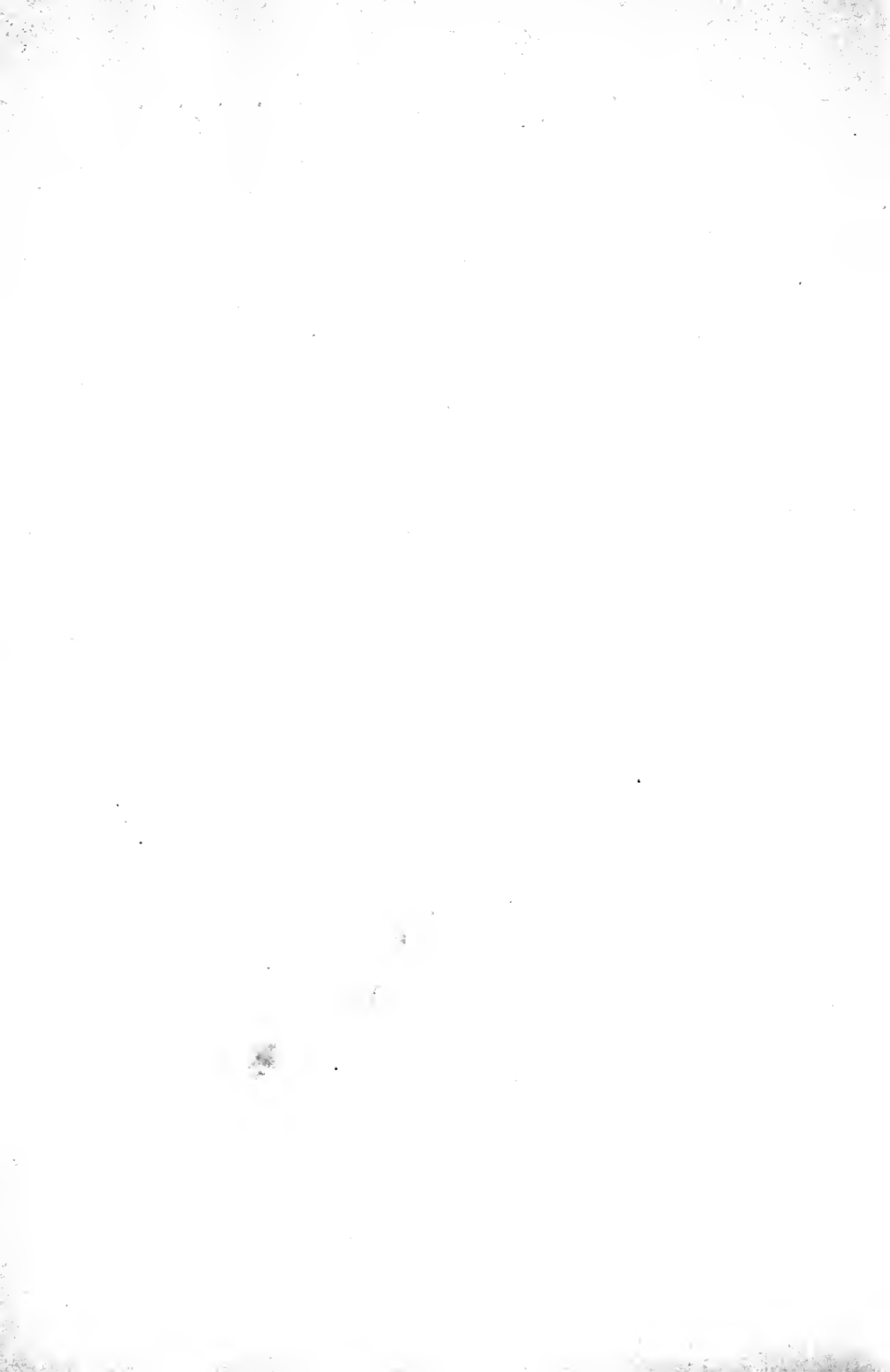
Alvo como a caçoula
De magnolia pallida,
Macio mais que o arminho alvinitente
De um berço de pellucia;
De mais que o berço, — uns longes de volupia,
De mais que a flôr — o calido bafejo
Do halito de Lucia...

. . . .

Um toucador singelo;
— Antes brinco da infancia;
Mimo de confusão, capricho artistico,
Templo do estudo e altar da faceirice,
(Denunciando o espelho irreflectido
A feminea ledice...)

Um *Heine* meio aberto a espreguiçar-se
Sobre o pallido marmor;
A brisa a despertal-o da indolencia
E, ao voltear das folhas, dispersando
As deslumbradas petalas
De uma fanada flôr, — timido symbolo
De intima confidencia...

. . . .

Disséreis a gentil miniatura
De um elegante cahos;
— As mil futilidades da costura,
— Caprichos feminis, frascos de essencia,
E — ao lado desses nadas — a brochura
De um livro de sciencia!!!

Lucio Drumond Furtado de Mendonça

1854-1909

O REBELDE

E' um lobo do mar : numa espelunca
Mora, á beira do Oceano, em rocha alpestre;
Ira-se a onda, e, qual tigre silvestre,
De mortos vegetaes a praia junca.

E elle, olhando como um velho mestre
O revoltoso que não dorme nunca,
Recurva o dedo, como garra adunca,
Sobre o cachimbo, unico amor terrestre.

E então assoma-lhe um sorriso amargo...
E' um rebelde tambem, cerebro largo,
Que odeia os reis e os padres excommunga.

A' noite dorme sem rezar : que importa?
Enorme cão fiel, guarda-lhe a porta
O velho mar soturno que resmunga.

O CAVALHEIRO DO LUAR

Estava Julia, á noite, na janella,
Numa noite lindissima de lua,
Embevecida no amoroso encanto
Que no ambiente magico fluctua.

Então, como num sonho,
Embaixo, pela rua,
Passava estranho moço,
Bello ao clarão da lua.

Era noite de festa no castello,
Uma noite lindissima de lua,
Julia estava com o noivo na janella,
Presas as mãos, a face unida á sua.

Então, como n'um sonho,
Embaixo, pela rua,
Passava estranho moço,
Triste ao clarão da lua.

Era noite de luto no castello,
Uma noite lindissima de lua.
Estava Julia morta no seu leito,
Velava o noivo, na amargura crua.

Então, como num sonho,
Embaixo, pela rua,
Passava estranho moço,
Alvo ao clarão da lua.

FLOR DE IPÊ

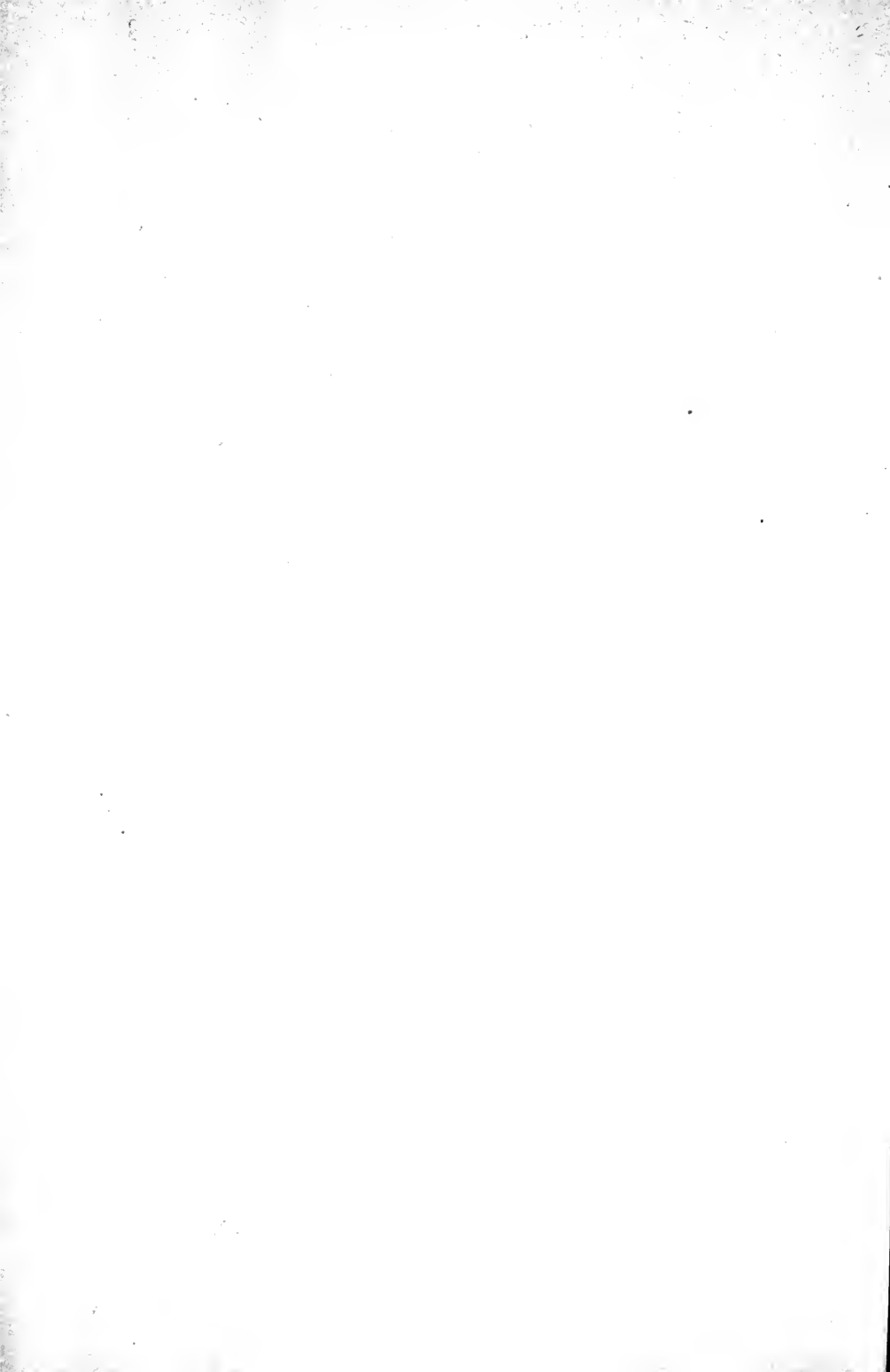
Na clara estação gorgeiada,
Em flôr o ipê se desata;
O' bella arvore dourada!
O' loura filha da matta!
O tronco, o pae, se revê,
Todo ufano, todo zelos,
Nesses teus aureos cabellos,
Que o sol beija, ó flôr de ipê!

As albelhas, joias vivas,
Adereçam-te o toucado;
Diz-te phrases expressivas
O sabiá namorado;
De ramo em ramo o tiê
Cae, como gotta de sangue;
E a *coral* se enrosca langue
Nos teus braços, flôr de ipê!

Mas, ai! tanta formosura,
Tão festejada e querida,
Pouco tempo vive e dura,

Logo cae a flôr sem vida;
E sombrio e nú se vê,
Mudo, tragico, isolado,
Como um pae desamparado,
O velho tronco do ipê.

Na alegre quadra encantada
Dos sonhos e da esperança,
Vestiu-te a illusão dourada
O coração de criança;
Surgiu-te — meu Deus! porque? —
Ante os passos peregrinos
Criança de olhos divinos,
Loura como a flôr do ipê.

Sonhos de que te cobriste,
Coração em primavera,
Cairam todos, ai, triste!
Quanta dourada chimera!
Eis-te da sorte á mercê,
Já sem viço, já sem flôres...
Aquelles pobres amores
Foram como a flôr do ipê!

Francisco Antonio de Carvalho Junior

1855-1879

LUSCO-FUSCO

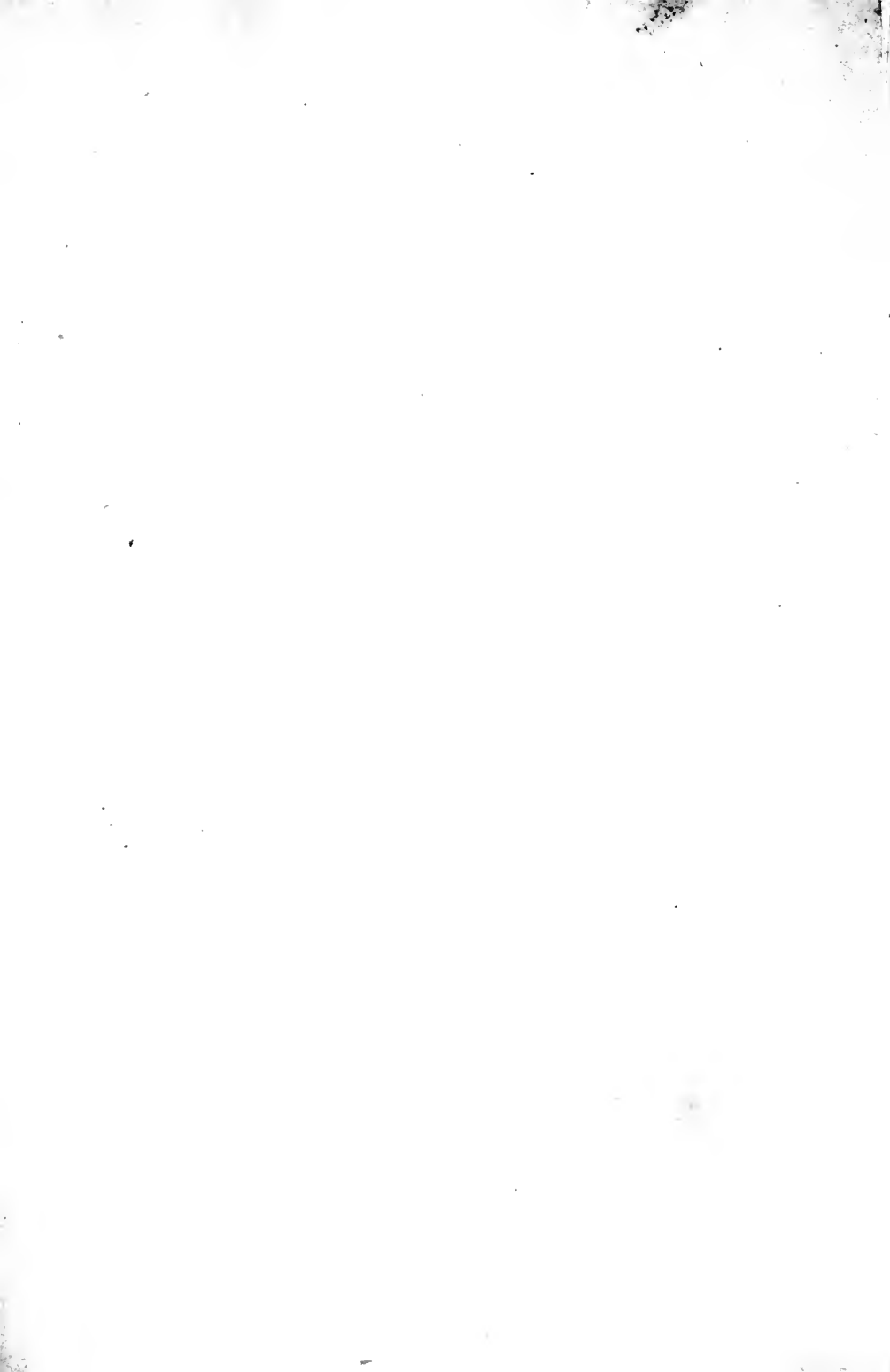
Da alcova na penumbra andavam fluctuando
Em tenue confusão phantasmas indecisos,
Gerádos ao fulgor da luz reverberando
Nos limpidos crystaes e nos dourados frisos.

Era como um *sabbat* phantastico e nefando!
Das velhas saturnaes talvez tivesse uns visos
A enorme projecção das sombras vacillando
Esguias e subtis sobre os tapetes lisos.

Havia no ambiente uns morbidos perfumes;
Os bronzes, os *biscuits* se olhavam com ciumes,
Nos *dunkerques*, de pé, por dentro das redomas.

Emquanto eu, sem temor, ao lado de uma taça,
Um conto oriental relia entre a fumaça
De um charuto havanez de excentricos aromas.

Arthur Nabantino Gonçalves Azevedo

1855-1908

Á MINHA NOIVA

« Tu és flôr; as tuas petalas
Orvalho lubrico molha;
Eu sou flôr que se desfolha
No verde chão do jardim. »
Têm por moda agora os lyricos
Versos fazer neste estylo...
— Tu és isto, eu sou aquillo,
Tu és assado, eu assim...

A's negaças deste genero,
Carlotinha, não resisto;
Vou dizer que tu és isto,
Que aquillo sou vou dizer;
Tu és um pé de camelia,
Eu sou triste pé de alface,
Tu és a aurora que nasce,
Eu sou fogueira a morrer.

Tu és a vaga pacifica,
Eu sou a onda encrespada,
Tu és tudo, eu não sou nada,

Nem por descuido doutor;
Tu és de Deus uma lagrima,
Eu sou de suor um pingo,
Eu sou no amor o gardingo,
Tu Hermengarda no amor.

Os factos restabeleçam-se,
O' dona dos pés pequenos:
Eu sou homem — nada menos,
Tu és mulher — nada mais;
Eu sou empregado publico,
Tu minha noiva bem cedo,
Eu sou Arthur Azevedo,
Tu és Carlota Moraes.

No dia em que da terra te sumiram,
Eu fui ver-te defunta sobre a eça...
Fechados para sempre, oh! sorte avessa!
Aquelles olhos que me seduziram.

A' luz do sol uma janella abriram,
E o jardim avistei onde, ó condessa,
Uma noite perdemos a cabeça,
E as estatuas de marmore sorriram.

Saiste por aquella mesma porta
Onde outrora teus beijos me esperavam,
Cheios do amor que ainda me conforta.

Quando o jardim saudoso atravessavam
Seis homens com o esquife em que ias morta,
As estatuas de marmore choravam.

ETERNA DOR

Já te esqueceram todos neste mundo...
Só eu, meu doce amor, só eu me lembro
Daquella escura noite de Setembro,
Em que da cova te deixei no fundo.

Desde esse dia, um látego iracundo
Açoitando-me está membro por membro,
Por isso que de ti não me deslembro,
Nem com outra te meço ou te confundo.

Quando, entre os brancos mausoléos, perdido,
Vou chorar minha acerba desventura,
Eu tenho a sensação de haver morrido;

E até, meu doce amor, se me afigura,
Ao beijar o teu tumulo esquecido,
Que beijo a minha propria sepultura.

ARRUFOS

Não ha no mundo quem amantes visse
Que se quizessem como nos queremos...
Um dia uma questiuncula tivemos
Por um simples capricho, uma tolice.

— « Acabemos com isto ! » ella me disse,
E eu respondi-lhe assim — « Pois acabemos ! »
E fiz o que se faz em taes extremos :
Tomei do meu chapéo com fanfarrice,

E, tendo um gesto de desdem profundo,
Sai, cantarolando... (Está bem visto
Que a fórma, ahi, contrafazia o fundo.)

Escreveu-me... Voltei. Nem Deus, nem Christo,
Nem minha mãe volvendo agora ao mundo,
Eram capazes de acabar com isto !

NÃO MORRAS

Muitas vezes sorrindo me perguntas :
Se eu morrer hoje, meu querido amigo,
Fazes-me uns versos, fazes-me um artigo?
E eu te respondo : — As duas cousas juntas.

No emtanto fel ao meu peccado ajuntas
Se assim te pões a gracejar commigo.
Não poderia ver o teu jazigo,
Como o jazigo vi de mil defuntas !

Ai ! não, não morras, pallida formosa,
Porque a morte inimiga, escura e fria,
Fôra indiscreta, fôra temerosa !

Se tu morresses, eu tambem morria,
E a minha dôr, acerba e escandalosa,
O teu cadaver comprometteria !

ALICE

I

Num precipicio sentada,
Vi-te um dia descuidada,
Tranquillamente a scismar;
Molhavam-te os pés mimosos,
Descalços e melindrosos,
Perfidas aguas do mar.

Inda eras muito criança;
Eras a meiga esperança
De uma formosa mulher;
Deslisavam-se os teus dias
Sob um céo de louçanias,
Sem uma nuvem sequer.

Em que pensavas, Alice?
Talvez numa gulodice...
Numa boneca, talvez...
Num anjo que viste em sonhos
E tinha uns olhos risonhos,
E mil carinhos te fez...

Eu que tinha mais juizo,
Que era um sujeito de sizo,
Muito mais velho que tu,
Ao precipicio arranquei-te,
Onde por mero deleite
Punhas o pésinho nú.

II

Já se passaram doze annos
E outros tantos desenganos
Depois que o facto se deu...
Hoje estás uma senhora...
Tens um esposo que te adora...
Um pouco menos do que eu.
E's elegante; frequentas
As salas mais opulentas,
Do high-life os aureos salões;
E ouves, muito compassiva,
A rhetorica nociva
De irresistiveis leões...

Tudo isso te compromette...
Se já te chamam coquette!
Se, na rua do Ouvidor,
Em certo grupo, diziam
Que em teus labios se saciam
Labios sedentos de amor!
Não sei, Alice, se erraste;
Não sei se as azas manchaste
Mais alvas que a flôr de liz.

Sei que te mostras affavel
Quando um leão desfructavel
Frivolidades te diz...

III

Oh! se eu pudesse, senhora...
Se eu pudesse, como outrora,
A grande quéda evitar,
Desviando os teus pés mimosos,
Descalços e melindrosos,
Das aguas negras do mar!...

Theophilo Dias de Mesquita

1857-1889

A VOZ

Vibra na tua voz, de um perfido attractivo,
Um rythmo fatal, dissolvente, impressivo,
Que me accelera o impulso ao sangue impetuoso,
E docil ao seu timbre electrico, expressivo,
Meu ouvido o reflecte, em fremito nervoso.

No som dominador, na imperiosa ternura,
Exhala sensações funestas: — a loucura,
A vertigem, a febre, e — estranha phantasia!
A embriaguez cruel, que affaga, e que tortura,
Um philtro musical, um vinho de harmonia.

Exerce sobre mim um brando despotismo,
Que me orgulha, e me abate; — e ha nesse magnetismo
Uma força tamanha, uma electricidade,
Que me fascina e prende ás bordas de um abysmo,
Sem que eu tente fugir, — inerte, sem vontade.

Assim como o pendor, facil, accidentado,
De rocha de crystal, que a lympha tem cavado,
Presta á onda, que o mina, o voluptuoso dorso,

Por onde ella espreguiça o corpo perfumado,
Indolente, a rolar, sem o minimo esforço:

Não de outro modo, assim, ao som de tua fala,
Ha um declive doce, extatico, que embala,
No fundo de minh'alma, a tua voz tremente,
Que em meandros subtis, invisiveis, resvala
E penetra-lhe o abysmo harmoniosamente.

SAUDADE

A saudade da amada creatura
Nutre-nos na alma dolorido gozo,
Uma ineffavel, intima tortura,
Um sentimento acerbo e voluptuoso.

Aquelle amor cruel e carinhoso
Na memoria indelevel nos perdura,
Como acre aroma absorto na textura
De um cofre oriental, fino e poroso.

— Entranha-se, invetera-se, — de geito
Que do tempo ao volver, lento e nocivo,
Resiste; — e ainda mil pedaços feito

O ligneo carcer, que o retem captivo,
Cada parcella reproduz perfeito
O mesmo aroma, inalteravel, vivo.

O RIO E O VENTO

Muitas vezes se vê, sobre os rios do Norte,
Na quadra em que o calor abafa mais ardente,
Horrisono tufão rugir, sanhudo e forte,
Em direcção contraria á indomita corrente.

Freneticos pegões, com impavidos roncos,
Arrancados com furia ás validas entranhas,
No impetuoso correr lascam os velhos troncos,
E fazem desabar as pedras das montanhas.

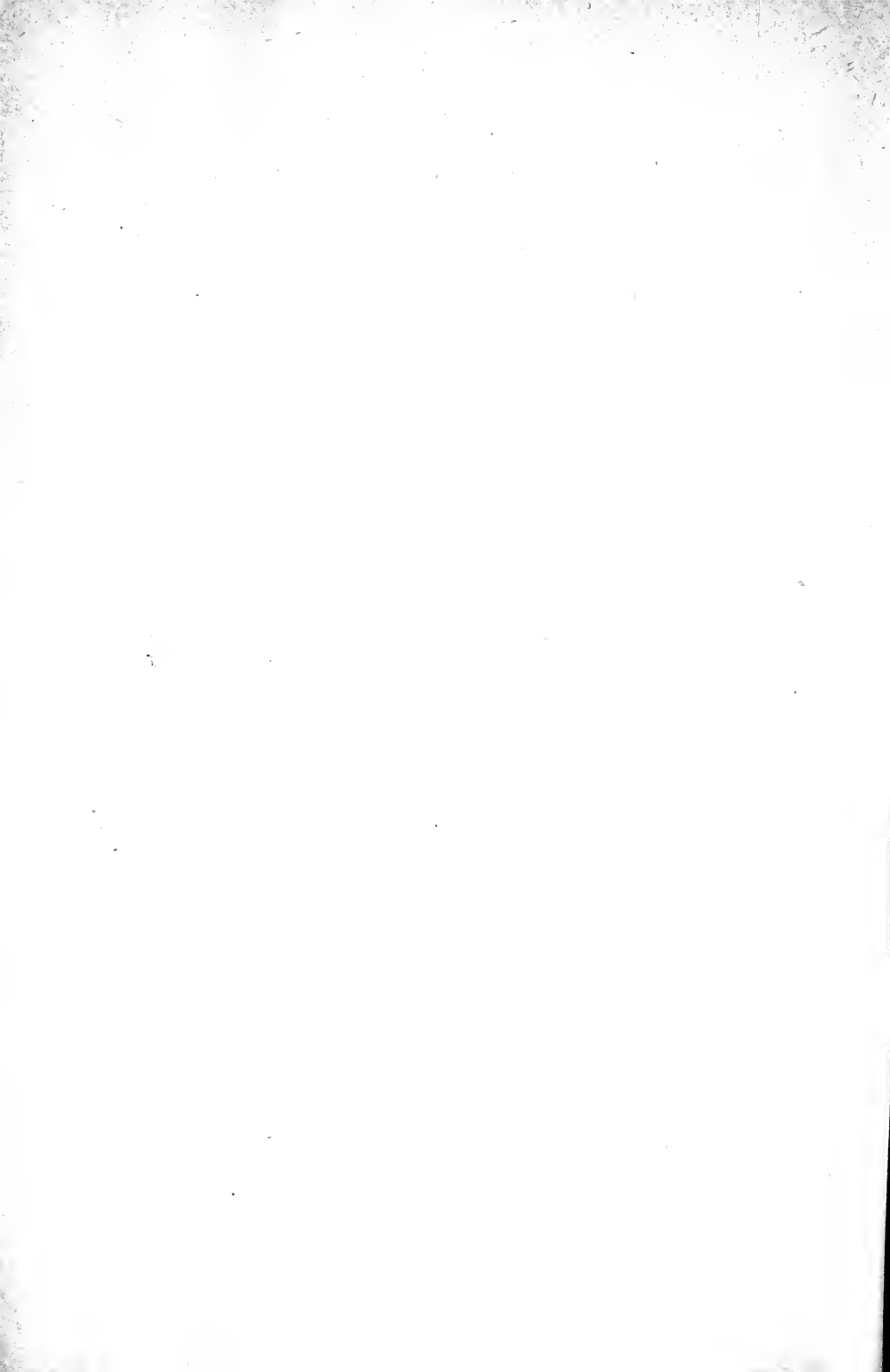
De encontro ás aguas rúe a turbida descarga,
E em brusco assalto ferve, e remoinha e brama;
— Sem colera, encrespando a superficie larga,
Atravez da floresta o rio se derrama.

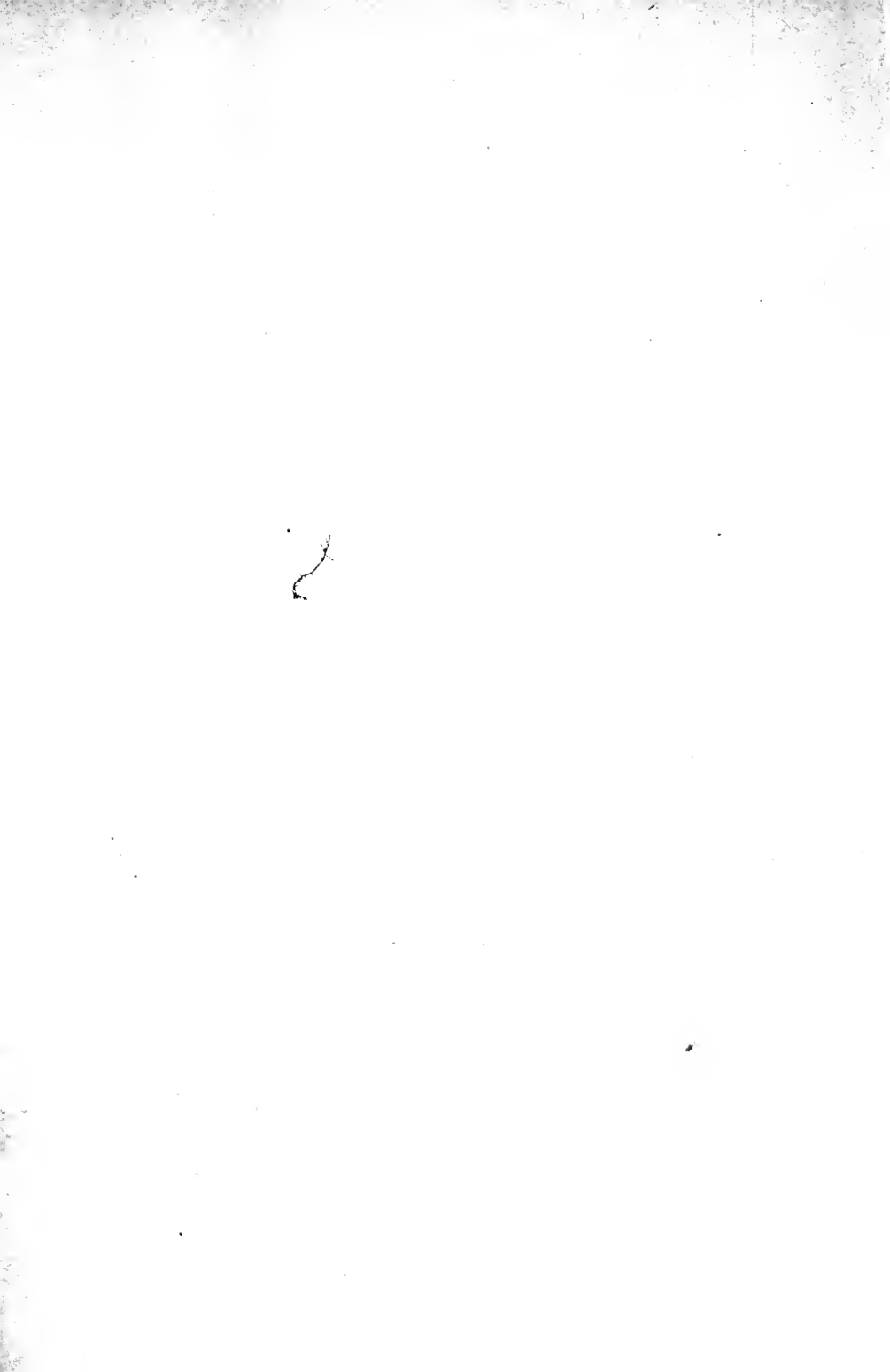
Como um athleta, o vento, em porfiado esforço,
Cava a humida arena; — o rio, que se empóla,
Sob a affronta erriçando o magestoso dorso,
Com lento passo igual á rude massa róla.

Apenas, nesse dorso herculeo, que fumega,
Brincam da espuma errante os fervidos matizes,
E elle vae fecundando as regiões, que rega,
Nutrindo e avigorando as sofregas raizes.

Ideal! ideal! tu és como esse rio!
— Sem ouvir o clamor dos sceptros, das thiaras,
Com grave placidez, imperturbavel, frio,
Vaes rolando em triumpho as tuas ondas claras.

Embalde sobre ti a bava dos insultos
O preconceito cospe, e golfeja a insolencia:
— Vaes nutrindo de amor os corações incultos,
Fecundando o dever em cada consciencia.

Fatigando ao passado a resistencia, a furia,
Marchas para o futuro inalteravelmente;
Não te póde sustar a força, nem a injuria:
— O tufão não suspende aos rios a corrente!

Adelino Fontoura

1859-1884

CELESTE

E' tão divina a angelica apparencia,
E a graça que illumina o rosto della,
Que eu concebera o typo da innocencia
Nessa criança immaculada e bella.

Peregrina do céo, pallida estrella,
Exilada da etherea transparencia,
Sua origem não póde ser aquella
Da nossa triste e misera existencia.

Tem a celeste e ingenua formosura
E a luminosa aureola sacrosanta
De uma visão do céo, candida e pura;

E quando os olhos para o céo levanta,
Inundados de mystica doçura,
Nem parece mulher, — parece santa.

BEATRIZ

Beatriz ! Beatriz ! sombra querida,
Branca visão que em toda parte vejo,
E's a ventura unica que almejo,
Que outra igual me não fôra concedida.

Meu amor, minha crença e minha vida,
Todo bem com que sonho e que antevejo,
Tudo que aspiro e tudo que desejo,
A ti te devo, ó alma commovida !

Do meu amor não saibas, todavia,
Pois que se igual amor te não mereço,
Antes quero cuidar que o merecia.

Succumbirei á dor de que padeço;
Se tal fraqueza chamam cobardia,
Eu serei um cobarde por tal preço !

DESPEDIDA

Venho ensopar de lagrimas o lenço
No tristissimo adeus da despedida;
Em breve a patria vou deixar perdida
Além, na curva do horisonte immenso.

Em breve, sobre o mar profundo e extenso,
Adejará minh'alma dolorida,
Como a gaivota errante e foragida
Sem ter um ninho onde pousar, suspenso.

Então, senhora, hei de pensar tristonho,
Revendo a vossa angelica bondade,
Neste ninho de amor, calmo e risonho.

E triste, sobre a triste immensidade,
Como quem despertou de um ledo sonho,
Hei de chorar o pranto da saudade.

FRUCTO PROHIBIDO

Escravo dessa angelica meiguice
Por uma lei fatal, como um castigo,
Não abrigara tanta dôr commigo,
Se este affecto que sinto não sentisse.

Que te não dôa emtanto isto que digo,
Nem as magua das falas que te disse;
Não t'as dissera nunca, se não visse
Que, com dizel-as, minha dôr mitigo.

Longe de ti, sereno e resoluto,
Irei morrer, miserrimo, esquecido,
Mas hei de amar-te sempre, anjo impolluto.

E's para mim o fructo prohibido;
Não pousarei meus labios nesse fructo,
Mas morrerei, sem nunca ter vivido!

ATTRACÇÃO E REPULSÃO

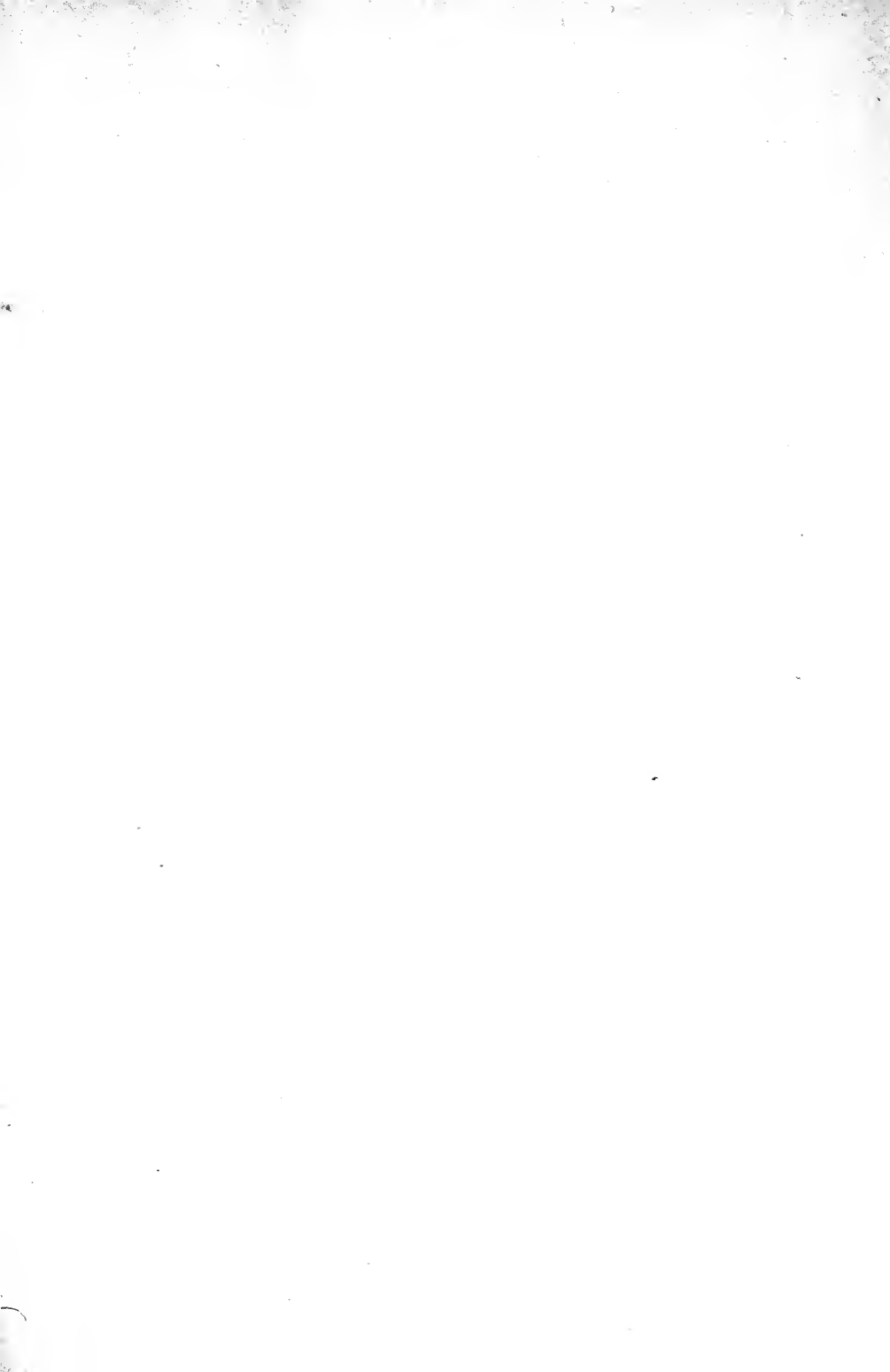
Eu nada mais sonhava nem queria
Que de ti não viesse ou não falasse;
E como a ti te amei, que alguèm te amasse
Cousa incrivel até me parecia.

Uma estrella mais lucida eu não via
Que nesta vida os passos me guiasse,
E tinha fé, cuidando que encontrasse,
Após tanta amargura, uma alegria.

Mas tão cedo extinguiste este risonho,
Este encantado e deleitoso engano,
Que o bem que achar suppuz, já não supponho.

Vejo, emfim, que és um peito deshumano;
Se fui té junto a ti de sonho em sonho,
Voltei de desengano em desengano.

Antonio Valentim da Costa Magalhães

1859-1903

VISITA A UM TUMULO

Tudo é paz; tudo repousa,
A propria luz, merencoria,
Parece querer fugir...
A cada passo uma lousa,
E em cada lousa uma historia
E um coração a dormir...

Quantos mundos de ventura,
Quantos aureos paraizos,
Quanta illusão, quanto amor
Não devora a sepultura :
Livro de prantos e risos,
Sem leitores, sem auctor.

E', todavia, um piedoso
E doce consolo á magua
Que n'alma a saudade faz,
Desse livro mysterioso,
Ler, com os olhos rasos d'agua,
Na capa o triste — « Aqui jaz. »

Duas palavras apenas,
Que são duas martelladas
Profundas, longas, crueis...
E adeus, illusões serenas,
Adeus, crenças estrelladas,
Adeus, sonhos infieis!

Tudo afundam, quebram tudo!
De uma vida, ha pouco em flores,
Fazem um pouco de pó.
Depois... um deserto mudo,
Em que só vegetam dores
E correm lagrimas só.

A' noite, á lua tristonha,
Pallidos lumes escassos
Tremem sobre os mausoléos...
Cada marmore então sonha,
Frios olhos, petreos braços
Erguem-se lentos aos céos.

Dormem villas e cidades...
Silencio enorme! no emtanto,
Eis surgem brancas visões...
São as pallidas saudades
Que vêm visitar em pranto
Esses mortos corações.

Como as saudades, agora,
Vou, de saudades pungido,
Um coração visitar;
Coração morto na aurora,

Quando ia, alegre e querido,
Abrir as azas, voar!

Vou levar-lhe este punhado
Das lindas flores singelas
Que tanto no mundo quiz;
No seu tumulo gelado,
Aos olhares das estrellas,
Talvez a façam feliz.

Coitada! passou na terra
Como irisada phalena
Que numa luz se perdeu;
Dos homens por entre a guerra
Passou, candida e serena:
Cantou, sorriu... e morreu.

Quem foi? Um sorriso, um hymno,
Uma benção consolante...
Uma estrella, um rouxinol.
Fez de um lar — pouso divino,
Que sem seu olhar brilhante,
E' como um dia sem sol.

Vou levar-lhe este punhado
Das lindas flores singelas
Que tanto no mundo quiz;
No seu tumulo gelado,
Aos olhares das estrellas,
Talvez a façam feliz...

DOLOROSA

Como essas velhas santas dos altares,
Pallida estás, e esguia como os cirios;
Tens nos maguados olhos singulares
Relampagos de sonhos e martyrios.

Nas ondas brancas dos lençóes revoltos
Pareces afogar-te, pomba mansa,
As mãos pendidas, os cabellos soltos,
Num abandono de desesperança.

Immerges vagarosa, tristemente,
Gemendo apenas, naufraga da dôr,
Mas esperando, numa crença ardente,
A todo instante o lenho salvador.

Ha quantos mezes em teu corpo airoso
A que a alegria as azas emprestava,
Se insinuara um mal insidioso,
Que te fez, pobre amiga, sua escrava!

Ha quantos mezes que, pregada ao leito,
Na sombra de uma camara, padeces;
E cada vez mais se te opprime o peito,
E mais gemes e mais empallideces!

Da febre as garras rasgam-te, candentes,
As visceras, e eu sinto-te escaldar,
Ouço-te as tristes falas incoherentes,
Vejo-te o seio férvido offegar.

E as mãos torcendo e os prantos engulindo,
Quedo-me ao lado teu sem poder nada;
Contemplo, mudo, o teu soffrer infindo,
E sinto a alma transida, enregelada.

Não raro, tristemente o olhar erguendo,
Amargurado, e a bocca descerrando,
« Oh! Deus! — perguntas — porque estou soffrendo?
Que delicto ou peccado estou purgando?! »

O de haveres nascido, amada minha.
Já que Deus não te póde responder,
Respondo-te eu : — « O crime da avesinha,
O imperdoavel crime de nascer! »

Soffrem as mães, aos filhos dando vida,
E estes compartem do soffrer materno;
Se o prazer pouco dura, a dôr, querida,
Cada breve minuto torna eterno.

Não julgues penas as horriveis dôres
Que no teu leito curtes, dolorosa,

Deus não póde punir anjos e flôres :
Pois não foi elle que te fez e a rosa?

Soffremos todos os que te adoramos,
Vendo-te assim soffrer, meu doce amor.
E's uma santa, sim, que te enxergamos
Em torno á fronte a aureola da dôr.

Sebastião Cicero de Guimarães Passos

1867-1909

BARCAROLA

Na casa branca da serra
Que eu fitava horas inteiras,
Entre as esbeltas palmeiras
Ficaste, calma e feliz.
Ahi, teu peito me déste,
Quando pisei tua terra;
Ahi, de mim te esqueceste,
Quando deixei meu paiz.

Nunca te visse eu, formosa,
Nunca comtigo falasse!
Antes nunca te encontrasse
Na minha vida enganosa!
Porque não se abriu a terra,
Porque os céus não me puniram,
Quando meus olhos te viram,
Na casa branca da serra?

Olhaste-me um só momento,
E desde esse triste instante,

Tu me ficaste constante
Na vista e no pensamento;
E, mesmo, se não te via,
Eu passava horas inteiras,
Vendo-te a sombra erradia
Entre as esbeltas palmeiras...

Falei-te uma vez, e calma
Tu me escutaste, mas logo
Abrasou-se tua alma ao fogo
Que lavrava na minh'alma;
Transfigurada e feliz,
« Sou tua »! tu me disseste...
Depois... de mim te esqueceste,
Quando deixei meu paiz.

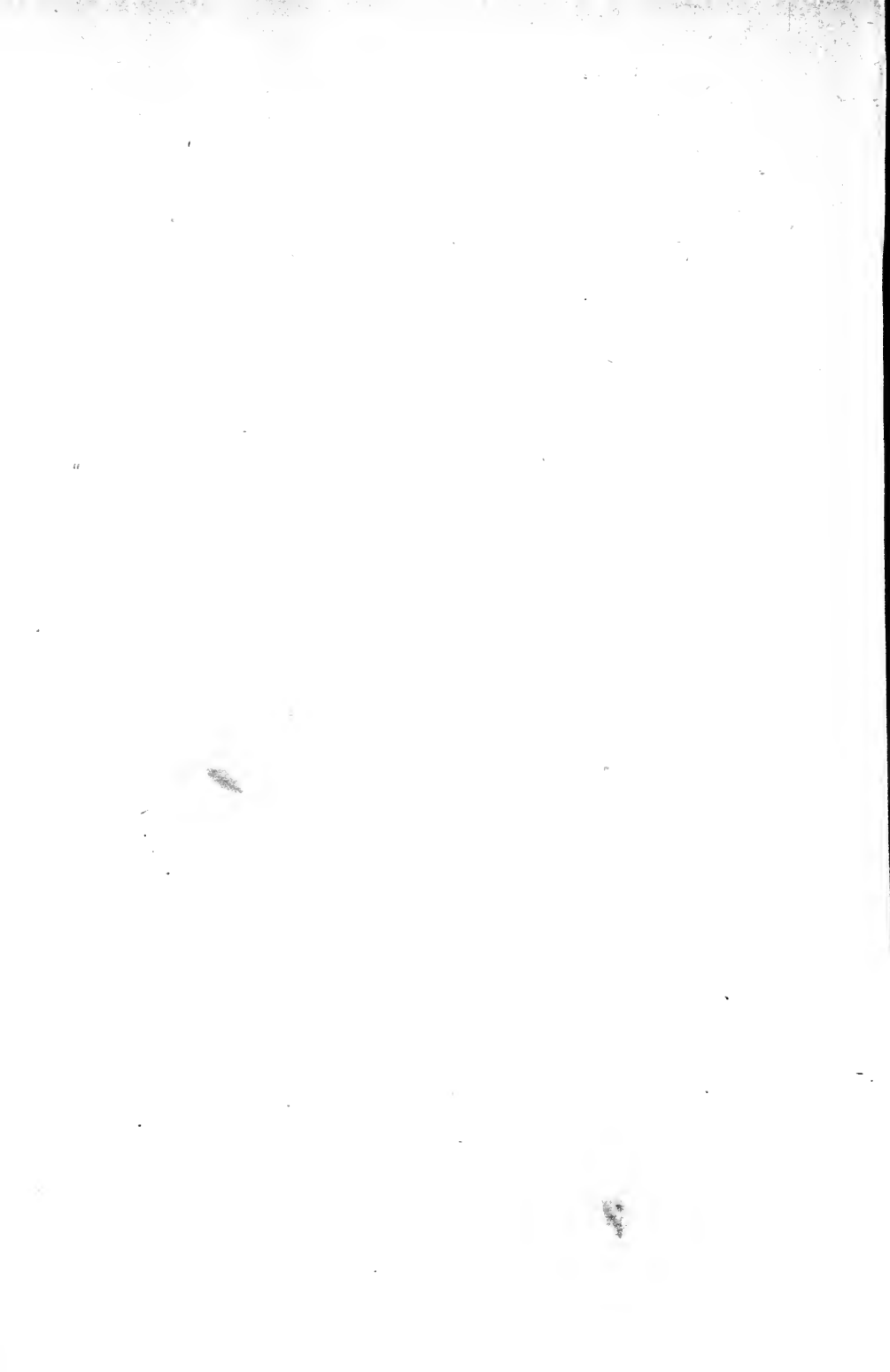
Embora tudo!... Bemdigo
Esta ditosa lembrança,
Que, sem me dar esperança,
Une-me ainda comtigo...
Bemdigo a casa da serra,
Bemdigo as horas fagueiras,
Bemdigo aquellas palmeiras,
Querida, da tua terra!

MYSTICA

Como aerea visão, leve e formosa,
Que só aos sonhos dos amantes desce,
Assim ante os meus olhos apparece
A sua imagem doce e luminosa.

Tão pouco nos falamos que, parece,
Quando lhe vejo a fórma vaporosa,
Que a vejo morta, e que ella vem, chorosa,
Pedir-me ainda a derradeira prece.

Olho-a cheio de magua e de carinho;
Beijo-a, e o meu beijo perde-se na altura,
Como um canóro passaro sem ninho.

E aos poucos, vejo-a, muda, entre outras bellas,
Subindo ao céu com as azas da candura,
Coroada de um circulo de estrellas.

Pedro Rabello

1868-1906

MANGUEIRA VELHA

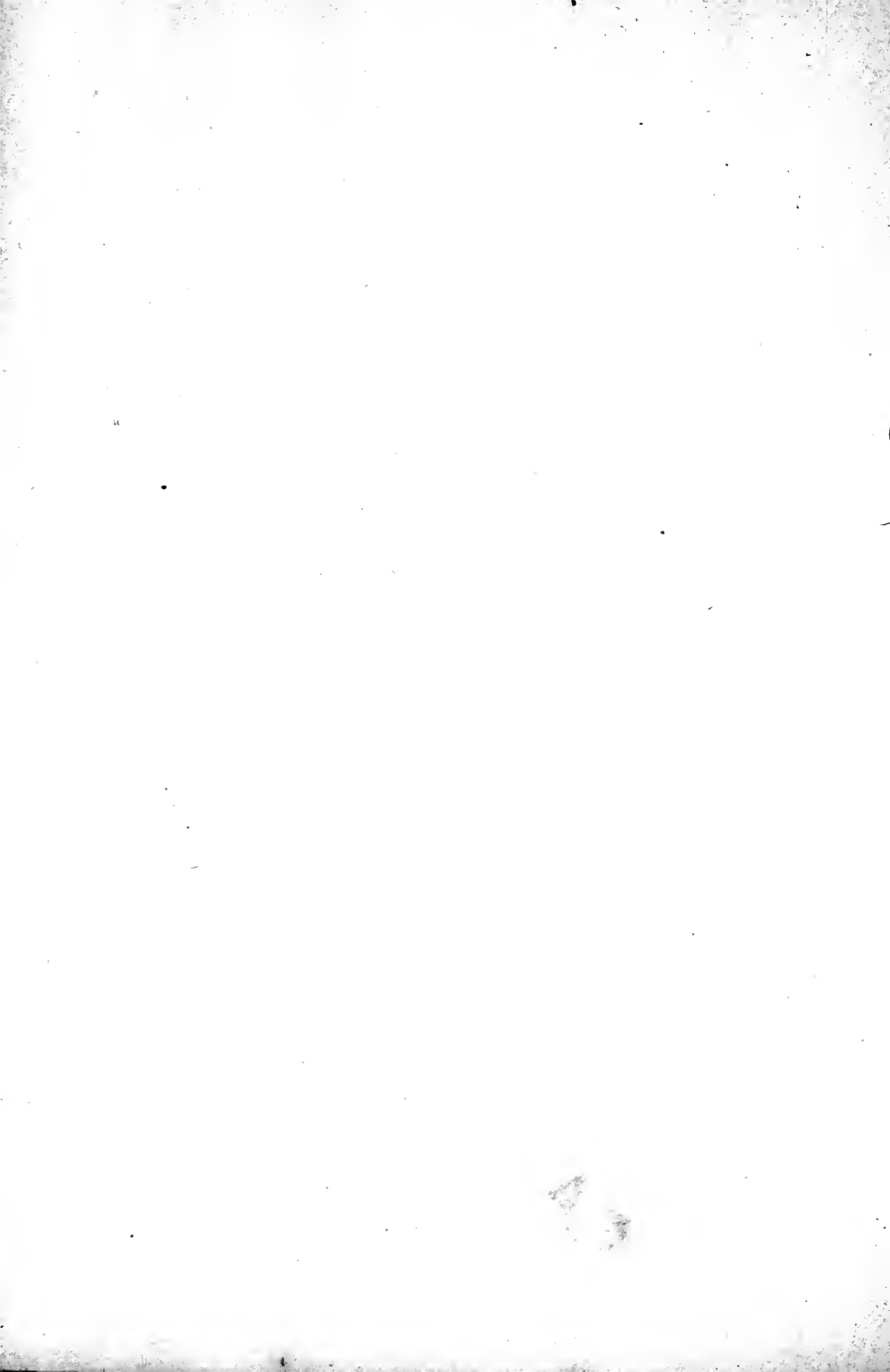
Foi aqui. Neste tronco hirsuto, certo dia,
Viemos a data abrir das primeiras promessas...
Para nol-as dourar, sobre nossas cabeças,
Do alto o sol atravéz das arvores descia.

Contemplamo-nos. Tu, cujo rosto sorria,
« Não me esqueças », disseste, e eu disse : « não me esqueças ! »
E afastamo-nos, pois que de tua casa, ás pressas,
Vinham todos os teus procurar-te, Maria.

Esqueceste-me. O sol que as nuvens avermelha,
Não nos viu nunca mais namorados e ufanos...
Breves annos o nosso eterno amor findaram...

Seja sempre abençoada esta mangueira velha !
Esta que inda o conserva atravéz de dez annos,
Mais do que nossos dois corações o guardaram.

João Antonio de Avezado Cruz

1870-1905

PSALMO

O desenlace foi assim :
Vinha raiando a madrugada,
Quando ella triste e desolada,
Olhos maguados para mim...
Vinha raiando a madrugada.

Ambos estavamos a sós,
Ella esqueletica, mirrada,
Quasi sumida entre os lençóes...
Vinha raiando a madrugada.

Anoitecia em seu olhar
E eu tinha a voz entrecortada
De soluçar... de soluçar...
Vinha raiando a madrugada.

E melancholisava o ar
Uma nostalgica toada
De marinheiros, sobre o mar.
Vinha raiando a madrugada.

Inoffensiva, immaculada
Pomba sem fel, martyrio meu.
Vinha raiando a madrugada...
E foi assim que ella morreu!!

FIM

NOTA

Fr. José de Santa Rita Durão

1717 a 1720 — 1784

Lê-se nas *Ephemerides mineiras*, de José Pedro Xavier da Veiga, vol. 1º, pag. 81; « Os estudos biographicos relativos a Santa Rita Durão, publicados por Innocencio Francisco da Silva, Francisco Ádolpho de Varnhagen (Visconde de Porto Seguro), Dr. Joaquim Manoel de Macedo, e outros, são lacunosos nos pontos alludidos. O Sr. conselheiro J. M. Pereira da Silva, visando, nos *Varões illustres do Brasil*, preencher a respeito as sensiveis lacunas do seu *Plutarco Brasileiro*, pôde referir acertadamente os nomes dos progenitores do poeta mineiro, mas em outras indicações que accrescentou, não foi bem inspirado, caindo em enganos manifestos, quer assignando positivamente o anno de 1737 como o do nascimento de Santa Rita Durão, quer quando escreveu o trecho seguinte : « No anno de 1758, conhecendo que a sua vocação o chamava ao claustro, e harmonisavam os seus gostos e genio com a solidão do estudo, professou na ordem dos Eremitas de Santo Agostinho ».

São inexactas ambas as indicações.

Temos á vista certidão authentica do testamento com que falleceu o sargento-mór Paulo Rodrigues Durão, feito e assignado a 4 *de Maio de* 1743. E' documento ine-

dito e que ora serve para a presente rectificação de erros antigos e repetidos. Lê-se ahi o seguinte : « Declaro que sou casado com D. Anna Garcez de Moraes por carta de ametade. Declaro que dentre ambos temos tido quatro filhos, um que falleceu no Reino, por nome Paulo, *outro por nome José, que se acha religioso de Santo Agostinho e se chama Frei José de Santa Rita,* outro filho por nome Joaquim, ainda moço, e uma filha por nome D. Maria Theresa, que se acha casada com Francisco Velloso de Miranda. *Declaro que para entrar o dicto meu filho José na Religião dos Eremitas de Santo Agostinho,* se fez contracto com a dita Religião de ceder esta das legitimas que lhe podiam tocar por minha morte e de minha mulher, recebendo oitocentos mil reis, que com effeito logo recebeu, e com a obrigação mais de entregar a Religião o capital para uma tença para o dito meu filho de sessenta mil reis em quanto vivo, com que a Religião lhe assistirá, ficando por sua morte logrando o capital e desobrigada da tença. Ordeno que no caso que antes de meu fallecimento se não haja remettido o capital para a dita tença á referida Religião, meus testamenteiros o remettam logo, na forma do dito contracto que se fez por escriptura. »

Fica, pois, demonstrado — conclue Xavier da Veiga — não só que Santa Rita Durão professou na Ordem dos Eremitas de Santo Agostinho muito antes de 1758, pelo menos quinze annos, como tambem que o seu nascimento foi igualmente *muito anterior a* 1737, por quanto desta data á do testamento referido (1743), epoca em que elle já havia professado, medeiam apenas seis annos. O nascimento occorreria talvez pelos annos de 1717, ou nos seus immediatos ». Recuando assim no tempo o anno natalicio do auctor do *Caramuru,* é de justiça lembrar que Innocencio da Silva já em 1860, no *Diccionario bibliographico,* tomo 5º, pag. 113, conjecturava haver tido lugar o nascimento do nosso poeta entre 1718 e 1720. Da lei-

tura das *Memorias obituarias dos Padres Gracianos que foram escriptores,* colligidas no fim do seculo XVIII por Pedro José de Figueiredo, verificou mais Innocencio que Frei José de Santa Rita Durão professou a regra de Santo Agostinho no convento da Graça, de Lisboa, a 12 de Outubro de 1738, nas mãos do prior Frei Francisco de Vasconcellos, sendo provincial Frei Miguel do Canto; que merecera pelos seus estudos e grande talento o grao de mestre, e pela Universidade de Coimbra o de doutor em theologia; e que se finara no Collegio de Santo Agostinho a 24 de Janeiro de 1784.

Rectificada, pois, a data de nascimento de Santa Rita Durão, fica sendo elle o mais antigo representante da Escola Mineira.

ÍNDICE